

Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Marta Alexandra da Costa Sá

**A Valorização Turística do Património Cultural:
O Museu da cidade de Barcelos**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Património e Turismo Cultural

Trabalho Efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Manuel Morais Lopes Cordeiro
e do
Doutor Victor Manuel Martins Pinho da Silva

Declaração

Endereço eletrónico: martasa76@sapo.pt

Telefone: 965213716

Número do Bilhete de Identidade: 10856126

Dissertação: A Valorização Turística do Património Cultural: O Museu da cidade de Barcelos

Orientadores: Professor Doutor José Manuel Morais Lopes Cordeiro
Dr. Victor Manuel Martins Pinho da Silva

Ano de conclusão: 2014

Designação de Mestrado em Património e Turismo Cultural

Declaro que autorizo a Universidade do Minho a arquivar mais de uma cópia da tese ou dissertação e a, sem alterar o seu conteúdo, converter a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Braga, 30 de Maio de 2014.

Assinatura: _____

i - Agradecimentos

Para que este projeto de investigação se tivesse desenvolvido contribuíram um vasto conjunto de pessoas que de certo modo, fomentaram o trabalho de investigação e tornaram a sua elaboração mais agradável.

Ao Professor Doutor José Lopes Cordeiro pela infinita disponibilidade demonstrada durante o percurso académico, pelas singulares suscitações, críticas encorajadoras e construtivas que me possibilitaram alcançar mais esta etapa, o meu muito obrigado.

Ao Dr. Victor Pinho, Chefe do Gabinete de Cultura, Museus e Arquivo do Município de Barcelos, agracio a sua sublime sapiência, preciosa cooperação, paciência e amabilidade que asseverou o acesso a preciosas informações, essenciais para a execução do trabalho.

Também agradeço aos técnicos da Câmara Municipal de Barcelos atualmente aposentados, Eng.º Ivo Boaventura, Técnico Superior de Engenharia Civil da Divisão de Gestão de Património e Sr. António Guimarães, Técnico de Desenho do Gabinete de Reabilitação Urbana pela disponibilidade pessoal, transmissão de conhecimentos e a cedência de documentação basilar para o complemento da tese. Agracio igualmente à Dr.ª Ana Maria Santos, Técnica Superior de História e ao Arquiteto Rui Vieira, do Gabinete de Reabilitação Urbana do Município de Barcelos, o apoio, colaboração e as preciosas sugestões dadas durante a realização da pesquisa.

Ainda agradeço a todos os amigos, colegas e conhecidos que gentilmente me disseminaram o seu saber, preciosas informações orais e escritas alusivas à temática, essenciais para o pleno decurso da pesquisa e a redação da dissertação.

Por fim, uma gratificação muito especial à minha família, pelo apoio e pelas palavras encorajadoras, que me estimularam em todo o percurso e a quem dedico grande parte deste trabalho.

ii - Resumo

A presente dissertação tem como finalidade promover a valorização turística do património cultural, mediante a criação de um Museu da cidade, na localidade de Barcelos.

Numa época em que muitos sectores da atividade económica se encontram em acentuada desaceleração, o turismo assume um papel cada vez mais proeminente na economia nacional. Tendo presente o facto, é essencial demonstrar como a implementação deste produto patrimonial cultural de excelência irá impulsionar a busca de turismo cultural. Os turistas culturais procuram adquirir e apreender conhecimentos, cultura e vivenciar na prática experiências únicas e inolvidáveis.

No entanto, para o produto cultural adquirir prestígio e reconhecimento do público é necessário desenvolver políticas de marketing e estratégias de comunicação que atraiam, fidelizem e captem novos visitantes. O recurso à comunicação, através do uso do marketing é fundamental para que o museu transmita e difunda a sua mensagem a diferentes tipos de público. O fomento do marketing assume um papel primordial na valorização e no posicionamento do museu, como um produto turístico de excelência. Deste modo, a aplicação de estratégias de marketing baseadas no desenvolvimento de programas específicos dirigidos a distintos tipos de público, tais como eventos e atividades culturais proporcionam benefícios e asseguram em pleno a satisfação das necessidades dos visitantes/turistas.

O Museu da cidade será inserido em rotas turísticas que não só lhe atribuirão valor e visibilidade, mas também permitirão divulgar e enaltecer as outras iniciativas culturais locais.

Para finalizar, a pesquisa depreende o enquadramento legal do Museu da cidade de Barcelos e a conclusão do estudo.

Palavras-chave: valorização turística, património cultural, museus de cidade, produto cultural, políticas de marketing e turismo cultural.

iii - Abstract

This dissertation aims to promote the development of cultural heritage tourism through the creation of a museum of the city, in the town of Barcelos.

At a time when many sectors of economic activity are in sharp slowdown, tourism plays an increasingly prominent role in the national economy. Bearing in mind that it is essential to demonstrate how the implementation of this product cultural heritage of excellence will drive the search for cultural tourism. Cultural tourists seek to purchase and acquire knowledge, culture and experience in practice unique experiences and unforgettable.

However, for the cultural product acquire prestige and public recognition is necessary to develop marketing and communication strategies that attract, make them loyalty and capture new visitors. The use of communication through the use of marketing is critical to the museum to transmit and spread your message to different types of audiences. The promotion marketing plays a major role in enhancing and positioning the museum as a tourist product of excellence. Thus, the application of marketing strategies based on the development of specific programs to different types of public, such as cultural events and activities provide benefits in full and ensure the satisfaction of the needs of visitors/tourists.

The Museum of the City will be entered into tourist routes that not only assign it value and visibility, but also will promote and extol the other local cultural initiatives.

Finally, research grasps the legal framework of the Museum of the city of Barcelos and completion of the study.

Keywords: tourism development, cultural heritage, City museums, cultural product, marketing policies and cultural tourism.

iv - Índice

i - Agradecimentos.....	1
ii - Resumo	
iii - Abstract.....	
iv - Índice.....	
Capítulo 1 - Introdução.....	1
1.1. A casa Conde de Vilas Boas.....	3
1.2. A biografia do 1º Conde de Vilas Boas.....	6
1.3. O legado.....	9
1.4. Iniciativas do legado.....	9
Capítulo 2 - Enquadramento teórico	18
2.1. O projeto do Museu da cidade de Barcelos.....	18
2.1.1. A História local - A evolução urbanística do aglomerado de Barcelos - Vila condal até ao século XX.....	19
2.1.2. No início dos tempos.....	19
2.1.3. Barcelos no período medieval	21
A vila nos séculos XII-XIV.....	21
A atividade comercial e artesanal.....	21
O traçado urbano.....	22
De vila régia a vila condal	24
2.1.4. A vila de Barcelos do século XVI a XVIII.....	26
2.1.5. A cidade de Barcelos no século XIX e XX.....	28
2.2. A Etnologia/Etnografia.....	34
2.2.1. A população.....	36
2.2.2. A habitação	41
2.2.3. A alimentação.....	44
2.2.4. Os trajes.....	45
2.2.5. A agricultura	51
2.2.6. A indústria	53

2.2.7. O artesanato.....	61
2.3. A Arqueologia.....	66
2.4. A Pintura	74
2.5. O papel dos Museus de cidade	84
2.5.1. O museu de cidade polinucleado e a sua articulação com as outras instituições locais	88
2.5.2. O núcleo do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos	90
2.5.3. O núcleo do Museu de Olaria.....	96
2.5.4. O núcleo do Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro	98
2.5.5. O núcleo do Museu Etnográfico de Chavão.....	101
2.6. A análise da macro envolvente e recursos.....	104
2.6.1. Competências e capacidades técnicas	108
2.7. A visão, missão e objetivos	110
2.8. A identificação do público-alvo	115
2.9. A imagem e o posicionamento do património cultural	116
2.10. As políticas de marketing e as estratégias de comunicação do produto turístico.....	119
Capítulo 3 - Enquadramento metodológico	124
3.1. O programa de dinamização cultural do Museu da cidade de Barcelos	124
3.2. A articulação do Museu da cidade de Barcelos com a zona fluvial do Cávado.....	131
Capítulo 4 - Enquadramento analítico.....	143
4.1. Apresentação e análise do resultado dos inquéritos.....	143
Capítulo 5 - Considerações finais	148
5.1. Enquadramento legal	148
5.2. Conclusão	152
Capítulo 6 - Fontes e bibliografia	154
6.1. Webgrafia	162
Capítulo 7 - Anexo.....	168
7.1. Anexo documental.....	168
7.2. Anexo estatístico - Inquérito, tabelas e gráficos.....	180

Capítulo 1 - Introdução

O estudo tem como objetivo realizar o projeto de criação do Museu da cidade de Barcelos, na casa Conde de Vilas Boas. O significado deste imóvel e a sua importância para o centro histórico de Barcelos é preponderante, dada a sua excelente localização, dimensão e qualidade arquitetónica. O trabalho também visa fomentar o património cultural como produto turístico de excelência, garantindo a visitantes/turistas e comunidade local a satisfação das suas necessidades básicas, benefícios e desfrutar do atrativo.

A dissertação consiste num trabalho de investigação que é apresentado em sete capítulos.

No primeiro capítulo, *Introdução* procede-se ao início do estudo, abordando o historial da casa Conde de Vilas Boas, a sua biografia, o legado e as iniciativas do legado.

O segundo capítulo, *Enquadramento teórico* constitui o projeto de criação do Museu da cidade de Barcelos, que incide em três temas principais e se subdivide em diversos subtemas. Deste modo, o primeiro ponto aborda a formação e estruturação do Museu da cidade de Barcelos, com coleções e exposições da História local (a evolução urbanística do aglomerado de Barcelos - Vila condal até ao século XX), Etnologia/Etnografia, Arqueologia e Pintura. Posteriormente define-se o papel dos Museus de cidade, procede-se ao enquadramento da entidade museológica como pólo central e à sua articulação com o núcleo do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos, Museu de Olaria, Museu Regional e Etnográfico de Alvito de S. Pedro e o Museu Etnográfico de Chavão. Como tal, enuncia-se a necessidade de conceber um regulamento do Museu da cidade de Barcelos para o determinar como organismo polinucleado. De seguida, analisa-se a macro envolvente e recursos, competências e capacidades técnicas, visão, missão e objetivos, identifica-se o público-alvo, imagem e posicionamento, bem como as estratégias de comunicação e políticas de marketing do produto patrimonial cultural. Depois integra-se o bem nas rotas turísticas do concelho de Barcelos, ou insere-se em novos itinerários turísticos de modo, a valorizá-lo e atribuir-lhe visibilidade.

O terceiro capítulo, *Enquadramento metodológico* aborda o programa de dinamização cultural, particularmente as iniciativas culturais a realizar no Serviço de Animação e Educação do

Museu, nos espaços disponíveis e na cidade de Barcelos. Também serão referidas as atividades que propiciarão a interligação do Museu da cidade de Barcelos à área fluvial do Cávado.

No quarto capítulo, *Enquadramento analítico - Apresentação e análise do resultado* procede-se à apresentação do inquérito a preencher pelos técnicos da câmara municipal de Barcelos, especialistas no âmbito da Arqueologia, Biblioteca/Arquivo, Cultura, História, Museologia, Património, Turismo, entre outros e residentes, bem como à análise estatística dos resultados.

O quinto capítulo, *Considerações finais* compreende dois subcapítulos, o enquadramento legal do Museu da cidade de Barcelos e a conclusão do estudo.

No sexto capítulo, *Fontes e Bibliografia* reporta-se toda a literatura essencial para a abordagem e elaboração da temática. Por fim, aborda alguma *Webgrafia* alusiva ao assunto.

O sétimo capítulo, *Anexo* contém documentação, inquérito e a análise estatística da opinião dos técnicos da câmara municipal de Barcelos e residentes, sobre o projeto de reabilitação e valorização do imóvel Conde de Vilas Boas para criar o Museu da cidade e a sua afirmação como produto turístico de excelência, assegurando a visitantes/turistas e residentes a satisfação das suas necessidades básicas, benefícios e fruir do atrativo.

1.1. A casa Conde de Vilas Boas

A casa Conde de Vilas Boas está apoiada num lanço da antiga muralha quatrocentista da cidade de Barcelos, na margem direita a montante da ponte sobre o rio Cávado e constitui-se de um conjunto de edifícios de diferentes épocas com as fachadas principais voltadas a norte, para a atual rua Fernando de Magalhães, n.ºs 48 a 56 (TRIGUEIROS, 1998: 409).



Foto 1 - Fachada principal da casa Conde de Vilas Boas

Fonte: Foto da autora (2012)

Esta artéria teve diferentes designações, tais como rua Nova do Muro (no século XVII), rua do Pé da Ponte (nos séculos XVIII e XIX) e Rua Fernando Magalhães (homenagem ao Conde de Vilas Boas).

A parte principal prolonga-se para poente e nascente com anexos reformados em diferentes épocas, tendo então perdido a feição original.



Foto 2 - Vista geral das fachadas do conjunto de edifícios da casa Conde Vilas Boas

Fonte: Foto de Ivo Boaventura (2008)



Foto 3 - Fachada do imóvel onde está instalado o Arquivo Municipal

Fonte: Foto da autora (2012)

A nascente tem o pátio dos cocheiros e cavalariças (preservando neste local um lanço intacto da muralha, um postigo ogivado e um cubelo do século XV) e as habitações dos criados.

Na face sul salienta-se a comprida varanda em colunas, dominando o rio, um terraço com escada moderna para os quintais e um passeio sobre o adarve da muralha comunicando com a plataforma do cubelo.



Foto 4 - Do lado sul, a casa Conde de Vilas Boas possui um varandim com colunas de granito

Fonte: Foto da autora (2012)

Na face principal da casa voltada a norte, a facear a rua encontramos duas fachadas; uma a poente a principal sóbria e robusta com duas portas a nível do passeio ladeadas respetivamente por um par de janelas protegidas por um gradeamento de ferro forjado e com seis janelas de sacada no andar nobre; a outra fachada situada na rua dos Loureiros (hoje rua Faria Barbosa) apresenta feição mais modesta e notável tem um átrio interior com escada e robusta coluna granítica no corrimão bem típico das habitações seiscentistas barcelenses.

No átrio principal existe uma volumosa pedra de armas do século XVIII, procedente do portão da quinta de Palme, em São Tiago de Aldreu. O escudo assente numa cartela decorativa com elmo pafique, virol e timbre dos Vilas Boas (o dragão do escudo sainte com uma palma na boca), representando em composição plena as armas dos Vilas Boas (esquartelado: o I e o IV com um castelo, a torre do meio rematada por uma palma; o II e o III com dragão volante) (NÓBREGA, 1973: 58-59). Esta pedra de armas foi trazida para a casa, pelo 1º Conde de Vilas Boas da quinta de Palme.

A datação do imóvel é difícil dada a complexidade de edifícios que foram crescendo e anexando ao lado. Como pertencia a uma família com inúmeros cargos de manifesta relevância na vila de Barcelos, existem registos de habitem na mesma desde finais do século XVI. Grande parte da casa parece que foi obra do século XVII, provavelmente sobre construções antigas e reconstruída pelo Dr. António de Vilas Boas e Sampayo (1629-1702). Entre 1771 e 1773 sofreu algumas

intervenções, mediante iniciativa de António José de Vilas Boas Sampaio (1713-96), mestre do campo, segundo o *Lançamento da Décima* desses anos, na qual menciona “A Casa do Mestre de Campo António José de Villas Boas abatida a décima para concertos” (TRIGUEIROS, 1998: 410).¹

No ano de 1992, o imóvel foi doado por escritura pela D. Adelaide Maria Luísa Magalhães e Meneses de Vilas Boas à Câmara Municipal de Barcelos com o intuito de se instalar o Arquivo Municipal, a Casa da Cultura ou o Museu Etnográfico e Arqueológico.

Posteriormente no imóvel funcionou a Escola Profissional e Comercial de Barcelos e a Biblioteca fixa da Fundação Calouste Gulbenkian. A casa também esteve arrendada para fins comerciais à firma “Correia Cardoso, Lda.”, com sede em Barcelos.

1.2. A biografia do 1º Conde de Vilas Boas

Fernando de Magalhães e Meneses, 1º Conde de Vilas Boas nasceu no dia 15 de Novembro de 1873, na casa Vilas Boas, na rua da Ponte em Barcelos da qual, foi senhor, bem como da quinta do Paço em Airó (TRIGUEIROS, 1998: 420).



Foto 5 - O 1º Conde de Vilas Boas, Fernando de Magalhães e Meneses

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conde_de_Vilas_Boas

¹ Arquivo Histórico e Municipal, *Lançamento da Décima da Villa de Barcellos*, 1762-1819

Era filho do General da Brigada, Fernando de Magalhães e Meneses, governador de Cabo Verde e de Moçambique, Bacharel em Matemática, Comendador da Torre e Espada, cavaleiro das Ordens de Cristo e Avis, fidalgo cavaleiro da Casa Real, Chefe do Estado Maior da Divisão do Porto “aquando da revolta republicana de 31 de Janeiro de 1891, que dominou” (FREITAS, 1977: 180) e de sua esposa D. Adelaide Herminia Teixeira de Moura.

O título de Conde de Vilas Boas foi criado por decreto de D. Carlos, datado de 20 de Maio de 1907, a favor de Fernando de Magalhães e Meneses, Tenente da Armada e proprietário em Barcelos e Amarante. Posteriormente foi nomeado 3º Barão de Vilaalva Guimarães, por falecimento de seu irmão José, 2º Barão, netos maternos do 1º Barão de Vilaalva de Guimarães, Guilherme Júlio Teixeira de Moura.

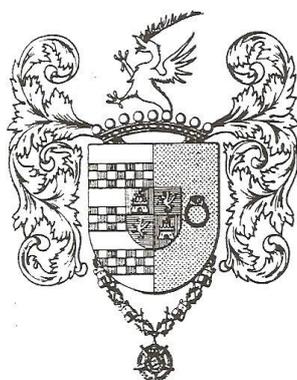


Fig. 1 - O brasão do 1º Conde de Vilas Boas

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Conde_de_Vilas_Boas

O 1º Conde de Vilas Boas frequentou a Academia Politécnica do Porto e a Escola Politécnica de Lisboa, nas quais tirou o preparatório para a Escola Naval e fez o curso da Marinha, assentando praça como aspirante de 2º classe, no dia 15 de Novembro de 1890. Prestou serviço na corveta “Duque da Terceira”, nos cruzadores “Vasco da Gama” e “D. Carlos”, na canhoneira “Liberal”, no vapor “Neves Ferreira”, etc. Quando embarcou na canhoneira “Liberal”, em Moçambique mandaram-no destacar para participar a 24 de Janeiro de 1897, nas operações contra os namarrais. Em Setembro desse ano foi nomeado comandante do vapor “Luabo” e posteriormente dirigiu a lancha-canhoneira “Obus”. Também exerceu o lugar de intendente do Chinde, de Governador da Zambézia e Inhambane, interinamente e comandante da esquadilha de

Lourenço Marques. Em terra foi adjunto do departamento marítimo do norte, capitão do porto de Vila Conde e prestou serviço no corpo de marinheiros.

No ano de 1908 foi nomeado administrador do concelho de Barcelos, sendo exonerado do cargo, no dia 7 de Janeiro de 1910. A partir de 12 de Dezembro de 1910 permaneceu em licença ilimitada e a 16 de Setembro de 1911, mediante a sua solicitação deram-lhe a demissão de oficial da armada. No dia 2 de Dezembro de 1931 foi reintegrado no serviço, na condição de reserva.

Este desempenhou os cargos de administrador do concelho de Esposende, Presidente da Câmara Municipal de Barcelos e foi adjunto do Presidente da Casa dos Pescadores do Porto. Também foi presidente do Sindicato Agrícola e da Associação Comercial de Barcelos, Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Barcelos, sócio da Sociedade de Geografia, Clube Militar Naval, Instituto Minhoto de Estudos Regionais, Grémio Militar de Macau e do Hong Kong Clube. Prestou auxílio no *Barcelense*, na *Defesa Nacional* e no *Boletim de Etnografia e História do Douro Litoral*. Dedicou-se a estudos históricos, etnográficos, folclóricos, genealógicos e heráldicos. Obteve inúmeros louvores por serviços prestados nas operações de guerra em Gaza, Macau e nas Portas do Cerco. Também foi elogiado pelos serviços prestados no ano de 1935, durante a enchente do Douro e no temporal de 1937. No dia 15 de Fevereiro de 1943 ficou reformado. Ainda foi cavaleiro da ordem da Torre e Espada, condecorado com medalhas de prata da Rainha D. Amélia, pelas campanhas no Ultramar (Namarrau) (1897), Gaza (1898) e Burué (1902), com a medalha de Ouro de Homenagem Nacional aos Heróis de Ocupação do Império e Cavaleiro da Legião de Honra de França.

O Conde de Vilas Boas casou no dia 28 de Maio de 1908, na Sé Velha de Coimbra com D. Maria Luísa Forjaz Kopke Severim de Sousa Lobo, nascida a 14 de Dezembro de 1886, em Aveiro. O casal teve seis filhos, *D. Adelaide Maria Luísa de Magalhães e Meneses de Vilas Boas* nascida a 31 de Maio de 1910, na casa de Vilas Boas, na rua Faria Barbosa em Barcelos. Esta residiu solteira, na artéria da Boavista, no Porto; *D. Maria José Mécia Forjaz de Magalhães e Meneses* nasceu a 20 de Agosto de 1912, em Madrid, Espanha; *D. Augusta Vitória Forjaz de Magalhães e Meneses* nasceu a 4 de Novembro de 1913, no Lugo, Espanha e faleceu a 27 de Março de 1963; *Fernando de Magalhães e Meneses Forjaz* nasceu no dia 11 de Abril de 1915, no Lugo, Espanha foi 2º conde de Vilas Boas e 4º Barão de Vilaalva (por alvará de 1 de Dezembro de 1956, reconhecido pelo Conselho de Nobreza) e faleceu a 14 de Junho de 1956 vítima de um acidente próximo da Régua, sendo sepultado na capela de São José, no Paço de Airó; *D. Maria Isabel de*

Magalhães e Meneses Forjaz nasceu a 22 de Outubro de 1916, em Lugo, Espanha, faleceu no dia 16 de Dezembro de 1973, no Porto, solteira e foi sepultada em Airó e o *Eng.º José de Magalhães e Meneses Forjaz* nasceu no dia 11 de Abril de 1918, no Lugo, Espanha. Este foi o 3º Conde de Vilas Boas (alvará de 2 de Junho de 1959, reconhecido pelo Conselho de Nobreza) e faleceu a 17 de Abril de 1982, em Lordelo de Ouro, no Porto.

O 1º Conde de Vilas Boas faleceu a 3 de Dezembro de 1951 na sua casa, em Barcelos e foi sepultado na capela de São José, na quinta do Paço em Airó (TRIGUEIROS, 1998: 421).

1.3. O legado

D. Adelaide Maria Luísa de Magalhães e Meneses de Vilas Boas foi senhora da casa de Vilas Boas, na rua Faria Barbosa, em Barcelos após o falecimento da sua mãe e em partilhas com os seus irmãos. A filha mais velha, do 1º Conde de Vilas Boas doou por escritura no dia 30 de Janeiro de 1992, o imóvel à Câmara Municipal de Barcelos. Na certidão da escritura de doação declara que “*recordando a memória do seu pai, doa ao Município de Barcelos os prédios [...] a fins de interesse público-cultural da cidade de Barcelos, nomeadamente para a instalação do “Arquivo Municipal”, da “Casa de Cultura e do Museu Etnográfico e Arqueológico”, com a designação inscrita de “Casa Conde de Vilas Boas”.*”² (Anexo fig. 2)

1.4. Iniciativas do legado

No ano de 1995, o arquiteto Manuel Cabral Teles coordenador da equipa interdisciplinar de técnicos do Gabinete do Centro Histórico (seis arquitetos, três engenheiros civis, uma historiadora, dois desenhadores, um topógrafo e um ajudante de topógrafo), da Câmara Municipal de Barcelos constatou que a casa Conde de Vilas Boas e espaços anexos se encontravam bastante degradados e alterados na sua estrutura original.

² Certidão da escritura de doação, 1992, pp. 4



Foto 6 - Vista interior do avançado estado de degradação da casa Conde de Vilas Boas

Fonte: Foto da autora (2012)



Foto 7 - Imagem pormenorizada da degradação das escadas e paredes
Fonte: Foto da autora (2012)



Foto 8 - Aspectos visíveis da deterioração das portadas, janelas e de sujidades no chão
Fonte: Foto de Ivo Boaventura (2008)



Foto 9 - Imagem de pormenor do estado deteriorado do teto
Fonte: Foto de Ivo Boaventura (2008)



Foto 10 - Visível degradação de frisos e tetos em estuque com motivo decorativo vegetalista
Fonte: Foto da autora (2012)



Foto 11 - No exterior da casa Conde de Vilas Boas existe muita vegetação
Fonte: Foto da autora (2012)



Foto 12 - Imagem de pormenor do interior do varandim com bastante vegetação

Fonte: Foto de Ivo Boaventura (2008)

Deste modo, apresentaram uma proposta para a reabilitação do imóvel. Primeiro realizaram um levantamento exaustivo, mediante indicações das pessoas que lá viveram no tempo do Conde de Vilas Boas e da reconstituição do local, para apurarem o desenvolvimento da “casa”, dos espaços interiores, das estruturas principais e das funções dos compartimentos. Este crescimento inicial da “casa” efetuou-se pela anexação para Nascente de outros edifícios. Por isso, surgiram volumetrias com escalas e linguagens diferentes da original que não tinham a mesma importância que esta no contexto urbano.

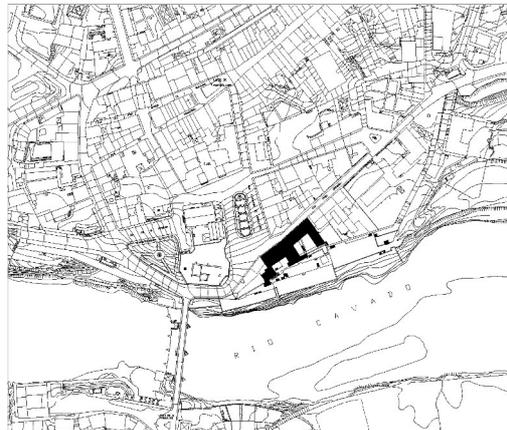


Fig. 3 - Vista da área de ocupação da casa Conde de Vilas Boas na zona medieval

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

(Nota: O original das plantas foi efetuado no programa Autocad, tendo sido posteriormente transferidas para o Word e por essa razão perderam resolução)

Adotaram como critério que os espaços da “casa” inicial, de maior dimensão e parte da construção que se desenvolveram para nascente, perpendicularmente à muralha eram aqueles nos quais, se podia organizar uma ou várias unidades museológicas, consoante as peças a expor com exceção da área reservada à Arqueologia, dado que a Câmara Municipal tinha património que permitia organizar espaços adequados para certas peças.

A casa Conde de Vilas Boas seria não só um equipamento onde se iriam expor peças museológicas, mas igualmente um local aberto onde se poderiam realizar vários eventos culturais. Como tal, previam um espaço no rés-do-chão para apoio pedagógico e informação aos visitantes que possibilitaria a projeção de filmes, slides, diaporamas, vídeos e no qual, se poderia realizar palestras, colóquios, etc. para os visitantes.

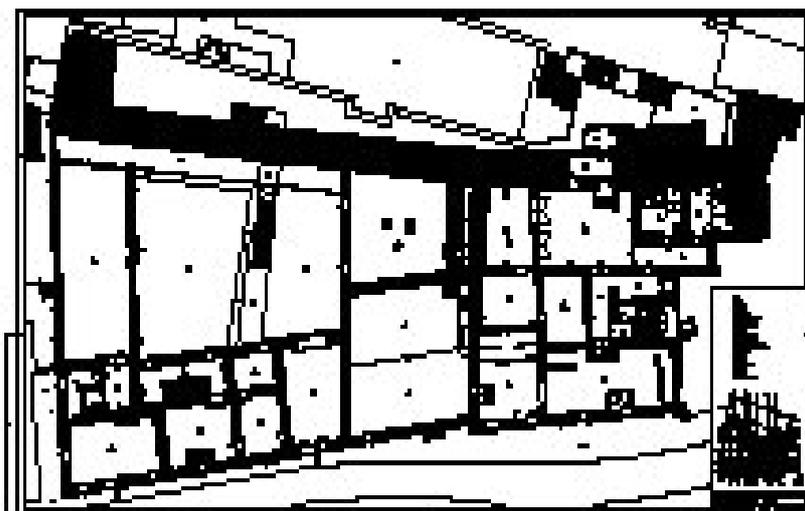


Fig. 4 - Planta do rés-do-chão que serviria para apoio pedagógico e informação aos visitantes

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

A solução espacial adotada com exceção dos espaços destinados à Arqueologia, cozinha antiga e anexos existentes que iriam recuperar, possibilitariam a organização e montagem de exposições de diversas tipologias e índoles, abrangendo temáticas que se alargariam da Etnografia, à Arte sacra, à mostra individual ou coletiva de artistas contemporâneos. Tendo presente o critério de recuperação adotado não se destruiria a estrutura principal da casa e do restante conjunto.

Contudo, um corpo de construção a Sul construído sobre o pátio inicial que se encontrava semidestruído, não seria reconstruído.



Fig. 5 - Vista geral do alçado sul da casa Conde de Vilas Boas

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

A demolição das duas paredes, de construção recente em pedra de má qualidade, permitiria reconstituir o pátio original atribuindo-lhe a dimensão original.

Esta opção tinha vantagens no que respeita à iluminação e ventilação dos espaços do rés-do-chão, os quais teriam continuidade pelo pátio e lhe devolveriam a relação primitiva. Posteriormente a casa sofreu um aumento de volumetria com a construção em taipa, de um corpo superior utilizando o vão da cobertura.

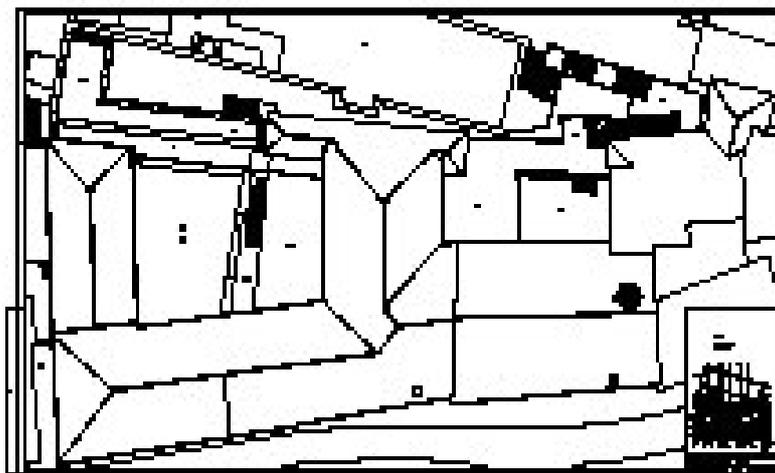


Fig. 6 - Planta da cobertura do imóvel Conde de Vilas Boas

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

Este elemento em degradação total seria suprimido dado que parecia retirar a escala anterior da casa, na relação que ela tinha com toda a envolvente e com o pátio. Com esta demolição a casa recuperaria o volume primitivo no seu corpo principal.

Deste modo, os espaços permitiriam diversas utilizações numa dinâmica que tornaria esta infraestrutura num centro de cultura complementar aos outros espaços culturais da cidade (Museu de Olaria, Biblioteca Municipal, etc.).

As volumetrias limitadas pela Viela do Pecegal ocupavam uma área considerável no conjunto. (Anexo fig. 7) A nascente situava-se a antiga habitação dos criados com dois pisos, nas quais se localizariam as salas de exposições e para atividades de apoio pedagógico às escolas (ateliers de pintura, modelação, etc.). (Anexo fig. 8) A norte, face à rua e com acessibilidades fáceis ficariam localizados todos os serviços de apoio à área museológica.

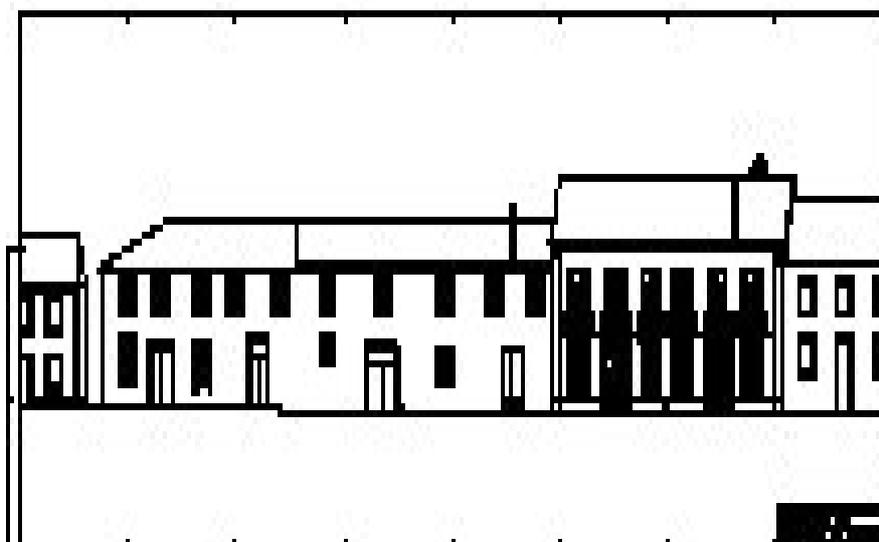


Fig. 9 - Vista geral do alçado norte da casa, na qual se localizariam os serviços de apoio museológico

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

A entrada existente permaneceria tendo continuidade para um magnífico átrio. Deste pelas escadas teríamos acesso aos pisos superior e inferior, este à cota do pátio nascente. Sob este existiria um espaço amplo envidraçado para exposição de peças de maiores dimensões. Também seria por esta zona que se teria acesso interior ao bar e jardins.

No rés do chão funcionariam os gabinetes de receção de peças, catalogação, restauro, etc. e no primeiro andar os gabinetes do diretor, conservador, serviços administrativos, sala de leitura/biblioteca e instalações sanitárias.

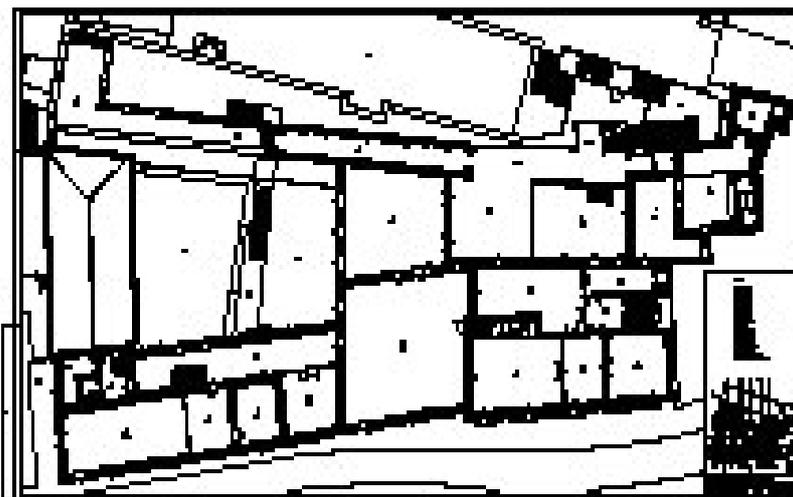


Fig. 10 - Planta do primeiro andar, onde se situaria o gabinete do Diretor/Conservador, espaços técnicos e instalações sanitárias

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

Este piso estaria diretamente ligado e teria continuidade para os espaços museológicos, ao nível do primeiro andar.

No rés do chão da casa principal realizar-se-ia a entrada dos visitantes para um átrio com alguma dimensão e no qual, se previa localizar uma área de informações, um bengaleiro e uma pequena loja. (Anexo fig. 11)

No primeiro andar permaneceria o critério de continuidade e versatilidade dos espaços de forma, a facultar a sua utilização ao longo do tempo. Neste piso, no lado poente conservaria o espaço da antiga cozinha, que serviria de memória aos elementos etnográficos associados à sua função.

A muralha era um elemento histórico-arquitetónico preponderante em toda a envolvente e que demarcaria as construções existentes, assim seria liberta de elementos espúrios, afastando do seu plano interior a zona do pátio nascente, bem como a volumetria dos espaços das exposições temporárias de forma, a ser valorizada como componente museológica.

Na cave previam a existência de áreas de reservas para armazenar material do Museu e Arquivo, tendo este acesso próprio e restrito.

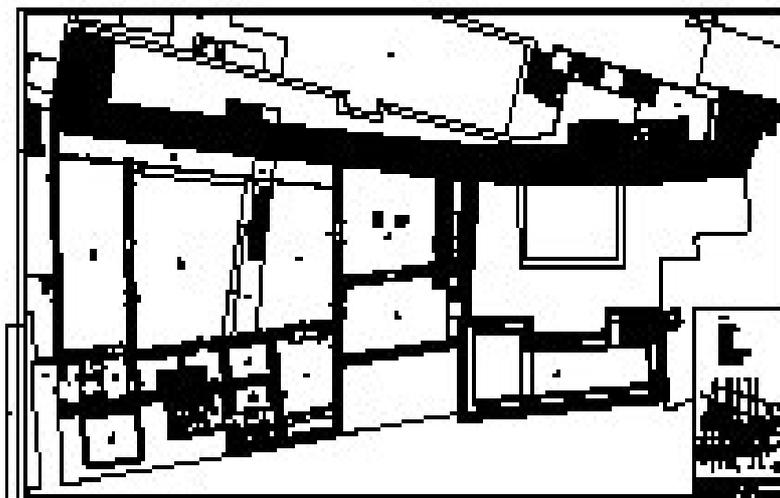


Fig. 12 - Planta da cave onde se situariam as reservas do museu

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

Para apoio ao público seria construído um bar, sob parte do patamar exterior à muralha. Ao espaço interior do bar ter-se-ia acesso pelo espaço museológico (reserva) sob o pátio nascente, ou pelo exterior por este mesmo pátio. À cota da área exterior ajardinada, o bar teria uma esplanada, da qual se contemplaria uma magnífica paisagem sob o Cávado, bem como de Barcelinhos.

Noutro nível, a uma cota inferior ao bar previam a existência de espaços para armazenar espólio recolhido nas escavações arqueológicas, acomodar material utilizado na esplanada do bar e outro destinado ao posto de transformação.

Para o autor do projeto de reabilitação da casa Conde de Vilas Boas, este equipamento cultural seria uma mais valia não só para os habitantes de Barcelos, mas também para todos os seus visitantes, constituindo o museu um magnífico exemplar arquitetónico-cultural (TELES, 1995: 18-21). (Anexo fig. 13)

Capítulo 2 - Enquadramento teórico

2.1. O projeto do Museu da cidade de Barcelos

O projeto tem como finalidade criar um Museu da cidade de Barcelos, na casa Conde de Vilas Boas.

O valor deste edifício e a sua importância para o centro histórico de Barcelos é primordial e sintetiza-se em três características principais, a sua localização, dimensão e qualidade arquitetónica.³

A planta deste grandioso imóvel apresenta uma imagem interior labiríntica, onde dificilmente se encontra um princípio moderador, resultado das sucessivas transformações e anexações das casas vizinhas mais antigas. Do lado norte, voltado para a rua Fernando Magalhães e largo D. António Barroso, o edifício apresenta uma extensa fachada mais ou menos incaracterística, a meio da qual, surgem vinte metros de alçado, cujo tratamento denota conhecimentos de composição mais eruditos conforme se constata no equilíbrio, ritmo e dimensionamento das aberturas conjugadas com todos os outros elementos de cantaria e de ferro forjado. Os elementos arquitetónicos mais notáveis surgem do lado sul, voltados para o rio Cávado. O interessante jogo de volumes estabelecido entre uma parte da antiga muralha, onde se observam ainda dois dos seus torreões e o debruçar sobre ela do imóvel Conde de Vilas Boas na contemplação do rio atribui ao conjunto uma imensa riqueza.

A sua excelente localização e enorme dimensão possibilitam que neste imóvel se instalem testemunhos, daquilo que tem sido produzido pelas *gentes* de Barcelos ao longo da sua história, mas que representem e sejam a expressão da vida dos seus cidadãos atuais.

O museu será estruturado com coleções e exposições da História local (a evolução urbanística do aglomerado de Barcelos - Vila condal até ao século XX), Etnologia/Etnografia, Arqueologia e Pintura.

³ PIZARRO, *Barcelos Popular*, 13 Novembro 1994, pp. 3

2.1.1. A História local - A evolução urbanística do aglomerado de Barcelos - Vila condal até ao século XX

A História é a disciplina que estuda o homem e a sua ação no tempo e no espaço, respeitante à análise de processos e eventos ocorridos no passado. Efetuar a História da localidade de Barcelos envolve recuperar memórias disseminadas por um conjunto de vestígios, nos quais o espaço e os barcelenses se inscrevem.

2.1.2. No início dos tempos

Barcelos surgiu como vila nas crónicas da História. O foral concedido por Afonso Henriques, designadamente de 1156 e 1169 descreve-a como sendo um “núcleo de povoamento concentrado” com um crescimento bastante acentuado comparativamente às povoações contíguas (Almeida, 1990: 10-11). Como tal, o nascimento da povoação é anterior a esta data, só não se tem conhecimento o quanto.

A situação geográfica de Barcelos evidenciava a sua importância e explicitava a razão pela qual, a povoação nasceu aqui. Antes da construção da ponte medieval os viajantes e peregrinos de Santiago de Compostela atravessavam o Cávado, a jusante numa zona na qual, o leito do rio era menos fundo, o vau. Tal sucedia desde o Império Romano, dado que refere a existência no local de pelo menos um eixo viário, que talvez derivasse da via Braga-Porto. Vinha de Famalicão transpunha o rio em Barcelos e entroncava a noroeste com a *via per loca marítima*, outra via partia de Barcelos até Ponte de Lima (Almeida, 1990: 10). Sensivelmente até ao século XVIII está comprovado que os viajantes usavam o baixio quando tinham que aceder à margem contrária.

Barcelos era um local extremamente importante no cruzamento de várias rotas, viajantes comerciais e peregrinos de Santiago de Compostela. Isto possibilitou o surgimento da feira e de infraestruturas de apoio ao peregrino, fatores que determinaram o aumento e desenvolvimento do aglomerado populacional. Provavelmente o núcleo teria uma origem romana, porque era um sítio de passagem muito importante desde a sua dominação. Contudo, nada indica isso. Nas últimas

décadas foram encontrados vestígios de inúmeras povoações pré-medievais no decurso do Cávado, mas nenhuma em Barcelos.

A toponímia foi alvo das mais diversas conjeturas, interligando alguns significados e o pouco que se conhecia da História mais antiga da região norte portuguesa. Em 1886-87, José Augusto Vieira redigiu o *Minho Pitoresco* e muitas dessas teorias já eram consideradas duvidosas (VIEIRA, 1886-87: 117-118). Investigadores antigos atribuem a fundação de um Barcelos mais remoto aos povos gregos, cartagineses, galo-celtas (tribo dos Cilenos) e romanos. As mesmas suposições são evidenciadas por Ernesto Amorim Magalhães na sua bibliografia *No Passado Barcelos no Presente* e são apontadas mesmo apenas, como teorias (MAGALHÃES, 1958: 25-26). Contudo, ambos concordam com a conjetura que o topónimo significa *barca pequena (Barcellus)* (MAGALHÃES, 1958: 26). No entanto, Ferreira de Almeida rejeita essa teoria e de forma, explícita atribui-lhe a designação de *terra ribeirinha e plana* (ALMEIDA, 1990: 10).

Ignorada a ideia de Barcelos ser a romana *Aguae Celanas*, a cidade episcopal na qual, se realizavam concílios anunciados por arcebispos de Braga no século V, percorre-se os tempos da dominação sueva, visigótica e a passagem dos árabes, dos quais pouco se sabe e volta-se aos tempos da reconquista e do foral.

2.1.3. Barcelos no período medieval

A vila nos séculos XII-XIV

Barcelos não era uma terra propícia à atividade agrícola, quando comparada com as freguesias vizinhas Arcozelo e Vila Boa. No entanto, todas as vantagens anteriormente abordadas possibilitaram um salientado incremento do povoado, caracterizando-se como o mais desenvolvido no local durante o foral, apesar de ser mais recente que as localidades vizinhas. Este constituía um núcleo populacional aglomerado e arruado, tal como referia no foral, o termo *meam villam* designava *villa* ou exploração agrária (ALMEIDA, 1990: 11).

No decurso destes séculos Barcelos tinha duas características distintivas das cidades, o acentuado predomínio da atividade comercial e artesanal e o traçado urbano.

A atividade comercial e artesanal

Provavelmente por se encontrar no cruzamento de importantes caminhos regionais, Barcelos era uma localidade de almocreves. O foral Afonsino obrigava a população a efetuar “fossado com as suas bestas até Tui, Bragança ou Coimbra, tendo direito a uma recompensa e à alimentação” (ALMEIDA, 1990: 12). Em compensação ficavam protegidos com a proibição fidedigna das suas mercadorias (liteiras, odres de transporte de vinho, cereais e farinhas) serem extorquidas pelos poderosos.

A abundância de barro e caulinos facultou a existência de inúmeros oleiros, proporcionando ao longo do tempo uma “notável e secular indústria de cerâmica, confirmada na área urbana e periurbana pela existência de vários fornos” (FERREIRA, 1992: 8).

O traçado urbano

Tendo como referência o historiador Brochado de Almeida, “a cidade cresceu de costas voltadas para o rio”. Para além, do foral há outras fontes que explicam o crescimento urbano, tanto no que respeita ao número da população, bem como no grandioso sentido de urbanidade que se reflete no traçado da vila. Em 1258 as inquirições “evidenciam que a população tinha como se houvesse muralhas, uma clara consciência de um núcleo central, o da vila, certamente bastante arruado com a sua igreja e açougue, circundado por arrabaldes como os de Cimo de Vila, de Fundo de Vila e do Vale”, bem como demonstravam que tinha uma vasta densidade, bastante superior à das freguesias vizinhas. As instituições de cariz religioso da área, como os mosteiros de Banho e da Várzea, queriam ter e construir habitações no interior da vila rica (ALMEIDA, 1990: 12).

Até ao século XIV, o centro da vila concentrou-se junto ao Largo do Apoio, próximo dos açougues e a norte da Igreja Matriz. No largo decorreram as primeiras reuniões concelhias e mercados. Deste local surgiram as ruas referentes aos mesteres (rua dos Mercadores, rua dos Açougues, rua da Sapataria e rua da Triparia). Característico da época era os artesãos e vendedores viverem e passarem mais tempo na rua que em suas casas (FERREIRA, 1992: 8). Também foi neste largo que se edificou a primeira residência condal, a casa do Condestável situada na antiga rua dos Açougues. Como as inquirições de 1258 indicavam era neste local que se realizava o mercado, o qual se situava precisamente junto ao antigo tronco municipal (prisão). Este também existiu neste local.⁴

Daqui difundem alguns caminhos. A oeste, a rua dos Açougues ligava com o Fundo de Vila que tinha acesso aos terrenos agrícolas na direção a Esposende; no sentido contrário a rua dos mercadores confluía no caminho de Cimo de Vila que interligava aos arrabaldes com a mesma designação, rumo a Ponte de Lima e Viana. No mesmo caminho, no cruzamento da Cruz, um eixo segue para sul, a Judiaria que existia desde meados de trezentos. Esta era uma comunidade que vivia num grupo fechado (em termos sociais e espaciais encerrados por uma porta). A Igreja Matriz estava afastada do Largo, aglutinada diretamente à rua de Santa Maria e a outros eixos paralelos que confluíam a sul (FERREIRA, 1992: 8-10).

⁴ Câmara Municipal, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, *in PDM*, 1995, pp. 2

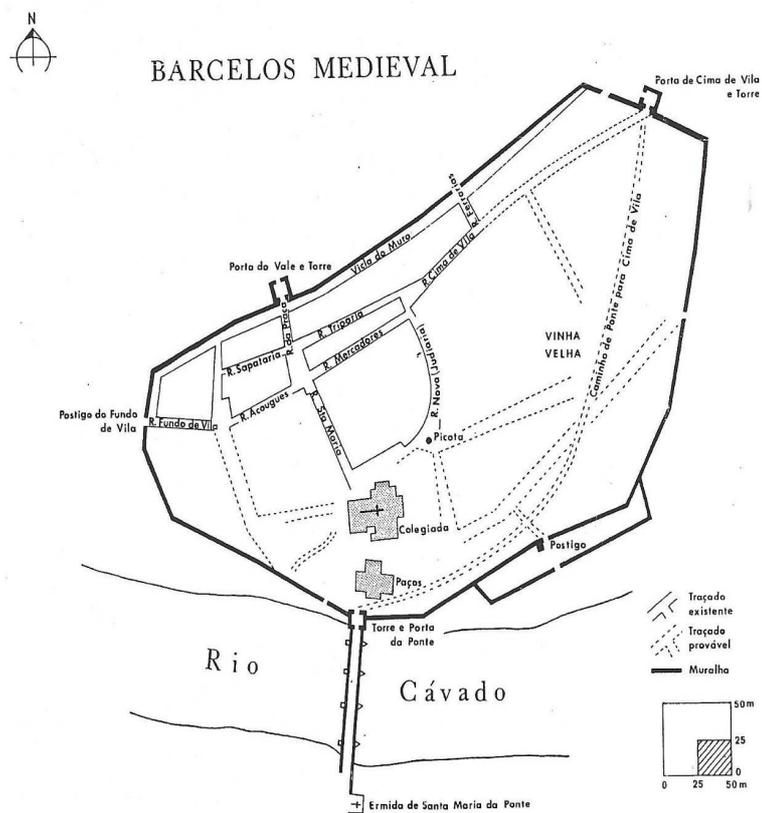


Fig. 14 - Mapa de Barcelos Medieval

Fonte: Ilustração de José Alfredo Lopes Barbosa, técnico da Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho

A vila era um local sem sistema defensivo, sem muralhas, castelo e torres, pois estava distante das façanhas militares que davam privilégios régios e porque a justiça encontrava-se sediada em Castelo de Neiva.⁵ Deste modo, parecia limitada aos primeiros fatores de origem e crescimento. No entanto, tudo se alterou quando passou de vila régia a vila condal e posteriormente como sede de condado (FERREIRA, 1992: 10).

⁵ Câmara Municipal de Barcelos, "Caraterização dos Aglomerados Urbanos", in *PDM*, 1995, pp. 1

De vila régia a vila condal

No reinado de D. Dinis, século XIV a vila de Barcelos foi elevada a cabeça do primeiro condado vitalício português, concedido a D. João Afonso Telo de Menezes, 4º senhor de Albuquerque como recompensa pelo seu desempenho junto ao rei de Castela, na assinatura do tratado de paz. Isto proporcionou novas regalias a Barcelos, embora continuasse a ser um pequeno aglomerado populacional sem muralhas.⁶

Antes do século XIV, o principal eixo viário de passagem dos peregrinos em Barcelos a caminho de Santiago de Compostela era a rua do Fundo de Vila (rua do Arco, na Fonte de Baixo). Era aí que se localizava a gafaria e uma hospedaria. Durante o condado de D. Pedro, 3º Conde de Barcelos construiu-se a ponte sobre o rio Cávado que proporcionou uma alteração significativa na dinâmica do aglomerado urbano. Esta tornou-se circulável entre os anos de 1325-28 e passou a ser o principal eixo viário de passagem dos romeiros a caminho do local galego. Nesta altura também foi edificado o Hospital Espírito Santo para prestar cuidados médicos aos peregrinos.

O sexto conde de Barcelos faleceu na Batalha de Aljubarrota, na qual combateu por Castela. Com o condado vazio o rei doou-o a D. Nuno Álvares Pereira, o Condestável que se converteu no sétimo conde de Barcelos. A sua filha casou com um filho ilegítimo do rei D. João I passando a ser o oitavo conde e por nomeação real, primeiro duque de Bragança. Deste modo, Barcelos tornou-se no núcleo mais relevante da região e sede administrativa, o que reforçou a ideia da necessária construção de muralhas que alterou totalmente a fisionomia da vila.⁷ As muralhas não tinham uma função defensiva, mas serviam para facilitar a cobrança de portagens nas três portas de entrada na vila, revestida por torres (ALMEIDA, 1990: 32).

⁶ Câmara Municipal de Barcelos, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, in *PDM*, 1995, pp. 1

⁷ Câmara Municipal de Barcelos, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, in *PDM*, 1995, pp. 2

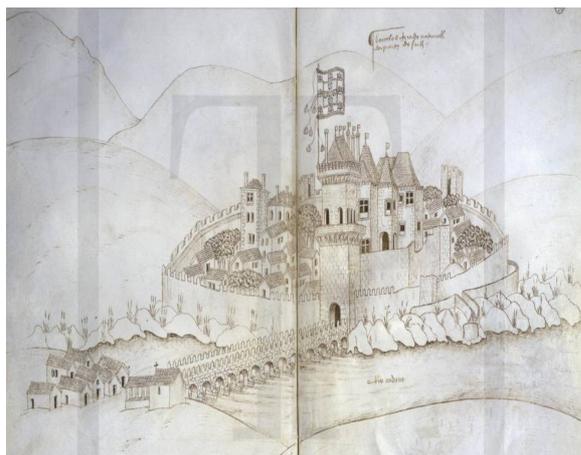


Fig. 15 - Ilustração de Duarte de Armas, Barcelos em 1509

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Diversas fontes possibilitam reconstituir o aspeto da muralha, designadamente ilustrações que representam a cidade e as suas defesas (como o *Livro das Fortalezas* (1509) de Duarte de Armas, a pintura de Manuel Luís Pereira, datada de 1786), vários testemunhos de época (textos dos séc. XV ao séc. XIX) e os vestígios presentes no traçado urbano (limites das casas, remates de telhados, troços de muros e de alicerces) (ALMEIDA, 1990: 34).

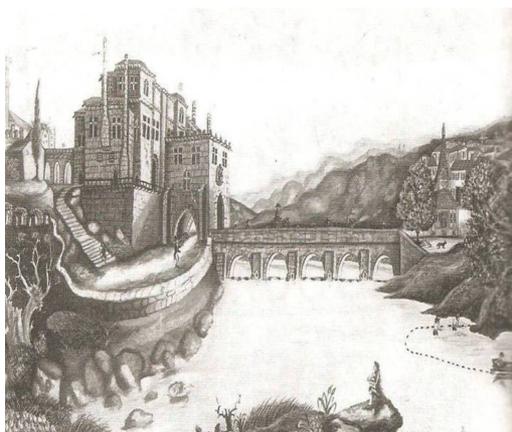


Fig. 16 - Desenho de Manuel Luís Pereira, Barcelos em 1786

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Na nova organização local, o Paço Condal ou a casa dos senhores da vila tornou-se no elemento preponderante. Este estava aliado à igreja, aos símbolos do poder temporal e espiritual (nobreza e clero), os quais estavam interligados e possuíam a chefia do reino. Na altura Barcelos era um belo exemplar de vila medieval, pois possuía poder, prestígio e nobreza. Durante este período Barcelos atingiu a sua época áurea, deixando bastante arraigados vestígios que ainda existem atualmente (a muralha, o Paço dos Duques e a Igreja Matriz, que formavam em conjunto o núcleo principal; a rua dos Açougues, da Judiaria e de Santa Maria; a Casa com o brasão dos Regos e o Solar dos Pinheiros; no exterior das muralhas localizava-se o Hospital dos Lázaros e diversos edifícios religiosos (ermidas, capelas, santuários e cruzeiros)).⁸

2.1.4. A vila de Barcelos do século XVI a XVIII

No decurso do século XVI a antiga vila de Barcelos desenvolveu-se acentuadamente, tal como nos demonstra a renovação arquitetónica de alguns edifícios imponentes da época, a documentação da urbanização dos bairros extramuros, da Porta do Vale, da Cruz e do Salvador e o manifesto incremento das atividades mestrais desse período (ALMEIDA, 1990: 15). Barcelos era o ponto central, dada a existência da feira, na qual decorriam diversas vendas, serviços e atividades artesanais. Neste período os vendedores da feira eram igualmente os artesãos dos produtos que ali comercializavam, encarregando-se mesmo do seu conserto ou transformação, bem como sucedia nas lojas.

Há documentos de meados do século XVI que nos relatam a existência de pelo menos três fornos de cerâmica dentro dos muros, localizados na área oriental, na Vinha Velha e que demonstram a existência de uma mancha de construção compacta da Porta do Vale à Nogueira e ao Espírito Santo, onde se situavam sobretudo as oficinas dos ferreiros e carpinteiros. Muitos anos depois localizava-se neste local as casas dos entalhadores e escultores.

Também se sabe que desde finais do século XV foi municipalizada em todas as vilas e cidades de Portugal a procissão de Corpus-Christi, que servia para consagrar à população, as diversas organizações concelhias, os vereadores e a constituição dos mestres do aglomerado. No

⁸ Câmara Municipal de Barcelos, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, in *PDM*, 1995, pp. 2

século XVI o desenvolvimento da festa e feira das Cruzes de 1 a 3 de Maio retirou interesse e impacto à festividade do Corpo de Deus, pois esta realizava-se posteriormente, cerca de quatro a cinco semanas. Apesar disto pela sua relevância litúrgica e municipal foi resistindo (ALMEIDA, 1990: 18).

Nesta época existiam inúmeras confrarias de profissões. A dos sapateiros e dos alfaiates tinham os seus santos patronos na colegiada, a dos carpinteiros venerava o seu padroeiro na capela de S. José, na qual também os estudantes festejavam Santa Maria Madalena. Ainda existiam inúmeras irmandades religiosas, que movimentavam avultadas verbas, imprescindíveis para emprestarem com juros a toda a comarca. Neste aspeto é de salientar a do Santíssimo Sacramento, a da Senhora da Graça e a de S. João Baptista sediadas na Colegiada e principalmente, as Irmandades da Misericórdia e a do Senhor da Cruz (ALMEIDA, 1990: 19).

No século XVII reinado de D. João IV, duque de Bragança, donatário de Barcelos iniciou-se a segunda fase de expansão da história urbana da vila, para fora das muralhas. O crescimento extramuros possibilitou a construção de habitações encostadas à face exterior das muralhas, ao longo das vias de penetração e de edifícios religiosos que foram erigidos do lado de fora (Convento do Campo da Feira e outro cuja obra teve início em 1649 e posteriormente foi ocupado pela Misericórdia).

No decurso do século XVIII as intervenções são pontuais e limitadas sobretudo, à construção e restauro dos edifícios religiosos (Igreja dos Franciscanos e reconstrução da pequena Ermida do Sr. da Cruz) e de um magnífico exemplar da arte setecentista que é a Casa do Benfeito.

Durante o reinado de D. Maria I iniciou-se a destruição da muralha que continuou posteriormente com D. João VI. No entanto, o alargamento da área urbana de Barcelos, cuja modificação foi fundamental para demarcar o final da Idade Média, seguido de um crescimento bastante restrito e ainda claramente em moldes medievais, primeiro ao longo das vias de penetração e posteriormente formando quarteirões irregulares definidos por ruas estreitas e tortuosas. Este facto demonstrou que apesar de Barcelos ter sido sede de uma das mais prestigiadas Casas de Portugal (Casa de Bragança), deixou de ter influência administrativa para

assumir fundamentalmente, o papel de centro histórico, de uma extensa região conhecida pela sua tradição, nobreza e cultura.⁹

2.1.5. A cidade de Barcelos no século XIX e XX

O arquiteto Marques da Silva contribuiu significativamente para esboçar o futuro urbanístico de Barcelos moderno, cujas marcas perpetuaram no tempo, até hoje e são um manifesto legado da sua competência e sapiência.

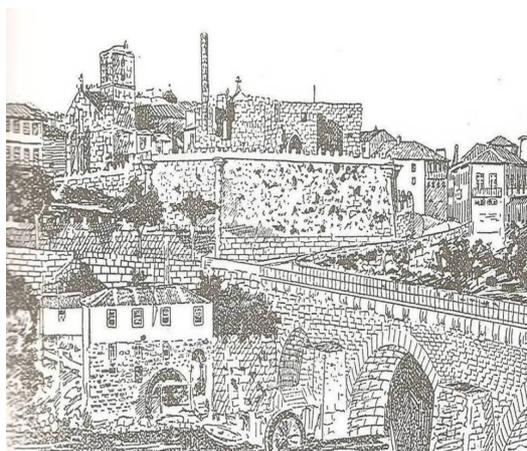


Foto 13 - Reprodução fotográfica de Júlio Valongo, Barcelos em 1901

Fonte: Foto de Biblioteca Municipal de Barcelos

As relações do arquiteto portuense com Barcelos começaram durante a implantação da República. O artista contou constantemente com o apoio e a audácia do Dr. Miguel Fonseca, médico e um dos mais ilustres presidentes da Câmara Municipal de Barcelos da primeira metade do século XX, que em colaboração com os vereadores, iniciaram *o plano de melhoramentos* da vila de Barcelos. Em termos gerais, o plano consistia no “aformoseamento” do Campo da Feira e das

⁹ Câmara Municipal de Barcelos, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, in *PDM*, 1995, pp. 3

áreas adjacentes, criando melhoramentos nas condições urbanísticas. Assim, era essencial arborizar a vila e implementar melhorias nas suas conjunturas “estéticas” e “higiénicas”.

O projeto foi concluído em Março de 1912 e contemplava no Largo da Calçada (atual Largo do Porta Nova) a normalização do terreno, empedrando-se ou calcetando-se, tinha ao centro dois ovais destinados a candeeiros ornamentais com o pavimento em mosaico ou cimento. Nas Obras ou Assentos possuiria um passeio arborizado com um canteiro de relva que iria terminar numa alameda. No Campo da Feira existiriam lineamentos de árvores “traçados em harmonia com os eixos procurados e que foram devidamente fixados”. No lado das habitações haveria dois tabuleiros centrais orlados de árvores e permaneceria ao redor, espaço livre para a circulação de viaturas. Ao longo do hospital existiria uma rua com alinhamentos de árvores que a limitariam, seguida de outra fileira a formar um quadrilátero, cuja linha norte facearia com a Avenida da Estação (atual Alcaides de Faria).

No entanto, o projeto não foi executado imediatamente dadas as dificuldades económicas da autarquia, sendo retomado em 1919, pelo Dr. Miguel Fonseca que na época dirigia o município de Barcelos. Deste modo, no Campo da Feira, entre a estrada e as casas realizaram uma plantação de tílias, com a finalidade de construir uma “graciosa” avenida. Na Avenida 11 de Fevereiro (Avenida Alcaides de Faria) fizeram uma rua, ao centro e dois passeios amplos com árvores. A Pedra do Couto (Avenida dos Combatentes de Grande Guerra) e a parte de baixo do Campo da Feira foram arruadas e arborizadas em paralelo com a avenida. Para além, da construção de pavimentos regulares e arruados o plano contemplou a instalação de canalizações de esgotos, água, gás e eletricidade, o cultivo de árvores, entre outros.

Em Novembro de 1919, no Campo da Feira abriram covas para plantar árvores, com o pressuposto de o embelezar e criar comodidades que tornassem mais agradável e pitoresca a feira. O chafariz que se encontrava junto às casas foi transferido para o centro do Campo da Feira, cercado de árvores e assente numa plataforma que o enalteceu e harmonizou na imensidão do largo.



Fig. 17 - O chafariz no centro do Campo da Feira

Fonte: Reprodução de Biblioteca Municipal de Barcelos

Portanto, tudo o que fizeram para embelezar o enorme campo não foi demais, dado que era a entrada de Barcelos, o vasto hall da feira semanal, das grandes festas e comemorações públicas.



Fig. 18 - A feira semanal de Barcelos

Fonte: Reprodução de Biblioteca Municipal de Barcelos

Junto ao gradeamento do hospital fizeram um passeio com sensivelmente, quatro metros de largura e na berma plantaram árvores.

Na reunião de câmara de 23 de Fevereiro de 1920 foram apresentados e aprovados os projetos de melhoramentos do Largo da Estação, Campo da República e do edifício dos Paços do Concelho elaborados pelo arquiteto Marques da Silva. Este ainda realizou outros projetos como o “Projeto de Ampliação da Vila - Traçado da Rua da Cangosta do Pecegal ao Campo da República e a Avenida do Cemitério”, datado de 18 de Junho de 1920, cuja planta foi adquirida há alguns anos pela Biblioteca Municipal de Barcelos.

O projeto de obras do Largo do Porta Nova, aprovado em reunião de câmara no dia 7 de Março de 1925, consistiu no arranjo do passeio e colocação de calcetado paralelepípedo.

No ano de 1927, Marques da Silva realizou o projeto do Largo José Novais e em 1928, o do Jardim das Barrocas e as “construções económicas” para operários da Avenida Sidónio Pais. É de salientar ainda a Escola de Alvito S. Pedro, cujo projeto data provavelmente do início da década de noventa (PINHO, 2005: 1-6).

Barcelos adaptou a estrutura antiga a novas conceções que compreenderam vias (avenidas) largas e retilíneas, cortadas perpendicularmente por ruas mais estreitas. Começou a esboçar-se uma malha reticulada desde o núcleo antigo, até à estação de caminho ferro (nova barreira na expansão nascente). A continuidade da malha foi quebrada por uma mudança brusca de escala entre a parte antiga e a nova, nitidamente separadas pelo eixo principal. Outra diferença consistiu na alteração do tecido urbano, isto é o núcleo antigo da época medieval maciço e compacto, opunha-se a uma área nova transitoriamente pouco ocupada. O crescimento que ocorreu foi incoerente e não sistemático característico de uma situação transitória na evolução citadina, espalhando a mancha urbana em pequenos núcleos dispersos, nos quais alguns ficaram em continuidade com a cidade e outros passaram a integrá-la.

No dia 31 de Agosto de 1928, Barcelos foi elevada a cidade e a sua fisionomia deixou de ser uniforme, sucedendo um autêntico caos no decurso de inúmeras expansões (núcleo antigo, zonas de quarteirões em blocos de média e alta densidade e pequenos núcleos para urbanos), dada a vasta quantidade de propostas de construção que houve tanto do setor público, como do privado (serviços, equipamentos coletivos, bancos, loteamentos urbanos, etc.).¹⁰

¹⁰ Câmara Municipal de Barcelos, “Caraterização dos Aglomerados Urbanos”, in *PDM*, 1995, pp. 5

Em 1930, o arquiteto Marques da Silva elaborou a obra de remodelação do mercado D. Pedro V. Ainda efetuou intervenções na Casa do Tanque, local onde funciona a Cooperativa Agrícola e na Casa da Torre, em Rio Covo Santa Eugénia (PINHO, 2005: 6).

Por volta de 1991, Barcelos desenvolveu-se sob uma matriz radio concêntrica sendo ponto de passagem e cruzamento de importantes eixos viários, tais como EN 205, EN 103, EN 204 e EN 206 que ligaram a cidade diretamente aos concelhos de Braga, Viana do Castelos, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Esposende e Ponte de Lima. O crescimento da cidade foi multidirecional (tipo mancha de óleo com a aproximação e progressiva aglutinação dos povoamentos limítrofes) realizado principalmente, a partir do aproveitamento linear de imprescindíveis eixos rodoviários regionais. É de mencionar que ocorreu uma elevada tendência para a ocupação urbana de áreas com densidades mais elevadas, as quais se localizavam a norte do rio Cávado, dado serem as zonas mais fáceis de preencher e com uma história urbanística muito desenvolvida.

A evolução sucedeu de forma semelhante, permanecendo o crescimento em mancha de óleo evoluindo aceleradamente no decurso dos principais eixos viários, deixando espaço intersticiais dada a facilidade ou dificuldade de ocupação dos terrenos marginais. Deste modo, houve uma agregação dos locais junto à área central da cidade, o que a tornou mais acessível e exaltada.

No que diz respeito ao povoamento suburbano surgiu uma coroa que contorna a cidade, constituída a nascente por Tamel S. Veríssimo, Manhente, Galegos S.ta Maria e S. Martinho. Estas freguesias estavam integradas numa lógica de implementação das edificações, no decurso de um eixo viário preponderante que serve de espinha dorsal, na direção de Barcelos a Braga (EN 205). A norte, tendo presente a EN 204 formou-se outro grupo entre Corujo, Lijó e Silva. Mais para oeste separado do anterior aglomerado pela linha de caminho-de-ferro, ligaram-se à cidade Vila Boa e Abade do Neiva (EN 103 para Viana). Ainda mais um pouco para oeste e a norte do rio Cávado, a cidade encontrava-se complementada por Vila Frescaíña S. Pedro (EN 103-1 para Esposende).

Do lado sul do Cávado, ou seja no sentido oposto ao dos ponteiros do relógio, os núcleos suburbanos que formavam o grupo da expansão da cidade eram Medros (Barcelinhos) sobre a EN 205, Carvalhal e Alvelos (sobre a EN 306), Gamil e Rio Covo S.ta Eugénia (sobre a EN 204 e EN

103) na direção de Famalicão e Braga. Estes aglomerado formavam no conjunto a zona de influência direta da cidade, sobretudo pelo fácil acesso aos seus equipamentos, serviços e bens.¹¹

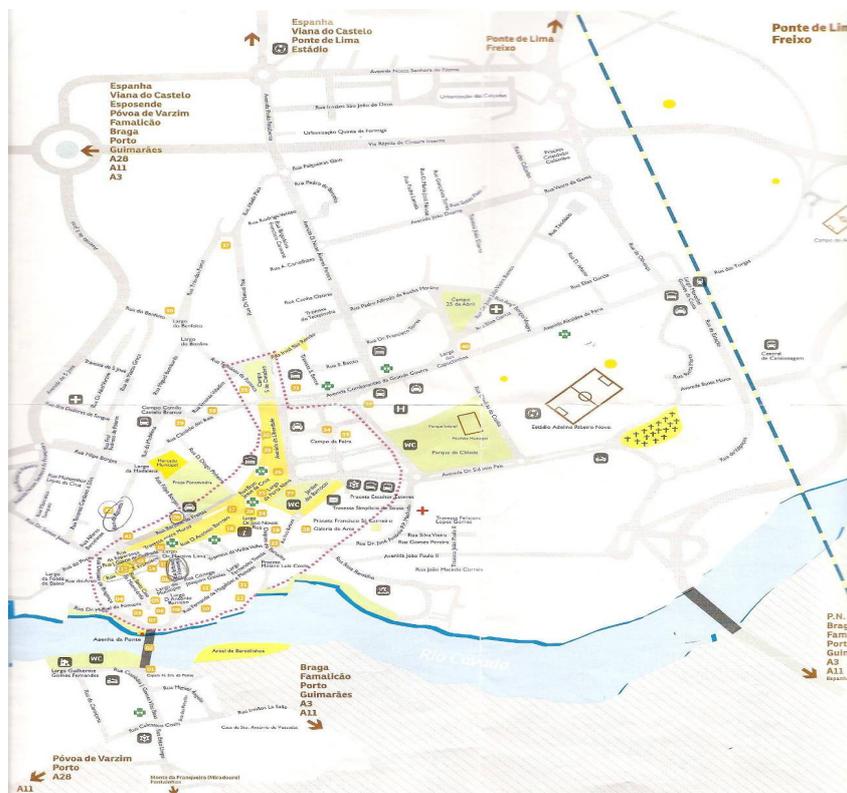


Fig. 19 - Mapa de Barcelos na atualidade

Fonte: Brochura de Câmara Municipal de Barcelos - Serviço de Turismo

Durante o ano de 1998, o arquiteto Manuel Cabral Teles, coordenador do Gabinete do Centro Histórico (GCH) iniciou um projeto de reabilitação da cidade de Barcelos, que teve como finalidade renovar o centro histórico para usufruto dos peões. Dado o interesse público e patrimonial, as primeiras obras efetuaram-se no antigo Hospital do Espírito Santo ou da Misericórdia, atuais Paços do Concelho, bem como a renovação do principal eixo comercial da cidade que contempla a Avenida da Liberdade, Largo do Porta Nova e Rua Direita. Também se salienta as remodelações efetuadas pelos comerciantes, no âmbito do programa URBECOM para modernização do comércio tradicional e que originaram um centro histórico limpo, agradável e

¹¹ Câmara Municipal de Barcelos, "Caraterização dos Aglomerados Urbanos", in PDM, 1995, pp. 6

desfrutável para os residentes e milhares de turistas que o visitam anualmente. Para além da área comercial, do largo do Apoio, do magnífico exemplar arquitetónico de toda a espinha dorsal e da zona pedonal da Avenida dos Combatentes decorreram algumas obras na rua Barjona de Freitas.¹²

As intervenções tiveram como objetivo aumentar a zona pedonal da cidade de Barcelos e proteger o núcleo central carregado de história (AMORIM, *et al.*, 2012: 8-14).

2.2. A Etnologia/Etnografia

A Etnografia é a disciplina que estuda os povos no âmbito dos seus costumes, mentalidades, modos de vida e cultura. Supostamente o termo foi introduzido em 1807 por Campe, utilizado para descrever os povos. De seguida, Broca depreciou o conceito e definiu-o como o estudo das raças, designação que fez escola entre os antropologistas no final do século XIX. Saintyves considerou-a ainda como o estudo da cultura material. Posteriormente Mühlmann cingiu-o meramente ao recolher de material de estudo. A escola antropológica definiu a Etnografia como o estudo das culturas individuais, não a considerava uma disciplina, mas sim, um elemento subjacente a qualquer estudo da antropologia cultural. De qualquer modo, a Etnografia é uma ciência exclusivamente descritiva, que se confina a elucidar os usos e costumes, deixando a sua interpretação para a Etnologia, variante científica à qual se subordina. Apesar de poder haver Etnografia sem Etnologia, o oposto é impossível.¹³

O etnógrafo José Leite de Vasconcelos definiu a Etnografia como o estudo descritivo de uma determinada cultura ou área cultural, independentemente de se abordar povos europeus ou exóticos (VASCONCELOS, 1980: 11).

No presente a Etnografia depreende-se como o ramo do conhecimento que contempla o conjunto das produções humanas, manifestadas no domínio material e imaterial, representando o estudo dos objetos e construções produzidas por determinado grupo humano. Segundo Marcel Griaule a Etnografia conhece as atividades materiais e espirituais dos povos e de seguida, analisa as técnicas, as relações, o direito, as instituições políticas e económicas, as artes, as línguas e os

¹² ASSIS e FERREIRA, *Diário do Minho*, 8 Abril 2004, pp. 24

¹³ Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 1963, pp. 1711-1712

costumes. Como tal, a Etnografia não é uma disciplina simples, individualista. A multiplicidade e diversidade dos temas que estuda necessitam do apoio de disciplinas como a geografia, história, botânica, zoologia, teologia, economia, entre outras. Esta é no seu conjunto, um aglutinado de matérias que têm como finalidade a observação e a descrição dos acontecimentos humanos, proeminentes para o estudo de dissemelhantes povos.¹⁴

A Etnologia é a matéria que estuda os povos e as raças tendo presente os elementos psíquicos e culturais, diferenças e afinidades, as suas origens e relações de parentesco, etc. Tendo presente Topinard, a Etnologia era uma Etnografia geral que organizava os elementos peculiares recolhidos pelos etnógrafos, relacionando-os mediante advertências da Antropologia, Linguística, História e Sociologia. Esta consistia no estudo dos povos em geral, na classificação, nas leis gerais da sua evolução, afinidades e origens.¹⁵ O conceito que considerou a Etnologia como o estudo dos grupos humanos em geral, no aspeto psico-cultural, equivalia quase à Etnografia ou culminava-a, era o mais corrente nos países anglo-saxónicos, Alemanha, Itália, etc. Etimologicamente, Etnologia era o estudo dos povos, não das raças. A Etnologia era a Antropologia étnica, o estudo das raças e dos povos simultaneamente dos aspetos somáticos ou físicos e psico-culturais.¹⁶

A Etnografia recolhe os dados elementares para o posterior estudo de um grupo étnico e a Etnologia é a disciplina que elabora essa análise. Portanto, a Etnografia é a base da Etnologia. A Etnologia estuda o Homem integrado no grupo a que pertence, como detentor de uma cultura. Como ramo da ciência é tema de inúmeros debates, dado que os conceitos culturais são extraordinariamente diferenciados, podendo a Etnologia apresentar o estudo do homem sobre diversos pontos de vista.¹⁷

Em Portugal, José Leite de Vasconcelos considerava a Etnologia como mais vasta que a Etnografia, ocupando-se dos seus temas, das origens e razão de ser de um povo e das leis a que obedecia o seu desenvolvimento coletivo (VASCONCELOS, 1980: 11).

¹⁴ Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 1963, pp. 1712

¹⁵ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, (195-), pp. 607

¹⁶ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, (195-), pp. 608

¹⁷ Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura, 1963, pp. 1713

Coração do Minho, princesa do Cávado que a banha e é a verdadeira aorta da região, Barcelos é, com a marca do seu galo um dos símbolos de Portugal (ALMEIDA, 1990: 7).

Pode-se afirmar, que ao longo do tempo existiram poucos etnógrafos a elaborar estudos científicos criteriosos, sobre o modo de vida, usos e costumes dos habitantes do concelho de Barcelos. Como tal, para se estipular alguns elementos etnográficos e etnológicos alusivos à localidade minhota antigamente, proceder-se-á a uma análise rigorosa e exaustiva da população, habitação, tipo de alimentação, modo de trajar, agricultura, indústria e artesanato.

2.2.1. A população

Barcelos confinou-se durante vários anos a uma cidade provinciana e secundária, centro de um concelho onde a atividade rural dominou e se veiculou.

No ano de 1932, as freguesias de Barcelos e as condições de vida das suas populações eram pouco atrativas. Estas encontravam-se expostas às mais diversas condições climatéricas, pois entregavam-se desde muito cedo à árdua tarefa dos campos, envelhecendo precocemente, estragando rapidamente o frescor e a graça da juventude na realização de árduas tarefas, adquirindo uma aparência descuidada, pouco engraçada. Existiam homens que não sentiam a picada de uma vespa na extremidade calejada dos dedos e eram tão vulgares as mãos ásperas, largas, rugosas e escuras, até mesmo nas mulheres.

As noções de asseio eram muito básicas. Pode-se mesmo afirmar que era surpreendente a falta de limpeza em que viviam. Realçava-se um nítido contraste entre a população infantil do concelho e a classe trabalhadora, pois havia crianças encantadoras, apesar de sujas e adultos rudes, feios e desajeitados (CUNHA, 1932: 33).

A partir da década de 1960 até 1973-74, a região norte perdeu alguma população, dado o surto migratório para o estrangeiro, sobretudo no interior norte, mas que no concelho de Barcelos, apenas proporcionou uma ligeira desaceleração no ritmo do crescimento populacional.

Quadro 1 - Evolução da População Residente e Taxas de Variação de 1940 a 1981

(Concelhos do Cávado e Vale do Ave, NUT do Cávado, Região Norte e Continente)

CONCELHOS, AGRUPAMENTOS E NUT'S	POPULAÇÃO RESIDENTE				TAXA DE VARIAÇÃO		
	1940	1960	1970	1981	40/60	60/70	70/81
BARCELOS	68184	83211	88130	103773	22,0	5,9	17,7
ESPOSENDE	20777	23966	23725	28652	15,3	-1,0	20,8
BAIXO CÁVADO	88961	107177	111855	132425	20,5	4,4	18,4
AMARES	15332	16845	16200	16478	9,9	-3,8	1,7
BRAGA	75846	92938	96220	125472	22,5	3,5	30,4
TERRAS DE BOURO	11242	11762	11215	10131	4,6	-4,7	-9,7
VILA VERDE	39809	42256	41060	44432	6,1	-2,8	8,2
ALTO CÁVADO	142229	163801	164695	196513	15,2	0,5	19,3
ARCOS DE VALDEVEZ	37283	38739	34365	31156	3,9	-11,3	-9,3
PONTE DA BARCA	15069	16265	14745	13999	7,9	-9,3	-5,1
PONTE DE LIMA	40832	42979	42395	43797	5,3	-1,4	3,3
VIANA DO CASTELO	62856	75320	70455	81009	19,8	-6,5	15,0
VALE DO LIMA	156040	173303	161960	169961	11,1	-6,5	4,9
GUIMARÃES	82120	116272	121145	146959	41,6	4,2	21,3
SANTO TIRSO	51755	77130	79855	93482	49,0	3,5	17,1
V.N. DE FAMALICÃO	56158	79250	88375	106508	41,1	11,5	20,5
VALE DO AVE	190033	272652	289375	346949	43,5	6,1	19,9
NUT DO CÁVADO	231190	270978	276550	328938	17,2	2,1	18,9
REGIÃO NORTE	2554831	3040512	3019970	3410099	19,0	-0,7	12,9
CONTINENTE	7218822	8292975	8108214	9336760	14,9	-2,2	15,2

Fonte: Dados do Instituto Nacional de Estatística (INE) do recenseamento da população

Neste período emigraram 5640 habitantes, sensivelmente 7% da população média existente entre 1960 e 1970.

No ano de 1981, a sub-região do Cávado registou o mais elevado incremento populacional, sensivelmente 328.938 habitantes divididos pelos concelhos de Braga, Barcelos e Esposende. Entre 1971 e 1981, ocorreu uma evolução demográfica positiva de 17,7% em Barcelos, 20,8% em Esposende e 30,4% em Braga. O acréscimo de população registado nesta década no concelho de Barcelos era de aproximadamente, 15.643 habitantes dado o aumento da taxa de desenvolvimento natural e da desaceleração da emigração, sobretudo após 1974.

A emigração foi sempre um fator que atingiu em toda a sub-região valores muito significativos (atingiu os 4,5% no período de 1956-80, no concelho de Barcelos e foi bastante acentuada até 1970), no entanto a partir de 1979 atingiu uma taxa pouco significativa. Assim, verificou-se uma alteração na tendência de saída, porque houve o regresso dos emigrantes, particularmente dos países europeus e o retorno de residentes das ex-colónias Portuguesas.¹⁸

Tendo subjacente o XII recenseamento geral da população de 1981, residiam no município de Barcelos 103.773 habitantes, que se distribuíam irregularmente pelas 89 freguesias.



Fig. 20 - Densidades populacionais por freguesias em 1981

Fonte: Mapa do Instituto Nacional de Estatística (INE) do recenseamento da população de 1981

¹⁸ Câmara Municipal de Barcelos, “1ª Parte Apresentação e Enquadramento Geral”, in *PDM*, 1995, pp. 27-28

Deste modo, o fenómeno migratório e a alteração do processo de atração/repulsão demográfica suscitaram situações bastante diferenciadas em algumas freguesias, efetivamente evidentes nas duas últimas décadas. Foram os casos das localidades de Vilar do Monte, S. Pedro Fins, Cambeses, Alvito S. Martinho, Areias, Encourados, S. João, Mariz, Midões e Paradela que na época de elevadas correntes de emigração (1960-70) tiveram uma diminuição significativa da população, recuperando-a na década a seguir, etapa em que atingiram um acentuado ritmo de desenvolvimento. Mais complicado de analisar foi a situação oposta, dos quais foram ótimos exemplos Monte de Fralães, Balugães, Chavão, Milhazes ou Tregosa, em que se verificou uma desaceleração, após o acentuado crescimento da década de 1960-70. Nestas situações possivelmente decorreu um fenómeno emigratório moroso, ou factos pontuais que numa zona populacional muito reduzida suscitaram um significado bastante relevante.

Quando se relacionou a população de 1960 com a de 1981, constatou-se que as maiores quebras se assinalaram em Barcelos, Igreja Nova, Vila Boa, Aguiar, Alheira e Courel e que sucedeu um significativo aumento nas freguesias de Arcozelo, Manhente, Martim, Galegos S. Martinho, Vila Frescaínha S. Martinho, Vila Frescainha S. Pedro e Carvalhas.

Mais recentemente, por volta de 1991 deu-se um crescimento ponderado ou regular por todo o município, sendo contudo peculiarmente acentuado nas freguesias de Vila Boa, Arcozelo, Barcelos, Macieira de Rates, Vila Frescainha S. Pedro e Pousa. Um desenvolvimento muito salientado decorreu ainda em Airó, Encourados, Fornelos, Fragoso, Manhente, St^a Eulália, Silva e Vilar do Monte e em mais vinte e uma freguesias, onde se registaram crescimentos populacionais superiores ao da média concelhia.

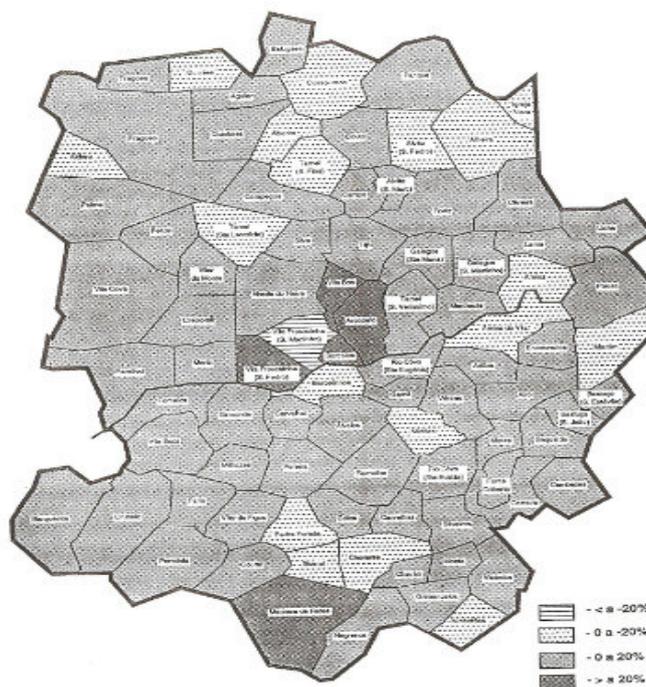


Fig. 21 - Variação da população entre 1981 e 1991

Fonte: Mapa do Instituto Nacional de Estatística (INE) do recenseamento da população entre 1981 e 1991

Também existiram áreas que tradicionalmente eram mais dinâmicas, tais como Barcelinhos, Durrães, St^a Leocádia e Vila Frescaíña S. Martinho e que na última década perderam habitantes.

No decurso do último século houve uma nítida concentração de população na zona central do concelho, que proporcionou uma vasta densificação na área da cidade de Barcelos e suas localidades circundantes, principalmente nas que se situavam a norte do Cávado. Ainda se constatou que a aglomeração populacional tendia a baixar consoante as freguesias se distanciavam do meio urbano.¹⁹

¹⁹ Câmara Municipal de Barcelos, “Estudos Demográficos”, in *PDM*, 1995, pp. 1-16

2.2.2. A habitação

Antigamente as habitações no concelho eram humildes, sem qualquer luxo e tinham apenas, alguma decoração. As casas eram pequenas quase sempre de pedra nua e escura com um alpendre acanhado, o qual designavam de coberto. Normalmente este possuía dois andares, destinando-se o inferior ao gado que com as suas calorias, contribuía para o aquecimento no desconforto invernal.

Nas habitações com dois andares, a comunicação fazia-se por uma escada exterior que dava acesso ao alpendre.

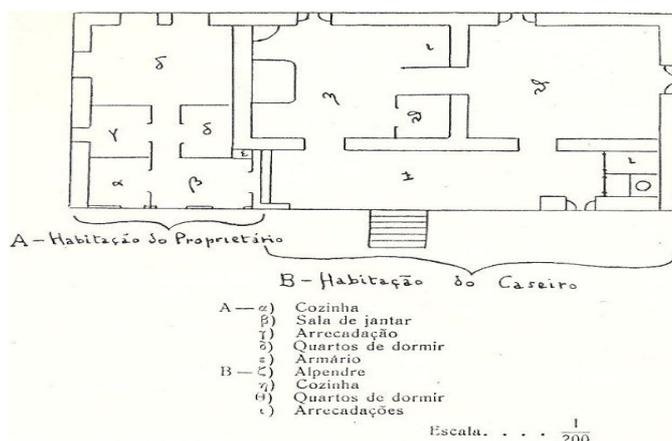


Fig. 22 - Habitação com andar superior

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

A eira situava-se junto à casa quando o celeiro era no andar térreo, ou independente quando este ocupava uma construção separada.

As janelas eram de tamanho reduzido e vedadas por pequenos retângulos de vidro. As portas eram retangulares, baixas e estreitas de madeira tosca com uma pintura desbotada, grosseira e por vezes, até inexistente. Fechavam com uma chave vulgar e não possuíam qualquer segurança. Não tinham batentes, campainhas ou quaisquer outros objetos sonoros. Bastava a voz para lançar o apelo.

Uma fenda nas telhas de fabrico nacional abundante nesta região substituía a chaminé, contudo ao cozinharem as refeições a tiragem do fumo era deficiente, como tal, quase todo o telhado fumegava numa nuvem esbranquiçada. Algumas casas tinham uma abertura retangular que desempenhava as funções de chaminé, coberta por um pequeno abrigo de duas vertentes. O telhado tinha três vertentes, não existiam goteiras. A água da chuva escorria pelas vertentes do telhado, pingando dos beirais.

Os tetos que nas casas recentes se apresentavam caiados, ou com as traves descobertas apareciam nas mais antigas forrados de madeira e mais altos no centro.

No rés-do-chão o soalho era substituído pelo próprio solo calcado. Nas construções utilizavam a pedra granítica. A decoração era considerada supérflua e reduzida ao mínimo. A escolha da casa não obedecia a nenhum critério, no entanto sujeitava-se às condições insalubres que eram as de uma população pobre.

A luz noturna obtinham com candeias de azeite ou gasómetros de acetilena. Os incêndios não estavam previstos e quando aconteciam eram devastadores.

A limpeza da casa era desleixada e até inexistente. A água tiravam-na nas nascentes naturais, aproveitavam-na das noras sendo retirada com o auxílio dos bois e nos poços, no qual um balde suspenso numa corrente subia e descia por meio de um sarilho.

Os quartos eram pequenos e em número reduzido embora neles dormissem muitas pessoas. O mobiliário era pouco variado e destinava-se apenas a satisfazer as necessidades básicas. Arcas, cómodas, mesas, bancos, cadeiras, camas algumas das quais, armadas sobre bancos próprios e o imprescindível oratório para receber o Senhor na festa da Páscoa constituíam o principal mobiliário.

A cozinha era o principal aposento da casa onde se preparavam os alimentos, alimentavam e recebiam os convidados. Era junto ao caminho e durante o dia conservava sempre a porta aberta sendo assim, uma verdadeira sala de entrada.

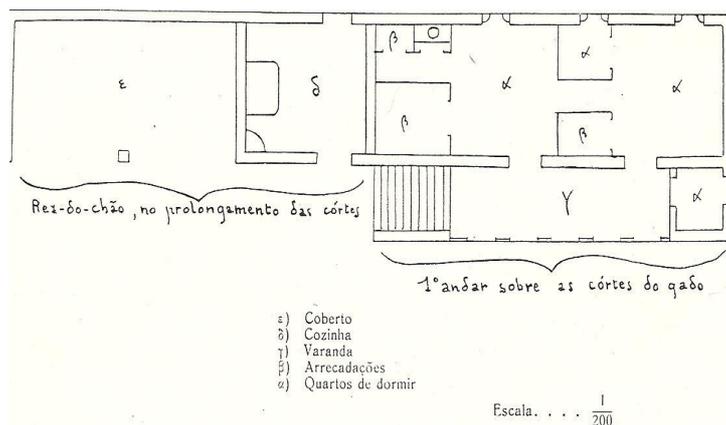


Fig. 23 - Habitação da freguesia de Arcozelo

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Esta assentava numa laje de pedra possuía uma chaminé de abas largas, da qual inúmeras vezes conjuntamente com o fumo saía o odor de fritar sardinhas. Ao fundo encontrava-se a borralheira onde secavam a macieira brava e alinhavam as maçarocas. Neste local existia um forno onde coziam a broa semanalmente. A masseira estava rodeada de bancos e servia de mesa, onde comiam as frugais refeições. Lateralmente tinha uns armários que serviam para guardar o toucinho da véspera e o cântaro de azeite com saibo. Faziam o esgoto no balde da vianda tendo uma banca onde lavavam a loiça vidrada que escorria pela espeteira.

Na cozinha terminado o serviço do dia, reunia-se a família e os serviçais para distribuir o trabalho a executar no dia seguinte. Nesta para além, dos grosseiros e vulgares utensílios existiam três que constituíam a baixela culinária da região. A *chocolateira* onde aqueciam a água destinada ao cozinhado, a *caçõila* onde faziam o arroz ou o ensopado no dia em que se permitiam o prazer de tais iguarias e o *pote* no qual, preparavam o caldo. Estas vasilhas de barro eram utilizadas para cozinhar à lareira, sobre a trempe ou têmpera único fogão conhecido com três pernas na base (CUNHA, 1932: 33).



Foto 14 - Chocolateira



Foto 15 - Caçõla

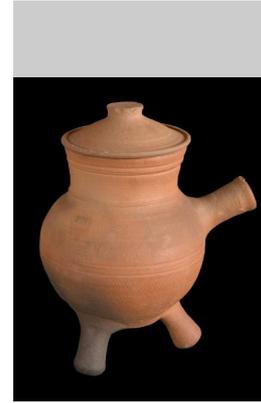


Foto 16 - Pote de rabo e três pernas

Fonte: Fotos de Museu de Olaria

2.2.3. A alimentação

A alimentação era insuficiente, no entanto era admirável a capacidade de trabalho numa população tão mal alimentada. Levantavam-se quando o sol nascia e o sino paroquial anunciava a missa quotidiana, a que os menos devotos e pouco sobrecarregados pela labuta laboral não faltavam. Trabalhavam na agricultura até às 21h00, alimentando-se posteriormente com uma refeição. A primeira refeição comiam ao meio-dia, que coincidia com as badaladas do sino regulador da vida aldeã, toque que elevava os espíritos à religiosidade das preces e convocava os camponeses a uma incompleta satisfação do apetite. À noite na lareira preparavam a ceia, que ao toque das trindades reunia os membros da família e agricultores. A alimentação a qualquer das refeições era um caldo de couves, feijão e batatas com pão de milho. Nas épocas mais prósperas acrescentavam-lhes umas sardinhas, batatas ou um pouco de arroz e nos dias solenes comiam bacalhau que reputavam de uma esplêndida iguaria. Criavam galinhas, mas preferiam vendê-las a matá-las, exceto quando iam a romarias longínquas e levavam a merenda. Os ovos eram objeto de negócio, contudo se alguma doença os exigisse usavam-nos nas refeições e na preparação de algumas receitas regionais.

O porco era privilégio dos mais abastados e sinónimo de uma vida folgada. Quase todos os agricultores tinham bois e vacas para lavrar as terras, mas para economizar não bebiam leite. No

entanto, uma das iguarias em dias festivos era leite cru com broa migada, açúcar e canela, deitando fora as natas.

O vinho era muito apreciado e as crianças que desde muito cedo ingeriam os mais indigestos alimentos, com apenas, alguns meses já o saboreavam.

Quando havia uma festa o dono da casa oferecia o lugar de honra, a cabeceira da mesa ao convidado mais importante e sentava-se à sua direita.

No fim, das desfolhadas antes de dançarem, comiam sardinhas com fatias de pão de milho e bebiam vinho verde, que era a alegria das suas predileções gastronómicas (CUNHA, 1932: 40-41).

2.2.4. Os trajes

Trajar é o ato que reflete a quase infundável trama de relações que o indivíduo e a sociedade estabelecem mutuamente.

Sobre os motivos que levaram o homem da nudez ao trajar, muito se tem redigido. Já em 1930, Flügel na obra *The psychology of clothes* resumia as razões que os especialistas do tema, até aí expunham:

- A necessidade de proteger o corpo contra as agressões do exterior;
- A modéstia, ou pudor, marca do pecado original;
- A necessidade de adornar ou decorar o corpo, mostrando-o aos outros.

Inúmeros autores entendiam que a principal finalidade do vestuário era a satisfação da necessidade de ornamentar o corpo que o usava.

Ao estudarem as sociedades primitivas os antropólogos observaram que apesar da ausência de roupagens, os corpos ostentavam uma variedade enorme de sinais decorativos, desde a pintura, a tatuagens, escarificações ou objetos com uma função social evidente e equiparável à do trajar nas nossas sociedades (ESTEVES, 1988: 7).

O traje barcelense perdeu as características regionais. Ele era pobre, roto e sujo prevalecendo as tonalidades escuras, muito descuidado, salientando-se sobretudo a ausência de qualquer noção de limpeza.

No conjunto o traje feminino era constituído pela camisa, colete de rabos, saia com barras, avental de riscas, dois lenços, chinelas e no inverno usavam uns casacos típicos e decorativos. A camisa era quase sempre feita com dois tecidos, linho fino até à cinta e uma costura demarcava o início da fralda em linho mais grosseiro.

Nas camisas mais compridas, a fralda servia simultaneamente de saia embora não dispensassem outras. As golas cobriam o pescoço sendo guarnecidas com rendas ou bordadas a branco.



Fig. 24 - Gola da blusa de senhora guarnecida com renda

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Os franzidos eram executados de forma graciosa e cuidada que serviam de ornamento na ombreira e nos punhos.

O colete de rabos era característico de tecido preto decorado com cavas amplas, bastante mais curto que a cinta tinha quatro rabos que se prendiam à mesma, sob a cintura da saia, enfolando a camisa nos intervalos dos rabos, entre a cintura e o extremo inferior do colete. Este era aberto na frente, apertava com um cordão feito de fios de diversas cores, entrançados tendo na extremidade uma borla amarela e cor-de-rosa e na outra uma agulheta de indústria caseira efetuada de arame delgado torcido. A borla prendia no ilhó inferior e a ponta com agulheta dava uma laçada no cimo da abertura. Uma barra ornamental com guarnições e bordados de tonalidades garridas adornava o colete, o qual no centro das costas na orla inferior tinha soltas e pendentes duas tiras do mesmo tecido preto.



Fig. 25 - Camponesa de Barcelos com colete de rabos

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Por cima as barcelenses traçavam-lhe um lenço de ramagens vivas, semelhantes aos de Viana do Castelo. É de salientar ainda que utilizavam sempre um lenço na cabeça, até mesmo dentro de casa o que facilitava os cuidados com os penteados.

As saias de tonalidade preta eram bastantes amplas. A barra tinha uma tira de veludo, duas guarnições de vidrilhos e pregas. A beira serve de forro, na parte interna tinha uma barra de flanela vermelha. O tecido era pesado, mas as barras da saia diferiam bastante. Algumas tinham uma barra larga de veludo, ladeada por guarnições de cetim de algodão formando corações e uma espinha de vidrilhos.

Os aventais eram pretos com folho, rendas e vidrilhos e outros eram mais garridos e típicos num tecido grosso de lã às riscas. Estas peças eram relativamente curtas e bastante largas. Os aventais e as saias eram debruados na extremidade inferior a galão preto.

No inverno as senhoras vestiam como agasalho por cima do colete e do lenço cruzado, uns casacos curtos com barras bordadas à frente, no fundo e nas mangas. O tecido e as guarnições eram totalmente pretos. A barra era composta por uma guarnição de cetim de algodão ao centro, ladeada por vidrilhos e com tiras laterais, num tecido peludo. Apertava com cinco botões pretos, de fantasia e era debruado a galão junto ao pescoço e na abertura. O forro era de riscado com quadrados azuis e brancos.



Fig. 26 - Senhora com casaco/jaqueta de inverno

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

As barcelenses calçavam chinelinhos de verniz pretos ou castanhos, sem enfeites ou com um laço de fita de seda entrançada, dando quatro laçadas sobrepostas de cada lado e duas pontas com agulhetas caídas para a frente.

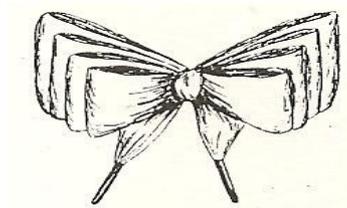


Fig. 27 - Laço usado nos chinelinhos barcelenses

Fonte: Ilustração de Biblioteca Municipal de Barcelos

Este traje não era muito vulgar, contudo era infinitamente mais característico que a saia preta de roda grande, lisa, o avental da mesma tonalidade guarnecido a rendas ou folhos e o lenço de pontas pendentes. Este conjunto vulgarizou-se e constituiu a indumentária domingueira de muitas mulheres que inconscientemente abdicaram do gracioso vestuário regional.

Os adornos de ourivesaria refletiam a aspiração máxima da vaidade feminina. Estas surgiam nos dias santificados, nas cerimónias religiosas com um traje típico, composto por saia e blusa pretas, lenço branco, fita azul e uma medalha suspensa ao pescoço (CUNHA, 1932: 42-52).

Durante as Festas das Cruzes, de Maio de 1936 a denominada Comissão de Iniciativa e Turismo, cujo presidente era Joaquim Paes de Villas-Boas, reputada e conhecida figura barcelense editou um folheto sobre o traje regional de Barcelos, que de certo modo, constituiu uma primeira tentativa de definir para o concelho, um tipo de indumentária numa região que se confundia e tocava muito ao de leve com as localidades contíguas.

A Comissão de Iniciativa e Turismo apresentou na exposição permanente na Casa de Portugal em Londres, sob a inspeção do Conselho Nacional de Turismo, uma boneca vestida com o traje barcelense, acompanhada de uma breve memória descritiva. Valiosamente coadjuvada pelo seu organismo auxiliar, a Sub-Comissão Cultural, a Comissão de Iniciativa de Barcelos procurou e conseguiu fixar num traje todas as características que diferenciavam o traje barcelense, o qual apesar de alguma deturpação ainda era usado nas aldeias deste extenso concelho e que com facilidade podia fazer reviver, expurgado de todas as influências estranhas que podiam descaracterizá-lo.²⁰

A indumentária apresentada foi o traje regional de Barcelos que possuía algumas pequenas alterações de primeiro detalhe, no qual a saia e o avental foram confeccionados com a combinação de inúmeras cores sempre numa tonalidade suave, modesta, segundo a fraseologia minhota.



Fig. 28 - Traje regional de Barcelos de 1936

Fonte: <http://portugalempostalpintomonteiro.blogspot.pt/2009/03/trajes-e-costumes-de-portugal.html>

²⁰ VILLAS-BOAS, *Notícias de Barcelos*, Março 1996, pp. 7-8

A saia de serguilha, como o avental, este mais claro com a sua barra (forro em linguagem minhota), de cor preta era completamente diferente das saias e aventais vianenses.

O colete de rabos preto com bordado a cores é inconfundivelmente barcelense, bem como a camisa de gola larga e ombros bordados a branco, dado que nenhum traje vianense típico tinha uma blusa igual. Cruzava o peito e cobria a cabeça com um lenço de ramagens, um de fundo mais escuro e outro de fundo claro, sendo característica original local a combinação do lenço castanho com o azul, este quase de uso exclusivo no concelho de Barcelos.

As senhoras também usavam meias, chinelas, faixa, lenço da mão dado que tudo obedecia a um rigor minucioso.

Também era difícil a reprodução das joias no traje barcelense. Não fazia parte dos adornos a filigrana, sendo apenas usada a designada estrela (espécie de Cruz de Malta). Contudo, eram típicas as argolas e o coração de chapa, os cordões, a borboleta e a cruz.²¹

O traje masculino era composto por calças de lã castanha, camisa branca de linho com baixo cabeção de renda no pescoço, guarnecedo a abertura até a cinta. Os homens usavam uma faixa preta de lã na cintura. Na cabeça utilizavam um chapéu preto de copa baixa e aba larga. Por fim, calçavam sapatos de atarrado de tonalidade acastanhados, de sola e bico largo.



Foto 17 - Casal com um traje regional de Barcelos

Fonte: <http://barceloscidade.webnode.pt/trajes-regionais/>

²¹ VILLAS-BOAS, *Notícias de Barcelos*, Março 1996, pp. 8

2.2.5. A agricultura

Até bem entrado o século XX, a agricultura era o principal setor de atividade quotidiana no concelho de Barcelos. Nos trabalhos rurais as mulheres desempenhavam funções imprescindíveis. Desgastadas pela aspereza de uma vida árdua, vigorosas e ativas realizavam os mesmos trabalhos pesados que os homens. A terra era um manancial abundante que produzia durante todo o ano, o alimento indispensável à vida e os produtos que depois de vendidos permitiam a satisfação de outras necessidades. As tarefas agrícolas nunca terminavam.

Antes do Natal, o centeio que servia para misturas de panificação, a aveia dada aos animais e o trigo usado para fazer o raríssimo pão de luxo que acabavam por vender, eram semeados em carreiros, tarefa que os camponeses designavam de assocar. Durante a mesma época semeavam cebolo em alfobres que designavam de margens.

Também cultivavam cenouras, alhos, tronchudas, coivões e nabos. As alfaces semeavam em qualquer altura do ano, eram mondadas e aplicavam-lhes imensos tratamentos. A batata era abundante e um género essencial na alimentação, bem como o milho que provia o pão quotidiano, sendo semeado em Abril e Maio juntamente com o feijão para ser colhido em Setembro, época festiva das desfolhadas.

Os melões, as melancias e as abóboras para fazer as sopas e alimentar os animais, quando não eram cultivadas entre os milharais distribuíam-nas em carreiros que no vocabulário regional, designavam de galgueiras ou em covas, nas quais deitavam as pevides. O feijão verde e as ervilhas também eram alinhados em galgueiras subindo por estacas.

Os produtos agrícolas eram semeados na lua nova, à exceção do cebolinho e das batatas para os quais preferiam a interveniência da lua cheia. Os adubos químicos apesar de vantajosos eram dispensados por questões económicas, pois preferiam a borralha (cinza) como fertilizante.

A agricultura realizada por processos modernos com intervenções de máquinas era privilégio dos grandes proprietários (CUNHA, 1932: 52-54).

Apesar do surto industrial na década de 70, no município de Barcelos este continuava a ser considerado uma localidade predominantemente rural. Era na agricultura que grande parte da população desenvolvia a sua atividade, uns como trabalho principal e outros como complemento

de um emprego que em horário normal desenvolviam no setor secundário e terciário. Esta atividade foi sempre maioritariamente familiar e eram muito poucas as explorações que recorriam ao emprego de assalariados.

No ano de 1981 havia no concelho 9.249 explorações agrícolas, que ocupavam uma área de 25.462ha. Passados oito anos o número de explorações diminuiu para 6.526, bem como os hectares reduziram para 14.313. Tal facto deveu-se à fuga de mão-de-obra para o setor secundário e à emigração de inúmeros trabalhadores, principalmente para a França e Alemanha.

As dificuldades que o produtor tradicional enfrentou causaram o abandono das terras, incentivaram outros a modernizar o sistema, implementando novos produtos e adaptando novas metodologias que facultaram o seu desenvolvimento (ALMEIDA, 1997: 20-22).

Tendo presente a Carta de Ordenamento Agrícola pode-se afirmar, que a região de Barcelos possuía maior aptidão agrícola que florestal, a qual podia ser apresentada deste modo:

1. Solos A - São áreas com aptidão agrícola localizadas em zonas de relevo aplanado ou ondulado com solos profundos, grande grau de fertilidade propício a culturas de tipo intensivo sem risco de degradação.
2. Solos C - São áreas de aptidão agrícola condicionada com solos em que as características eram semelhantes ao grupo anterior, mas que não suportavam culturas de tipo intensivo.

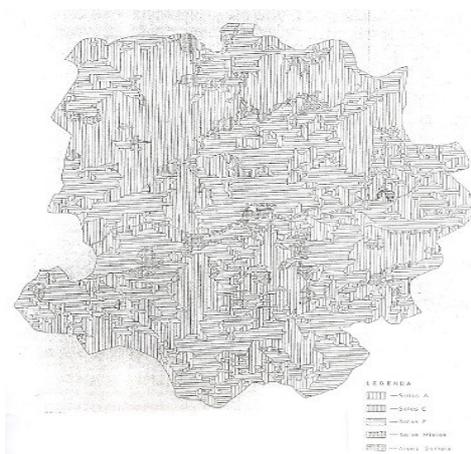


Fig. 29 - Esboço da carta de ordenamento agrícola

Fonte: Mapa do Centro Nacional de Reconhecimento e Ordenamento Agrário (CNRDA, 1974)

Nas freguesias de Adães, Airó, Campo, Carreira (S. Miguel), Carvalhal, Chavão, Chorente, Cristelo, Góios, Gual, Macieira de Rates, Midões, Milhazes, Minhotães, Moure, Negreiros, Remelhe, Roriz, Alvito S. Martinho, Silveiros, Viatodos, Vila Cova e Vila Seca a superfície agrícola utilizada (S.A.U.) ocupava mais de metade da respetiva área geográfica.²²

Os solos agrícolas de qualidade eram aproveitados para a policultura, principalmente do milho (cada vez mais para forragem/silagem), a batata, o feijão, a horticultura, as culturas arvenses e o vinho.

Ao longo dos anos a reorganização do setor agrícola foi muito lenta, dada a dispersão das parcelas agrícolas e principalmente porque imperava há séculos neste concelho uma mentalidade individualista. No entanto, as grandes explorações existiam sempre anexadas às grandes quintas, inúmeras delas com um passado senhorial que se refletia na vastidão da sua área, muradas, agregadas, à volta de um edifício com uma história que merecia ser preservada e difundida.

Era na envolvente das quintas e de outras explorações que se encontravam algumas das mais recentes atividades agrícolas, tais como a vitivinicultura. Dada a tradição e a condição geomorfológica, o Entre Douro e Minho é a região demarcada do Vinho Verde. Em 1981 o município de Barcelos apresentou a maior quantidade produtiva de vinho (193.000 litros), que correspondeu a uma taxa de cerca de 30,7% da região demarcada.

O concelho também se destacou por ter sido um dos maiores produtores de leite (o maior do distrito de Braga) e foi mesmo considerado pela Agros, como o concelho com a melhor produção do Minho (ALMEIDA, 1997: 23-25).

2.2.6. A indústria

O fomento da industrialização no concelho de Barcelos desencadeou a partir, de finais do século XIX, princípios do século XX. Tal facto, sucedeu devido ao desenvolvimento de alguns meios de comunicação, tais como a construção de novas estradas e o prolongamento da linha de caminho de ferro, do Porto até ao Minho.

²² Câmara Municipal de Barcelos, “Estudos Económicos”, in *PDM*, 1995, pp. 1-12

Do ano 1900 até 1950, começaram a laborar em Barcelos algumas indústrias relevantes, dada a habilidade e capacidade inovadora de um grupo de empresários.

O empresário D. José Domenech foi um dos principais fundadores e sócio gerente da fábrica de serração a vapor *J Salort e C^a*, situada junto à estação de caminho de ferro iniciou a sua construção no primeiro semestre de 1905.



Foto 18 - Firma *José D. Domenech, Lda.*

Fonte: Foto de Biblioteca Municipal de Barcelos

Posteriormente, a empresa sofreu diversas modificações tendo como intuito o incremento da sua capacidade de laboração. No entanto, passados dois anos a empresa não ficou definitivamente instalada. Primeiro arrendou o terreno, de seguida encomendou as máquinas e por fim, decidiu tudo o que era preciso. Desconhece-se ao certo, as razões que o levaram a instalar-se em Barcelos e a montar uma fábrica de serração. Contudo, tudo indica que a fixação na região teve em consideração a inexistência de indústrias de serração, a localização próximo de Tuy, junto à empresa mãe, com fáceis acessibilidades através da linha férrea, a existência de extensas áreas florestais e o clima ameno.

No lado sul da fábrica de serração existiam umas estufas grandes construídas em tijolo, interligadas à grande dependência destinada à serragem, em frente às mesmas para o lado norte havia outras estufas, seguidas pela casa das máquinas, habitações e escritórios ligados à

dependência de serração que constituía a parte mais importante desta empresa. Também existia um grande depósito ou tanque da fábrica.

A instalação da empresa “o maior benefício que ultimamente temos recebido”, propiciou um considerável desenvolvimento à economia barcelense e minhota. Isto porque não só se criaram inúmeros postos de trabalho, mas também facultou uma valorização da área florestal. Esta assegurava o escoamento da produção pinífera, que no início apenas se limitava à pequena exportação de toros de madeira para a Inglaterra e à lenha para uso doméstico. Também garantia o desenvolvimento dos pinhais e a prosperidade dos seus proprietários.

Como a indústria de serração trabalhava com produtos facilmente inflamáveis registaram-se alguns incêndios. O primeiro aconteceu em Julho de 1907, o maior que se apurou em Barcelos até aquela data, mas que no fim de aproximadamente três horas apagou graças à ação dos Bombeiros Voluntários de Barcelos, operários e populares. Dois anos mais tarde registou-se outro incêndio numa das estufas junto à casa das máquinas. A 21 de Julho de 1938 pelas cinco horas da manhã ocorreu outro incêndio que destruiu a secção de serração, registando-se prejuízos de algumas centenas de contos.

D. José Domenech dedicou-se à produção de cal. Junto à fábrica de serração construiu dois fornos para calcinação da pedra calcária. A instalação destes fornos representava um grande benefício, dado que o preço da cal baixou 40% a 45% em relação aos preços de Fão. Como destaca a notícia, no anexo do jornal *Diário do Minho*, de 2 de Março de 1923 ainda esteve associado à fundação da *Saboaria Barcelense, Lda.*, uma empresa de sabão constituída a 23 de Março de 1923 situada no lugar da ponte em Arcozelo.

Defensor do trabalho e com uma visão alargada, D. José Domenech defendeu que Barcelos podia ser um grande centro industrial, contudo era necessário fundar empresas que tivessem em consideração as características do meio. Assim, recomendava que se montassem indústrias de chapéus e gorras, roupas de serralharia e de fundição para construir máquinas de tirar água e de manutenção. Também aconselhava as fábricas de fazer pregos, moagem de trigo, guarda-chuvas, calçado e chegou mesmo a mostrar uma estimativa do número de operários que estas empresas empregavam. Segundo a sua opinião a formação de indústrias iria trazer enormes benefícios para o concelho.

Após a sua morte em de Julho de 1928, a firma *Juan Domenech, Lda.* passou a ter como sócios D. Juan Bautista Domenech Y Domenech, D. Salvador Domenech e D. Vicente Mahiques Senti. O seu objeto era o comércio de compra e venda de madeiras, exploração de serrações mecânicas, o fretamento de vapores para o exercício do comércio e indústria, a exportação de pinheiros e madeiras e quaisquer outros artigos que a sociedade resolvesse explorar. Depois da morte do sócio D. Juan Bautista, único dos irmãos de D. José Domenech ainda vivo, as relações entre os dois sócios D. Salvador Domenech e D. Vicente Mahiques Senti começaram a desgastar-se, desenrolando-se uma guerra jurídica que se prolongou por muitos anos. A indefinição na gerência da empresa prolongou-se durante tanto tempo que foi encerrada. O conflito terminou com a constituição de uma nova sociedade, a *Fábrica de Serrações Mecânicas de Viúva Juan B. Domenech, Lda.*, na qual o sócio gerente D. Vicente Mahiques Senti assumiu um papel proeminente. A empresa que ficou conhecida pela fábrica dos galegos atravessou períodos de grandes dificuldades económicas e acabou mesmo por encerrar em 1960 (PINHO, 1999: 1-6).

Também foi criada uma empresa de moagem de trigo, a *Fábrica de Moagem do Cávado*, da firma Vinagre & Borges junto à estação de caminho de ferro, a qual começou a laborar em 1920 e mais tarde deu origem à *Sociedade Industrial do Vouga, Lda.*

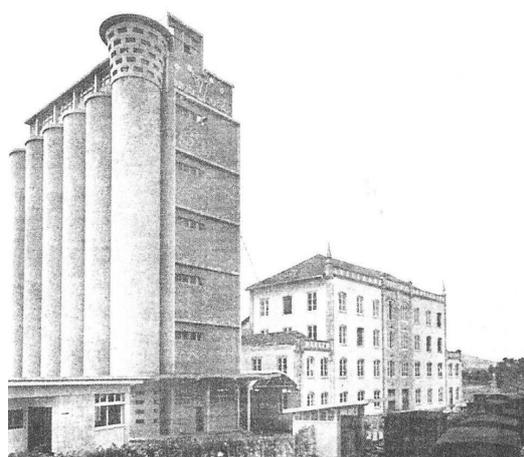


Foto 19 - Empresa *Vouga*, antiga fábrica de moagem do Cávado

Fonte: Foto de Tenente Francisco Cardoso e Silva

Como referem os anúncios em anexo, do periódico *O Barcelense*, Ano XVII, nº 833 de 26 de Fevereiro de 1927 e na edição do Ano XVII, nº 877 de 14 de Janeiro de 1928, no concelho de Barcelos existiram pequenas indústrias de serralharia, refinação, cerâmica, carpintaria, marcenaria e papel que empregavam um vasto número de operários (PINHO, 2003-04-05: 172-173).

É de salientar igualmente a produção de linho para consumo doméstico, a telha bastante difundida dado que abastecia o concelho e a indústria cerâmica presente, sobretudo nas localidades da Lama, Pousa, Areias de S. Vicente, Oliveira e Galegos. Apesar deste tipo de indústria se ter concentrado no concelho, o barro era transportado em carros de bois do concelho vizinho. Existiam diversas qualidades de barro que serviam para moldar diferentes tipos de objetos. No barro vermelho ou ocre, cuja tonalidade se obtinha da pirite existente na sua composição, havia três qualidades, sendo uma destas conseguida artificialmente, mediante a melhor amassada com a pior. Deste modo, o barro vermelho de qualidade mais fino era usado para fazer objetos delicados e graciosos, alguns infantis que vendiam para o Bom-Jesus; outro tipo de barro que podia ser natural ou resultar da mistura de duas qualidades utilizavam para efetuar alguidares, canecas, canos, utensílios de uso doméstico, entre outros e o mais grosseiro provia a telha das habitações rurais. O barro branco era menos ferruginoso, corava a altas temperaturas e só havia na freguesia de Manhente. O barro vermelho de melhor qualidade provinha das freguesias de Prado, Cruto e Cabanelas no concelho de Vila Verde. Existia um barro vermelho de qualidade inferior extraído em Manhente, Prado, Cabanelas e Areias S. Vicente que utilizavam para efetuar louças grosseiras. A loiça que servia para cozinhar as frugais refeições aldeãs, tais como o pote, caçoila e a chocolateira sofriam a ação direta do fogo, portanto não eram vidradas. Os alguidares, canecas e pratos eram vidrados e pintados com ornatos simples, numa decoração sucinta que inúmeras vezes recordava os motivos de cerâmica pré-histórica. Na loiça mais aperfeiçoada as tonalidades de vidrado mais utilizadas, foram o verde, preto e castanho-escuro. A indústria cerâmica foi bastante disseminada nas freguesias argilosas, como tal numa pequena localidade chegaram a existir dezenas de fábricas a laborar em simultâneo.

A indústria da telha atingiu uma certa prosperidade, pois o concelho não importava este tipo de material (CUNHA, 1932: 55-56).

No ano de 1921 foi edificada a fábrica *Barcelense*, de passamanarias num terreno citadino previamente adquirido.



Foto 20 - Fábrica *Barcelense, João Duarte Lda.*

Fonte: Foto de Biblioteca Municipal de Barcelos

Para a sua fundação, o principal administrador João Duarte Veloso associou com quotas mínimas, inúmeros amigos de Barcelos e do Porto.

Nos finais da Primeira Grande Guerra surgiram algumas dificuldades de importação e exportação. Faltaram meios de transporte, sobretudo por via marítima com o conseqüente empate das matérias primas que não vinham, dos produtos manufaturados que não saíam e do capital que não se movimentava. Como João Duarte Veloso exportava os artigos da sua indústria para a África e Brasil, teve dificuldades financeiras e decidiu contrair um empréstimo. Dadas as dificuldades aliadas à instabilidade governativa e à crise económica do país, verificou-se um clima de incerteza e descrença no êxito da indústria. Os sócios de João Duarte Veloso também receavam ver comprometidas as suas pequenas quotas que representavam as suas economias. Como tal, o empresário decidiu ficar com as quotas dos sócios e continuar apenas, com os que estavam dispostos a acompanhá-lo. A sua enorme visão fazia-o pressentir que estava numa nova era, a da indústria. Deste modo, decidiu ampliar as instalações da empresa, incorporando novos mecanismos e artigos. Para adquirir e importar novas máquinas, João Duarte Veloso solicitou um novo empréstimo a uma casa bancária local e sem hesitar hipotecou a sua própria habitação. Com o dinheiro do empréstimo deu um novo dinamismo à empresa, começando a fabricar rendas e peúgas. A iniciativa foi um êxito, pois possibilitou-lhe ao fim de poucos anos liquidar o empréstimo e consolidar o crédito, bem como contribuiu para aumentar a sua reputação junto à opinião pública, como empresário de larga visão.

João Duarte Veloso desde sempre praticou a caridade, mas sempre num grau elevado de bem fazer. Em 1925 criou uma cantina para fornecer ao meio dia, uma refeição abundante a todos os funcionários evitando, assim os graves incómodos com os seus almoços, os quais nem sempre eram fartos. Mais tarde uma empresa fornecia o pequeno almoço e a merenda aos empregados. No ano de 1934 inaugurou um lactário creche para oitenta crianças, um dos primeiros criados no país, onde os filhos das operárias eram tratados atenciosamente desde os primeiros meses de vida, por conta da empresa incluindo o próprio vestuário dos bebés.

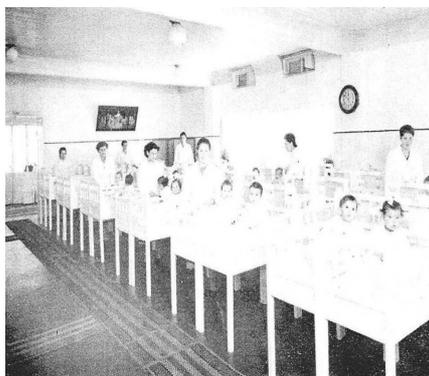


Foto 21 - A creche lactária inaugurada no ano de 1934

Fonte: Foto de Biblioteca Municipal de Barcelos

No ano de 1945, abriu um refeitório para os subordinados tomarem comodamente as suas refeições.

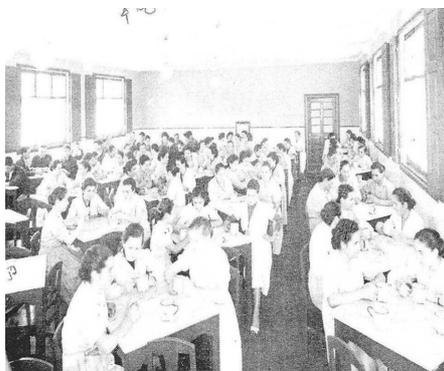


Foto 22 - O refeitório da empresa *Barcelense*

Fonte: Foto de Biblioteca Municipal de Barcelos

Em 1944, no dia de aniversário de João Duarte, a cidade de Barcelos fez-lhe uma festa de homenagem, pelas obras e benefícios ocorridos e que contribuíram para o seu desenvolvimento.²³

Mas a atividade industrial de João Duarte Veloso foi muito mais longe, construindo e criando outras unidades fabris, que trabalhavam simultaneamente e em interligação. Como destaca a notícia no anexo do jornal *O Barcelense*, Ano XVII, n.º 840 de 16 de Abril de 1927, no dia 2 de Fevereiro de 1923 o empresário fundou a *Fábrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Limitada*, num edifício contíguo à empresa Barcelense. Era uma sociedade comercial por quotas, dedicada à fiação de tecidos pertencente a João Duarte, Amadeu Duarte de Azevedo, António Guilherme Nunes Hall, Eugénio Roriz de Azevedo e Jorge Cardielos (PINHO, 2003-04-05: 173). Passados alguns anos afastou-se desta empresa.

Tendo presente a notícia em anexo do periódico *O Barcelense*, Ano XXXV, n.º 1768 de 17 de Fevereiro de 1945, o gerente João Duarte Veloso fundou a grande unidade fabril *Empresa Têxtil de Barcelos, Lda. - Tebe*. A sociedade designada João Duarte & Companhia, Limitada tinha a sua sede e empresa principal na cidade de Barcelos, na rua Cândido da Cunha e definia como objetivo a exploração da indústria de malhas de nylon e algodão, ou qualquer outro ramo de comércio ou empresa que os sócios deliberassem. Depois da fábrica ter atingido alguma prosperidade, João Duarte Veloso cessou a sociedade e o industrial Campos Henriques foi o seu proprietário.

A partir da década de 80, com o incremento do emprego e da população, Barcelos começou a afirmar-se no quadro urbano nacional.

Tendo presente os diferentes ramos da indústria transformadora eram particularmente os têxteis e o vestuário, que tinham maior representatividade na sub-região do Cávado e no concelho de Barcelos (43,4% do emprego total no setor secundário), seguido dos produtos minerais não metálicos e por fim, a madeira e cortiça. O crescimento do setor secundário no município deu-se porque havia mão-de-obra barata, sobretudo mulheres e jovens e pelo recurso ao trabalho sazonal. Para além disto, existia uma tradição muito antiga no concelho ligada à produção artesanal do linho e o uso de cursos de água para abastecer as indústrias de tinturaria.

²³ Comissão executiva do monumento, 1967, pp. 25-56

As empresas eram normalmente de pequena e média dimensão, de âmbito familiar, encontravam-se implementadas na área periférica da cidade e no decurso das principais vias de comunicação.

O município de Barcelos que demonstrou possuir algumas fragilidades para atingir um desenvolvimento industrial diferenciado (mais devido à tradição do que por falta de iniciativa empresarial), teve no entanto, sempre como objetivo utilizar e transformar os recursos naturais para os exportar.²⁴

2.2.7. O artesanato

O concelho de Barcelos é um dos maiores centros de produção de arte popular do país. Pode-se mesmo afirmar, que nas 61 freguesias se produz uma enorme variedade de artesanato regional.

O artesanato é de facto um setor preponderante que caracteriza e exalta em Portugal e no estrangeiro o município de Barcelos. De cariz essencialmente rural e popular, incidindo sobretudo na produção em oficinas familiares constitui uma atividade importante para a sua economia. Este é o concelho do norte do país com maior número de artesãos divididos por diferentes produções artesanais, tais como, a cerâmica tradicional, a olaria, o figurado, os bordados, a tecelagem, a madeira, a cestaria e vime, o ferro e latoaria, o couro e o artesanato contemporâneo.

²⁴ Câmara Municipal de Barcelos, “Relatório do Plano: 1ª Parte Apresentação e Enquadramento Geral”, *in PDM*, 1995, pp. 34-35



Fig. 30 - Roteiro do artesanato do concelho de Barcelos

Fonte: Brochura da Câmara Municipal de Barcelos - Serviço de Turismo

A cidade de Barcelos é conhecida pela sua cerâmica artesanal, sobretudo pelo colorido galo de Barcelos, um ícone nacional usado inúmeras vezes como símbolo de Portugal.



Foto 23 - O colorido galo de Barcelos

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Lenda_do_Galo_de_Barcelos

O primeiro galo foi efetuado na década de 30, do século passado pelo oleiro Domingos Côto, na freguesia de Galegos Santa Maria. A utilização da roda em detrimento do fabrico à mão possibilitou a sua realização em série e em avultadas quantidades. Como tal, o galo para além, de ser bastante vendido na feira barcelense tornou-se durante a Segunda Guerra Mundial, no embaixador de Portugal. Mais tarde em 1963, F. Pires de Lima na sua publicação bibliográfica *A Lenda do Galo de Barcelos e o Milagre do Enforcado* defendeu a teoria que o galo de barro estaria associado à lenda do Cruzeiro do Senhor da Cruz. Tendo presente este pressuposto de índole religioso, o mito aumentou e o galo adquiriu uma acentuada relevância como símbolo turístico, chegando mesmo a ser utilizado em 1975 como logótipo da Costa Verde.

No entanto, é de salientar que de todas as atividades tradicionais a olaria tem um papel relevante dado a sua inquestionável interseção à terra e ao homem, que se constata não só pela quantidade e qualidade das peças que se fabricam no concelho, mas também na importância económica e social que este ofício teve ao longo dos tempos.

O fabrico de olaria tem maior incidência na área nordeste do concelho, terras com uma elevada quantidade de água e barro. Este trabalho foi tão importante ao longo dos anos que se encontrava intrinsecamente ligado à história, passada e presente desta terra e do seu povo. Deste modo, surgiu uma arte tradicional local consolidada na terra e na habilidade de pessoas que lhe atribuíam formas. No fabrico de louças utilitárias é de salientar os pratos, travessas, cântaros, bilhas, malgas, etc. de barro vermelho vidrado com motivos decorativos vegetalistas, animalísticos, etc.



Foto 24 - Louça de barro vidrada com motivos decorativos

Fonte: <http://mormolandia.blogspot.pt/2010/07/eles-sao-tao-populares-como-louca-de.html>

As designadas louças de Barcelos são um elemento identitário que no decurso dos séculos propagaram o nome do concelho, criando empregos que permitiram a subsistência de inúmeras famílias. Em Portugal nas feiras semanais, anuais, romarias, etc., a designação Barcelos era disseminada por pessoas humildes que percorriam os mercados das vilas vendendo louças, que transportavam a pé ou em carros de bois, atribuindo-lhe um reconhecimento que se propagou ao longo dos anos, tal como um cunho de identificação da população, da região e de uma cidade, até a sua denominação não poder ser mais desagregada do seu âmbito socioeconómico.

O figurado é a designação atribuída às peças de cariz popular realizadas na localidade de Barcelos, podendo ser figuras pequenas modeladas manualmente, em pequenos moldes ou utilizando ambas as técnicas. As peças mais pequenas preenchiam os espaços vazios nos fornos de cozedura, sendo igualmente uma forma de utilizar os restos de barro moldando miudezas para vender nas feiras e aumentar o rendimento das famílias. Pode-se mesmo afirmar que estas peças de arte popular eram o símbolo identitário da região, resultado da habilidade dos seus artesãos reproduzirem o real, concebendo o imaginário. Em meados do século XX, o fabrico destes objetos tornou-se bastante proeminente, sobretudo com os trabalhos de alguns mestres barristas como Ana Baraça, Domingos Gonçalves Lima (Mistério), Maria Sineta, Rosa Ramalho, Júlia Côta entre outros, os quais fizeram do figurado deste concelho uma referência no artesanato português e que possibilitou a exaltação das obras de artesãos como Rosalina Pereira, Manuel Valada, Francisco Branco, João Côto e António Côto que faziam da arte popular o seu meio de sustento. Este tipo de artesanato não era apenas, a expressão artística do modo, de pensar, sentir e viver do povo, mas também a forma que cada artífice tinha de caracterizar o seu quotidiano.

Atualmente o figurado e a olaria são produtos artesanais autenticados e protegidos pelas entidades de certificação portuguesas. Os artesãos de Barcelos são figuras de mérito de âmbito nacional e internacional. A artesã Ana Baraça natural de Galegos Santa Maria efetua objetos como músicos e coretos foi agraciada pelo Presidente da República, no dia 8 de Maio de 1985 com o grau de oficial D. Henrique; Domingos Gonçalves Lima (Mistério) habitou na freguesia de Galegos Santa Maria, foi autor de figuras emblemáticas e dos típicos diabos, venceu o primeiro prémio do III salão do artesanato do casino do Estoril; Júlia Ramalho reside em Galegos S. Martinho é neta da famosa artífice Rosa Ramalho e foi aclamada “artesão do ano” de 1983, no III salão nacional de artesanato do casino do Estoril; Rosa Ramalho residiu em Galegos S. Martinho iniciou o ofício no

barro aos sete anos, vendeu as suas peças em feiras e romarias do país e avassalou inúmeros admiradores não só pelo seu trabalho, mas especialmente pela sua irrefutável simplicidade.



Foto 25 - Peças de artesanato realizadas pela artesã Júlia Ramalho

Fonte: Foto da autora (2011)

Dada a riqueza de arte popular existente em Barcelos é elementar salientar os tapetes de trapo e penas, o linho e os bordados. Quando se fala desta região minhota é importante realçar as peças de tecelagem e os bordados, usados antigamente como motivos decorativos nos trajes e nas roupas de enxoval das jovens casadoiras. No concelho de Barcelos ainda há artesãs que tecem num tear manual, preservando assim, uma técnica tradicional que foi durante anos a base da sua economia. Também são peças admiráveis, os bordados de crivo efetuados à mão, na freguesia de S. Miguel da Carreira.



Foto 26 - Bordado de crivo de S. Miguel da Carreira

Fonte: <http://raizestradicoes.blogspot.pt/2011/02/smiguel-da-carreira.html>

Ainda há outros produtos artesanais como a cestaria de vime utilitária e decorativa, o mobiliário, os abanadores, chapéus de palha, entre outros. De destacar igualmente são os trabalhos de madeira, tais como o mobiliário rústico em pinho, jugos, gamelas, tanoaria, rocas e fusos, miniaturas, tamancos, etc.

Por fim, outro exemplo a realçar são os objetos de latoaria e os trabalhos em cobre e estanho.

2.3. A Arqueologia

A Arqueologia é a disciplina científica que estuda as culturas e os modos de vida do passado, através da análise de vestígios materiais. É uma ciência social que estuda as povoações desaparecidas, a partir dos seus restos materiais, sejam estes móveis (exemplo um objeto de arte) ou imóveis (o caso dos elementos arquitetónicos). Também se inclui no seu âmbito de estudos as intervenções realizadas pelo homem no meio ambiente.

O concelho de Barcelos é um local com uma vasta diversidade de vestígios arqueológicos de diferentes épocas, resultado do intenso povoamento humano que ocorreu durante milénios, totalizando atualmente 312 sítios que estão inventariados na Carta Arqueológica. Esta localidade abrange uma área de 363 Km² que se distribui pelas 61 freguesias, onde se encontram vestígios arqueológicos que vão do período Paleolítico até ao início da Época Moderna (ALMEIDA, 1993: 55-58).

Alguns instrumentos líticos e paleolíticos ou do período paleolítico foram recolhidos nos arredores da cidade, no qual existe um extenso terraço fluvial de 15-25m e mais a Norte em Carapeços e no Monte de Arefe. No entanto, há um conhecimento bastante fiel do período Megalítico, dada a existência de três menhires e de uma publicação bibliográfica sobre dois deles. O menhir que ainda não foi objeto de estudo está no lugar do Carvalhido, freguesia de Vila Cova e serviu de marco de divisão entre esta localidade e a de Curvos, no concelho de Esposende.

Também há vestígios de *antas* ou *mámuas* em Alvito S. Martinho, Monte de Arefe em Durrães, no planalto dos Feitos, no Monte de S. Gonçalo, Fragoso, Feitos, Gilmonde, Vila Cova, Remelhe e Cristelo. Segundo as Inquirições, na freguesia da Alheira encontra-se o topónimo “anta”,

ou os livros de matrizes da secção de Finanças descobre-se um conjunto de identificações, que de acordo, com peritos na matéria contextualizam a realidade megalítica; *madorra, madorno, anta* ou *antas, mamôa, mamoa* ou *mámuas*.

A Idade do Bronze ainda é desconhecida nesta área, isto porque não foi objeto de um estudo adequado. Provavelmente algumas das antas anteriormente mencionadas pertencem a esta fase, mas para salientar povoados com ocupações desta época, só o Castelo de Faria com as suas cerâmicas de decoração incisa, não campaniforme.

Pode-se afirmar, que existem dados relativos aos locais de enterramento e sobre objetos avulsos, contudo o contexto ainda continua oculto ou insuficientemente elucidado. São exemplo disto, o amplo conjunto de Cistas da Chã de Arefe (Durrães) e de S. Bento de Balugães, que propiciaram objetos metálicos de tipo campaniforme, nos quais as datações aludem para uma época que incide entre os 1800 e 1700 a.C. Também é deste período o conjunto de Sequeade composto por um vaso subcilíndrico com asa lateral e uma “meada” de fios de ouro que Teresa Soeiro analisou. Datação quase semelhante tem a cadeia de ouro, descoberta há muitos anos na freguesia de Góios e que Mário Cardozo analisou. Ao amplo período pertence igualmente uma ponta de lança de bronze achada em Durrães, as gravuras da “Laje dos Sinais”, do Monte d’ Assaia e inúmeros machados encontrados em Viatodos e noutros locais do município.

No entanto, há uma informação mais profunda sobre a Idade do Ferro, a Romanização e a Idade Média. Para tal, muito tem contribuído a diversificada bibliografia existente sobre o tema e determinadas intervenções arqueológicas realizadas no Castelo de Faria, Castro de Faria, Castro de Oliveira, Castro do Monte do Facho de Abade do Neiva, Castro da Picarreira (Carapeços) e os monumentos com forno do Monte d’ Assaia e de Galegos S.ta Maria.



Fig. 31 - Mapa da Cultura Castreja

Fonte: Mapa de Câmara Municipal de Barcelos - Serviço de Arqueologia

No que respeita às culturas castrejas as citações mais antigas são de J. Contador de Argote, sobre o Castro do Monte de Lousado (Alheira) e do Castro Monte Carmona na interseção de Balugães com Carvoeiro. No início do século XVII foi Carvalho da Costa que mencionou a existência em Cossourado de um habitat castrejo, no local onde antigamente se encontrava a capela de S. Simão. Estes dados permitiram aos arqueólogos a perceção sobre os Castros de Nossa Senhora da Aparecida de Balugães, do Monte Castro de Palme e do Monte Facho de Oliveira.

De todos os investigadores, Teotónio da Fonseca foi o que deixou a maior quantidade de informações arqueológicas nas suas duas publicações sobre o município de Barcelos. Posteriormente, arqueólogos como Manuela Martins e Armando Coelho revelaram dados essenciais, mediante inventários concisos que introduziram nas suas dissertações de doutoramento.

O inventário de habitats da Idade do Ferro tem sido realizado com base no trabalho de campo que se fundamenta nas informações locais e no conhecimento sobre a toponímia, no qual o aspeto marcadamente arqueológico acentua a expectativa de achar um castro, uma necrópole, uma *villa*, um *aedifício*, uma anta ou *mámuia*.

A estação mais conhecida de Barcelos é a do Castelo de Faria, dado o trabalho que o Grupo Alcades de Faria realizou durante vários anos e pelo agregado de ocupações que o local confinou. Outros exemplos bastante vulgarizados são o Castro de Oliveira com a cabeça de guerreiro, o Castro do Monte d' Assaia e mais tarde, o Castro da Picarreira (Carapeços) e Galegos (S.ta Maria), devido à existência do Monumento com Forno escavado pelo arqueólogo Armando Coelho.

Em grande parte das situações ao topónimo *Castro* ou *Crasto* pertence um povoado da Idade do Ferro, embora haja alguns casos em que isto, não está comprovado. Por exemplo, no Monte Castro na Pousa não foram encontrados indícios do designado Castro de Eira Pedrinha. Ainda há circunspectas dúvidas sobre a existência de um Castro num Cabeço que se debruça sobre o Ribeiro de Sequeade e que Teotónio da Fonseca dizia pertencer à freguesia de S. Miguel da Carreira e no que respeita há hipótese, de os mesmos se encontrarem nas freguesias de Sequeade e Várzea, mais precisamente no Monte Maio. No entanto, nem todos os sítios denominados de Castros poderão ser efetivamente considerados como tal, é o caso dos povoados de Queijeiras (Abade do Neiva), Alvarão (Banho - Vila Cova), Eira dos Mouros (Negreiros) e Agra de Além (Midões). Estruturalmente são habitats concentrados que ocupam como os "castros agrícolas", um pequeno cabeço na periferia ou estão envolvidos por solos cultiváveis. Também possuem indícios de edificações defensivas, mas, após um estudo dos vestígios cerâmicos e uma pesquisa mais aprofundada da sua tipologia, constatou-se que são habitats do final da ocupação romana, precisamente do início da Alta Idade Média.

Neste concelho há diversos vestígios relacionados com a Romanização, mas muito poucos foram analisados ou referidos.

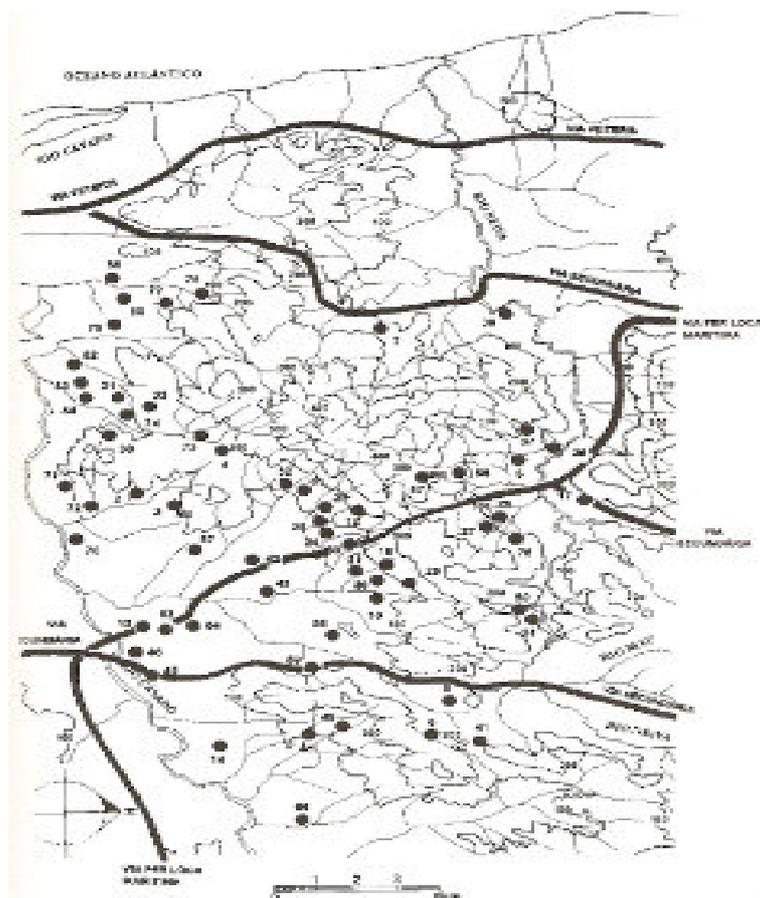


Fig. 32 - Mapa do período da Romanização

Fonte: Mapa de Câmara Municipal de Barcelos - Serviço de Arqueologia

No entanto, houve alguns vestígios arqueológicos que foram objeto de estudo na dissertação de doutoramento da arqueóloga Manuela Martins, as aras e outras epígrafes que foram descobertas e conservadas no Museu Pio XII de Braga, Sociedade Martins de Sarmento de Guimarães e Serviço de Arqueologia da Câmara Municipal de Barcelos.

Com exceção da *villa* romana do paço de Vila Cova, pode-se afirmar que efetivamente não houve intervenções arqueológicas nas estações romanas, isto porque a intervenção que Ferreira de Almeida realizou em Martim na década de 70, tratou-se apenas, de uma simples sondagem, embora as conclusões tenham sido bastante satisfatórias.

No que respeita à Romanização a toponímia é um excelente instrumento para se encontrar alguns vestígios arqueológicos. O compilo dos onomásticos que têm ascendência romana ou até germânica é um magnífico método para descobrir achados arqueológicos romanos e alti-medievos.

Por exemplo, *Maurus* que se encontra na génese de Moure e *Argemirus* que está na proveniência de Argemil (Perelhal). Nestes locais há *tegulae* e cerâmica da época romana.

Os topónimos derivados do étimo latino *vereda* estão presentes a norte do concelho de Barcelos, nas freguesias de Roriz, Igreja Nova, Fragoso e Campo sítios por onde passavam algumas das mais importantes vias de outrora, precisamente as que eram efetivamente romanas. Exemplos disto são igualmente a *Breia* em Fragoso, local no qual transitava uma importante via secundária do período romano-medieval e da Igreja Nova onde percorria uma via que unia Braga a Viana do Castelo pela Ponte de Anhel.

No município de Barcelos há inúmeros topónimos que surgem conotados a casas com um vasto passado senhorial. Pode-se afirmar que são aproximadamente, 23 os topónimos que derivam do étimo latino, *palatium* e cerca de 17 possuem vestígios arqueológicos particularmente *tegulae*. Em certas situações como a *villa* do Paço de Vila Cova os vestígios caracterizam-se por construções romanas, tal como provavelmente no Paço de Monte de Fralães e no Paço Velho de Vila Frescaíña de S. Martinho, ou a casos muito simples como os *aefificiae* e os fornos telheiros.

Também existem topónimos que aliam a transformação do barro em materiais de construção civil e cerâmica diversificada. É o caso das *Telheiras* de Manhente, Tamel S. Martinho e Galegos S.ta Maria, onde ainda se pode encontrar produtos mais antigos como a *tegula*.

O topónimo *Sá* segundo Almeida Fernandes progrediu do visigótico *Sala*, mais precisamente de uma construção arquitetónica de sobrado, dado que a sala era uma dependência basilar numa casa senhorial.

A desordem dos circuitos económicos, a instabilidade política e social que decorreu no Noroeste Peninsular, proporcionou a reorganização de alguns grupos que construíram novos habitats de tipologia centrada, tais como os de Midões, Banho (Vila Cova), Ucha, Negreiros, Queijeiros (Abade do Neiva), ou mesmo à utilização de determinados povoados castrejos que já se encontravam totalmente ou parcialmente abandonados. Também são exemplo disto a *Agra de Friopes* aconchegada no Monte de S. Gonçalo e o *Chã de Milhos* no Monte de Arefe, anexo ao castro e mais tarde castelo da Torre de Aguiar do Neiva.

Tendo presente o topónimo *Castelo* pode-se afirmar, que está associado a edificações medievais, sobretudo a fortalezas que foram cabeças de terras medievais, como por exemplo,

Neiva, Faria e Aguiar do Neiva e mais algumas que tiveram um papel fundamental na defesa e afirmação da reconquista e independência de Portugal.

Também foram identificados como *Castelos* duas pequenas fortalezas do período medieval. O castelo minúsculo localizado na franja setentrional da Serra de Airó e outro designado por *Castelo Pequeno*, disposto na serra que justapõe a freguesia de Rio Covo S.ta Eulália.

O topónimo como *Castelinho* de Vila Cova provavelmente indica ter existido um castelo exíguo, dada a existência da antiga *villa* romana e a presença do convento dos frades agostinhos de Banho (ALMEIDA, 1997: 32-41).

É de salientar igualmente o Museu Arqueológico criado em 1920 e que se encontra instalado no Paço dos Condes de Barcelos ou Paço dos Duques de Bragança.



Foto 27 - O Museu Arqueológico está instalado no Paço dos Condes de Barcelos

Fonte: <http://arte.vmribeiro.net/?tag=barcelos>

Há muitos anos usavam as ruínas do edifício para armazenar peças líticas de diferentes épocas, que eram descobertas no concelho resultado de achados esporádicos ou da desativação de património arquitetónico. Atualmente, o museu acolhe artefactos de granito, desde o período Pré-histórico até finais da Época Moderna, tais como o cruzeiro do galo, menhir de Feitos/Palme, sarcófagos medievais, símbolos heráldicos, marcos da Casa de Bragança, elementos arquitetónicas de templos e conventos extintos e pedras brasonadas de antigas casas senhoriais.



Foto 28 - Vestígios arqueológicos expostos no museu

Fonte: Foto da autora (2011)

Esta coleção de bens arqueológicos está catalogada e encontra-se exposta às mais adversas condições atmosféricas (sol e chuva), vulnerável a atos de vandalismo e roubo, sendo urgente preservá-la.



Fig. 33 - Parte da coleção de bens arqueológicos inventariada patente no Museu Arqueológico

Fonte: Brochura da Câmara Municipal de Barcelos - Serviço de Arqueologia

2.4. A Pintura

A Pintura é uma das mais remotas formas de expressão humana e desde a Pré-história que existem vestígios documentais desta arte. O homem primitivo com finalidades ornamentais, de figurado simbólico ou realista, pintava as paredes das suas cavernas misturando terras coradas com gorduras animais. Atualmente, a pintura realiza-se com tintas que resultam da mistura de pós de cor (pigmento) com uma substância que os mantém ligados (médium).²⁵

A Câmara Municipal de Barcelos é proprietária de uma coleção de pinturas a óleo, aguarela, carvão e pastel, adquiridas a artistas locais e nacionais que se encontram inventariadas, armazenadas e expostas em alguns dos seus departamentos. No ano de 1999, o município realizou uma exposição na Galeria Municipal de Arte, subordinada à temática *Exposição de pintura - Coleção da Câmara Municipal de Barcelos* para mostrar ao público, o seu vastíssimo acervo e prestar homenagem aos mestres pintores barcelenses.²⁶ Nesta coleção é de salientar obras de artistas como António Carlos Esteves, António Cunha, António Machado (Afmach), Cândido da Cunha, Carlos Basto, Gonçalves Torres, Henrique Pousão, Jerónimo Fernandes da Silva, Paulo Vilas Boas, entre outros.

O artista António Carlos da Silva Vila Chã Esteves nasceu em Barcelos, no dia 21 de Agosto de 1911 e faleceu a 22 de Outubro de 1968. Viveu a sua juventude em Barcelos e frequentou o curso de escultura da Escola Superior de Belas Artes do Porto. Depois de casar fixou-se em Fão. Como lecionava na Escola Industrial e Comercial de Barcelos, deslocava-se diariamente a esta localidade. Também deixou marcas da sua presença no jornalismo como diretor de *O Fangeiro*.

António Carlos desde cedo se iniciou na caricatura, retrato e aguarela. Posteriormente, dedicou-se igualmente, à pintura a óleo e escultura. De uma grande intuição artística nos seus quadros abundavam as paisagens e as gentes de Barcelos, Fão, Esposende e Apúlia.

O pintor amou muito Barcelos, pois dedicou-lhe grande parte da sua arte ficando esta representada para sempre nas suas aguarelas e óleos de tonalidades alegres ou tristes, tal como

²⁵ Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, (195-), pp. 849

²⁶ Câmara Municipal de Barcelos, *Exposição de pintura: Coleção da CMB*, 1999, pp. 1-25

ele era. Amou também muito Fão e o seu rio, a Apúlia e os seus sargaceiros pintando a luz da natureza nos seus instantes de esplendor.

No catálogo da exposição *Barcelos e Pintores* realizada pela Câmara Municipal de Barcelos, nesta cidade em Dezembro de 1984 recebeu eloquentes elogios de Joaquim Selles Paes de Villas Boas e do Dr. Mário Cerqueira Correia, antigo diretor da Escola Comercial e Industrial de Barcelos e ex-Governador Civil do Porto pelas suas magníficas obras de arte.²⁷

O pintor António Jorge Graça Faria da Cunha nasceu em Barcelos, no ano de 1965. Frequentou os estudos na Escola Superior Artística do Porto entre 1987 e 1990. O artista participou em exposições coletivas em Amarante, na galeria do 1º Claustro do Museu Amadeu de Sousa Cardoso, no Porto, Café Português Suave, Banco Espírito Santo de Lisboa e como finalista da Escola Superior Artística do Porto (ESAP), na Cooperativa Árvore. Este começou a sua atividade profissional no ano de 1997 (CUNHA, 1989-1990: 1).

A sua obra está repleta de elementos de memória, anjos, seres fantásticos do passado, do mar, do rio e da natureza, construindo uma composição cromática com uma linguagem característica e constante na sua produção artística.

O seu trabalho procura por vezes o equilíbrio paradoxal entre arte e função, dado que inúmeras vezes surge da encomenda e da consequente necessidade de produzir para um cliente, mediante determinados âmbitos e requisitos. A sua pintura vagueia inevitavelmente entre atmosferas de magia e de memórias fantásticas. É uma arte de uma enorme ingenuidade que significava na Idade Média, liberdade, a enorme pureza de um ser que procurava a verdade. É um regresso feliz à infância e aos seus ninhos ocultos, cifrados e misteriosos com uma clara geometrização do espaço pictórico. Este desenha encontros, desencontros, uma cosmologia de afetos. A sua obra concilia o neofigurativismo com o onírico e um inesperado cromatismo, no qual coexistem sonho, imaginação, sentido e fantástico (CUNHA, 2009: 1).

António Fernando Leite Machado conhecido sob a alcunha artística, Afmach nasceu no ano de 1957, na localidade de Barcelos. É um pintor autodidata que iniciou a sua atividade na pintura, muito jovem. No entanto, só se tornou pintor a tempo inteiro a partir de 1985.

²⁷ CÁVADO, *Jornal de Barcelos*, 16 Dezembro 1993, pp. 8

Para o artista pintar um quadro é sempre uma descoberta constante e misteriosa. A pintura é reação, jogar com as tintas, criatividade, desvendar o que se encontra oculto. Nunca inicia uma obra de uma ideia pré-concebida ou de uma tela branca, pois para ele o branco é o vazio total. Para o pintor a tela tem de ter uma mancha ou sujidade, sendo estes os motivos iniciais das suas obras.

Os seus trabalhos são uma mais valia criativa que nos impelem para paisagens despidas e obsessivas, tal como se as estrelas descessem à terra, irradiantes de calor luminoso de vielas ofuscantes de fulgor. As suas pinturas reportam-nos para recônditos sagrados de corredores noturnos em cavernas e clareiras submergidas.

O movimento na sua obra tem um deslumbramento que ressuma da paleta na busca infinita de sentido, numa procura alternada da forma do universo e humana. Os azuis misteriosos multiplicam-se em cintilações incandescentes, quentes, janelas embriagadas de odores e sensações. Movimentos explosivos de caminantes desconhecidos na estrada da concentração e da unidade. Círculos desfragmentados de belezas diferentes e olímpicas. As suas pinturas contextualizam o princípio e vida, o masculino e feminino e o silêncio resplandecente.

O Afmach no decurso da sua atividade artística já produziu mais de trezentas obras, encontrando-se a maioria delas em Barcelos e as outras estão espalhadas pelo estrangeiro.²⁸

No ano de 2010 foi galardoado com o Troféu Milho-Rei de Mérito Cultural das Artes Plásticas.

O artista Cândido da Cunha nasceu no dia 11 de Novembro de 1866, na localidade de Barcelos. Este era filho de José Joaquim da Cunha, construtor civil e chefe da filarmónica local. Durante quarenta anos residiu e trabalhou no Porto, local onde veio a falecer no dia 16 de Outubro de 1926. Frequentou a Academia Portuense de Belas Artes, concluindo o curso de Desenho Histórico em 1889. Anos mais tarde terminou o curso de Pintura Histórica.

Na juventude realizou o retrato do rei D. Luís, que ainda hoje se encontra patente na Câmara Municipal de Barcelos.

²⁸ ROCHA, *Notícias de Barcelos*, 17 Janeiro 2002, pp. 8-9

O pintor foi discípulo de João Correia, Jean Paul Laurens e Benjamin Constant. A sua arte é o reflexo da sua doce espiritualidade, quietação e nostalgia. Este foi um admirável pintor de tonalidades crepusculares, mostrando nos seus quadros com extraordinária veracidade até as próprias sombras da noite. A sua obra revela o gosto pelas paisagens crepusculares de magnífica contemplação visual. Ele era um romântico, lírico, idealista, concentrado em si e transmitia emotividade às temáticas naturais das paisagens.

Vastíssima parte da sua coleção encontra-se exposta no Museu Nacional Soares dos Reis e realçam-se temas como a *Feira de Barcelos*, *Ao Fim da Tarde*, *Dia de Chuva*, *Nascer da Lua*, *Paisagem* e *Boulevard Montparnasse* (MOURÃO, 1926: 1-4).



Fig. 34 - O tema da *Paisagem* produzido pelo artista Cândido da Cunha

Fonte: Pintura da coleção de Diogo José de Macedo

Após a sua morte um grupo de amigos e admiradores, tais como Dr. Leopoldo Mourão, Carlos Guerreiro, Dr. Jacinto Magalhães, Eduardo Honório de Lima, Ricardo Spratley, Júlio Pina, Joaquim Lopes, Porfírio de Abreu e Alberto Silva realizaram uma exposição das suas obras, no Salão Silva Porto, da mesma cidade, em Novembro de 1926. Esta mostra no *Salon* foi um enorme êxito, especialmente o *Sagrado Viático* (1898) que foi galardoado.

O pintor Carlos Basto nasceu no dia 20 de Abril de 1932, em Barcelos. Ele é um Barcelense de corpo inteiro, que demonstra interesse e empenho pela sua terra.

A cidade de Barcelos tem um magnífico conjunto de bens patrimoniais, que não passam despercebidos a Carlos Basto. As suas obras demonstram a beleza de uma paisagem, o povo que com o seu artesanato difunde os valores da sua região, o património edificado com os seus edifícios, pelourinhos, chafarizes e as feiras. Ao longo dos anos, o artista foi recolhendo e fixando no papel, no cartão ou noutros suportes com dom e imaginação, a realidade viva e movimentada que era a feira de Barcelos. Evidenciando uma inquestionável versatilidade utilizou como técnica não só a aguarela, mas também o pastel, o carvão, a tinta da china, etc. A sua obra é um excelente testemunho sobre a feira que realça a sua envolvente, o colorido, o ritmo, a animação, a variedade, o significado, o lado humano e o seu carácter acentuadamente português e popular.

A pintura de Carlos Basto é uma arte de memória, isto é uma aptidão de narrativa. Uma narrativa fragmentária e episódica em que o que se esconde (nos espaços vazios, nos traços esboçados, nas cores que se esbatem ou esmorecem até se tornarem numa forma genuína) é tão importante quanto o que se demonstra (OLIVEIRA, 2008: 10-15).

Manuel Gonçalves Torres nasceu no ano de 1909, na freguesia de Areias de Vilar, no concelho de Barcelos e faleceu em 1987. Nos anos trinta estudou no Curso Superior de Pintura de Belas Artes do Porto e teve como mestres Acácio Lino e António Carneiro, artistas de referência no desenho e Jardim Lopes na pintura.

O artista foi considerado o maior pintor barcelense do séc. XX. Em meados da década de cinquenta tinha Barcelos representado na sua obra a óleo, aguarela, crayon, carvão, pastel e pena. Este reproduziu rigorosamente o rico e pobre, diga-se até muito mais o pobre. Fixava um rosto ao primeiro olhar, quase fotograficamente. Inúmeras vezes começava o retrato pelos olhos, deixando-os acabados, definidos, completamente semelhantes ao do modelo. O pintor tinha uma memória visual extraordinária, mas era incapaz de trabalhar sem modelo. Este era um autêntico desenhador à vista, um excelente retratista e caricaturista.

Na sua obra a técnica era marcada, pois não se visualizava um esbatido, nem mesmo uma confusão de planos. Na aguarela as tonalidades eram fortes, copiosas, quentes e ingénuas quando alegres com contrastes, por vezes graves semelhantes às do óleo. Mesmo as melancolias tinham a espessura do material. Se o motivo fosse roxo possuía a inocência da manhã. Os verdes e os amarelos representavam um Minho exuberante e fidedigno, características exclusivas das paisagens pintadas pelo artista.

O seu trabalho era uma recriação segura, honesta tecnicamente semelhante ao original.²⁹

O pintor Henrique César de Araújo Pousão nasceu em Vila Viçosa, no dia 1 de Janeiro de 1859. Este era filho de Francisco Augusto Nunes Pousão e da sua primeira esposa, D. Maria Teresa Alves de Araújo, ambos naturais de Vila Viçosa com ascendência alentejana (Évora), algarvia (Castro-Marim) e espanhola (Andaluzia).

Henrique Pousão viveu mais de um ano e meio com a família em Barcelos. No dia 7 de Outubro de 1872, com sensivelmente treze anos iniciou os estudos na Academia Portuense de Belas Artes (FIGUEIREDO, 1942: 5). Da sua permanência em Barcelos resultaram dois trabalhos que se encontram em posse da família do artista. Um desenho à pena, colorido a aguarela (provavelmente uma cópia) *Immortelle*, assinado Henrique Pousão, Barcellos (30-12-1872) e uma aguarela (original) no verso, da qual o seu pai, Dr. Francisco Augusto registou *Barcellos - Collegiada - Ruínas dos Paços dos Duques de Bragança - Ponte do Cávado*, vista tirada em 1872 por H. Pousão.

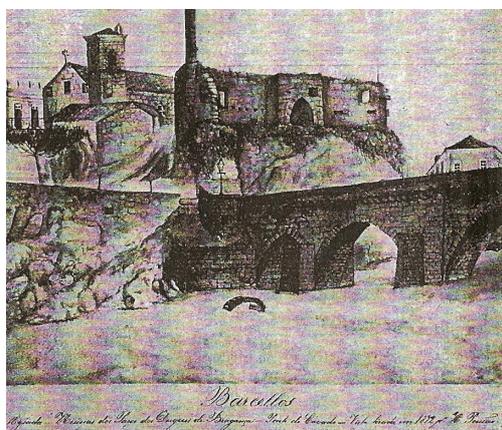


Fig. 35 - Aguarela de Barcelos, pintada por Henrique Pousão em 1872

Fonte: Aguarela da coleção de Francisco Fernandes Lopes

O primeiro trabalho indica que tenha sido realizado nas férias de Natal, as primeiras passadas com a família e já como estudante da academia. No que respeita à segunda aguarela poderá ter sido pintada, antes ou depois da sua entrada na escola (FIGUEIREDO, 1942: 11-12).

²⁹ LOPES, *Jornal de Barcelos*, 24 Dezembro 1992

Henrique Pousão foi um grande pintor, obviamente porque foi um grande colorista. Pode-se mesmo afirmar, que foi considerado um singular pintor impressionista, um dos maiores da sua época, pois atribuía ao termo impressionismo o mais vasto significado, isto é a decomposição das cores em diferentes planos de valores cromáticos, pela incidência perpendicular da luz, mediante o abandono das normas clássicas dos volumes de luz e sombra e das linhas de contorno evidentemente recortadas. Os valores pictóricos de Pousão baseavam-se nas grandes massas cromáticas de que a luz era a grande criadora do colorido, assim todo o campo pictórico era uma unidade em que os valores se encontravam integrados e não isolados pelos contrastes convencionais. Este era o princípio subjacente ao impressionismo que o pintor perfilhou e seguiu com rara mestria, sobretudo nos trabalhos realizados em 1882-83.

As suas obras podem ser divididas em dois grandes grupos, os trabalhos direta ou indiretamente de âmbito escolar e os que o pintor produziu sobretudo para si, livre das influências académicas, de sentenças, de críticas e mesmo de gostos pessoais. Nos dois grupos evidenciam-se igualmente quatro períodos. Dois em Portugal, o primeiro, no ensino oficial com os professores Tadeu Maria Furtado e João António Correia; o segundo com os trabalhos do quinto ano, influenciados por Silva Pôrto e Marques de Oliveira, através das obras enviadas de França por estes antigos alunos pensionistas do estado, em Paris para a academia Portuense de Belas-Artes. Outros dois períodos no estrangeiro, em Paris de Cabanel e Yvon, os museus, as exposições, os mestres impressionistas e o de Itália na cidade de Roma com o *Círculo dos Artistas* e Capri, o estudante sem mestres.

Contudo, a sua excecional e verdadeira qualidade como pintor só se confirmou a partir da realização da obra *Cesto das Camélias*, datada de 1877. Este trabalho recebeu a influência da escola e dos mestres, dado que foi desenhada e recortada ao modo, de João Correia demonstrando uma fina visão dos valores pictóricos, rígidos embora tão genuínos e tenazes que os distinguiam. O artista era um fiel discípulo dos mestres e das suas técnicas. A pincelada era desenhada, a sombra e a luz oscilavam com os volumes e estes eram conseguidos por contrastes, através de regras e princípios estipulados.

Os trabalhos datados de 1882 intitulavam-se *Cecília Cansada*, *Esperando o Sucesso*, *Casas Brancas de Capri*, *Ramada e Muro* e a notável figura de mulher vestida de negro, de Roma provavelmente um dos modelos do *Círculo dos Artistas*. Estas pinturas mostraram o artista em

pleno domínio das suas excepcionais qualidades, apreensão total do desenho e da cor, da elegância, da forma e harmonia perfeita dos valores cromáticos.

As obras de 1883 são aquelas em que o pintor nos revelou a sua personalidade peculiar, nas quais ultrapassou em conceção e realização uma vasta parte dos pintores contemporâneos. Era o Pousão sem mestres, considerado na época, “um modernista”, uma pessoa que trouxe algo de novo ao seu tempo. Nesse ano o artista já não era um estudante distinto, uma grande promessa, mas sem dúvida um grande pintor, um artista por consagrar (FIGUEIREDO, 1942: 23-33).

O pintor faleceu a 20 de Março de 1884, na freguesia de S. Bartolomeu em Vila-Viçosa (FIGUEIREDO, 1942: 21).

Jerónimo Fernandes da Silva nasceu em S. Julião de Passos, Braga a 14 de Outubro de 1935 onde viveu grande parte da sua infância. Na adolescência e parte da juventude residiu em Barcelinhos, onde se tornou pintor e poeta. Aos vinte anos conviveu com artistas da escola de Belas Artes do Porto e frequentou a Academia Alvarez elaborando trabalhos de pintura.

Em 1954, realizou a sua primeira exposição oficial no edifício do Turismo em Barcelos. Nos anos seguintes efetuou outras mostras em Barcelos e Braga. No final da década de cinquenta, o *Gauguin da Mansarda* ou *Jerónimo de Barcelos* expôs na galeria Mansarda em Lisboa, na Exposição Internacional de Pintura, onde conheceu e conviveu com inúmeros pintores nacionais e estrangeiros.

No início da década de setenta para além, de Barcelos realizou exposições em Lisboa, Porto, Braga, Póvoa de Varzim, Guimarães e Valença. Até aos primeiros anos da década de setenta estudou na Escola de Belas Artes do Porto como bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian. Em 1973, inaugurou o seu atelier *Porta Vermelha*, na rua Cruz de Pedra em Braga. No final desse ano viajou para o Brasil onde expôs em S. Paulo e Brasília, tendo sido mesmo considerado o primeiro pintor português a realizar uma mostra nesta cidade. Numa entrevista á imprensa Brasileira intitulou-se como um pintor “expressionista subjetivo” (ARAÚJO, 2011: 8-11).

Este artista pintava o que pensava, sentia e sonhava. Isolava-se diversas vezes dos grandes centros plásticos, pois não queria receber influências no seu trabalho.

As suas obras eram famosas pela representação fidedigna de cristos tristes, zangados, ensanguentados e destorcidos que faziam concorrência aos de Bual. Para ele o cristo era o povo. O povo que estava vivo nas feições da cidade. Um povo que abominava o cinismo, a hipocrisia, a riqueza fácil e as desigualdades sociais, isto porque a partilha fazia parte da sua personalidade. Estes cristos eram hodiernos e aludiam para as dores de um mundo com guerrilhas e guerras constantes. As crucificações eram inquietantes, dinâmicas, carregadas de dramas e torturas salientando diversas transformações espirituais.

Nas suas pinturas as personagens pareciam dançar á nossa volta, cheias de fascínio, luz e policromias demonstravam a revolta da natureza humana e tocavam a sensibilidade dos espectadores, pois o pintor era honesto na seleção das formas e tonalidades.³⁰

O pintor faleceu no dia 28 de Dezembro de 2003, na freguesia de Nogueira em Braga (ARAÚJO, 2011: 9).

O artista plástico Paulo Vilas Boas Pereira nasceu a 7 de Abril de 1940, na freguesia de Alvelos, Barcelos. Este foi o quarto filho de uma família humilde de nove irmãos, passando a infância como “guardador de vacas e de sonhos”, que à força teve que sonhar. Em 1948, o pai Domingos Pereira da Costa foi para o Brasil e nunca mais voltou. A mãe Laura Vilas Boas ficou por cá com quatro rapazes e cinco raparigas. A vida difícil levou-a a trabalhar no campo e a vender retalhos na feira com “Paulino”, o primeiro filho a terminar a quarta classe. Este ajudava a fixar os preços, a tomar conta da fazenda e a efetuar os trocos.

Aos 16 anos Paulo Vilas Boas foi para o Porto, viver e trabalhar com um tio materno que tinha uma carvoaria. O seu destino como artista plástico ficou logo marcado na estação de S. Bento, frente á monumentalidade pictórica daqueles azulejos. A vida no Porto não foi fácil, trabalhava entre doze a quinze horas por dia e dormia no sótão. Posteriormente matriculou-se na Escola Infante D. Henrique, no curso de tecelagem começando a desenhar incentivado pelo mestre Mendes da Silva. Depois trabalhou em diversas empresas têxteis, tendo mais tarde passado para a fábrica de mobiliário Osório Castro, desempenhando a função de desenhador de projetos de escritório.

³⁰ MOURÃO, *Jornal da Região*, 6 Dezembro 2001, pp. 8

Em 1973, realizou algumas obras sob orientação do mestre Dórdio Gomes. No ano de 1975, participou na exposição *Levantamento da Arte do Séc. XX* organizada pelo Centro de Arte Moderna do Porto, no Museu Nacional Soares dos Reis e na Sociedade Nacional de Belas Artes de Lisboa. Durante o ano de 1978 residiu em Paris, onde frequentou ateliers livres de pintura e escultura e contactou com pintores de diversos países. Ao longo dos anos a sua atividade artística foi intensa, culminando em 2000-01, quando se tornou Diretor Artístico da Galeria Municipal de Arte de Barcelos.³¹

O pintor Paulo Vilas Boas é um autodidata. A sua motivação tem raízes no sensível, dado que é deslumbrado pelo mundo circundante. O artista mais do que pintar a sua alma deseja colorir a alma das coisas, na sua interatividade e harmonia com o homem, o que legitima que o pintor possa modificar a realidade do próprio objeto.

Nas suas obras a cidade do Porto é o ponto fulcral dos seus temas com o seu rio, a sua ponte emblemática, os seus telhados, os seus perfis de solidez e de silêncio. Também registou as vielas e avenidas, torres e varandas, janelas e muralhas. Ao representar as paisagens urbanas do Porto, o pintor com o cromatismo dos seus azuis, usando uma técnica que mais se assemelha a aguarela que óleo, destrói o cinzentismo com que a urbe tem sido pintada. O artista capta a sua essência lúdica, sintetizada em três grandes vetores que atribuem à urbe a sua alma (cívico, histórico e religioso), bem como a recria com invulgar cromatismo. A realidade da urbe é a verdade do artista. Ao descobri-la, ele descobre-se a si mesmo, verdadeiro, provavelmente o seu maior mérito.

Também é um pintor de figuras do povo, da gente ribeirinha, das labutas e lutas. Os padrões de tonalidades usadas mais azuis, cinzas, verdes e “rouges” para o Porto e mais garridas para Barcelos, Viana do Castelo e Gondomar demonstram um olhar diferente para cada terra e trajeto.

Nos trabalhos em que reproduz o artesanato destaca-se principalmente a ligação do artista a um objeto (real ou imaginário), no qual a rudimentaridade é exaltada pela ingenuidade. Este pinta a feira de Barcelos, o artesanato, as paisagens com tonalidades garridas e alegres, visível para os sentidos.

³¹ ROCHA, *Jornal de Barcelos*, 15 Novembro 2001

Algumas das obras realizadas pelo pintor são a *Alfândega*, a *Trindade*, as *Margens do Douro*, o *Largo de S. Domingos*, o *Fim da Tarde* da Avenida dos Aliados, a *Maternidade*, *O Vendedor de Arte*, os *Sargaceiros* da Apúlia e o *Estaleiro* de Vila do Conde, entre outras.

O artista tem-se afirmado no panorama nacional da pintura portuguesa, não apenas como um pintor do Porto e do Douro, mas alguém que mediante, uma evidente profundidade e sincera autenticidade busca o sentido para a vontade artística, que estabelece constantemente o seu princípio e que é, sem dúvida a sua grande paixão (CLÁUDIO, 2001: 23-40).

Estas obras de arte da Câmara Municipal de Barcelos constituem um valiosíssimo acervo, que deverá ser estudado por especialistas, conservado e exposto no Museu da cidade de Barcelos, para ser apreciado pela comunidade local e o público em geral.

2.5. O papel dos Museus de cidade

Tendo presente os estatutos do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), adotados na 16ª Assembleia-geral do ICOM (Haia, Holanda, 5 de Setembro de 1989), atualizados na 18ª Assembleia-geral do ICOM (Stavanger, Noruega, 7 de Julho de 1995) e pela 20ª Assembleia-geral do ICOM (Barcelona, Espanha, 6 de Julho de 2001), Artigo 2º Definições, *um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição.*

Segundo a Lei-Quadro dos Museus Portugueses de 2004, o Artigo 3 citando o “Conceito de Museu” apresenta a seguinte afirmação:

1 - Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotado de uma estrutura organizacional que lhe permite:

a) Garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetos científicos, educativos e lúdicos;

b) Facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade (LEITE, 2010: 56).

Os museus de cidade são entidades consagradas à formação e desenvolvimento das cidades.

A cidade “...*projeção numa fração do espaço das condições naturais, das heranças da História, do jogo das forças económicas, dos esforços do progresso técnico, do génio criador dos arquitetos, dos constrangimentos administrativos, dos hábitos quotidianos, assim como das aspirações conscientes ou inconscientes dos (seus) habitantes e do regime político...*” (BEAUJEU-GARNIER, 1997: 9).

Este local era um ponto de encontro, ao qual ocorriam esporadicamente grupos populacionais com interesses comuns, tais como a procura de um sítio de acolhimento, trocas comerciais e a busca de refúgio dada a ameaça de inimigos territoriais.

Até meados do século XX, na história da museologia portuguesa abordar o tópico museus de cidade era o mesmo, que mencionar pequenos núcleos temáticos de um qualquer museu regional. Tal, devia-se ao facto dos primeiros museus portugueses de cariz nacional ou regional, terem surgido no decurso da renovação intelectual, baseadas nos ideais revolucionários da revolução francesa e da industrialização dos séculos XVIII e XIX, que conduziram a organização concelhia portuguesa para uma reforma administrativa e política e para a produção de novos conceitos municipalistas, que possibilitaram a criação de organismos culturais como as bibliotecas e os museus públicos. Estas instituições museológicas foram qualificadas como um *complemento fundamental do ensino artístico e elemento essencial da educação geral, sob todos os aspetos* e surgiram nas cidades de Évora, Abrantes ou Leiria para agrupar um vasto património móvel testemunho da identidade local (INÁCIO, 2002: 1-7).

Diversos museus de cidade não dispunham de instalações próprias e adaptavam-se com bastantes dificuldades ao ambiente sumptuoso e fascinante dos palácios antigos, contudo inadequado do ponto de vista museográfico dadas as deficiências de iluminação, de circulação e as dimensões das salas que só em casos excecionais permitiam uma distribuição lógica das espécies. Outras instituições por terem sido organizadas numa época, em que nenhum critério científico ou didático era atribuído às coleções, assemelhavam-se aos antigos “gabinetes de curiosidades”, mesmo quando dispunham de um recheio riquíssimo, avultado pela aquisição de obras de inegável valor. Deste modo, só um número reduzido de museus consagrados à evolução histórica dos aglomerados urbanos, tinham instalações próprias e adequadas a uma disposição metódica das coleções.

No entanto, tendo como alusão a boa utilização de práticas museológicas inovadoras e o interesse científico das coleções, os museus sagrados à história da formação e desenvolvimento das cidades, procuraram tirar o máximo proveito dos progressos obtidos no domínio da Arquitetura, Etnografia e da Geografia Humana (CHICÓ, 1943: 11).

Tendo presente o estudo de Virgil Bierbauer, os museus de cidade são museus históricos ou de tipo misto, dado que têm como propósito demonstrar a formação e o desenvolvimento das cidades e regiões que lhe estão interligadas (COUTO, 1943: 12).

Deste modo, os museus de cidade foram inseridos no conjunto dos museus de história, cujas coleções facultaram a diferentes tipos de público, adquirir um conhecimento mais aprofundado sobre os fundamentos que possibilitaram a evolução de um aglomerado populacional. Estes museus não deviam cingir as suas pesquisas aos habitantes da cidade que interpretavam nas suas coleções, mas tiveram de se adaptar às eventualidades e à existência de diferentes pontos de interesse que motivavam algumas pessoas a visitar as suas exposições. Os conteúdos dos museus de cidade circunscreveram-se a um território mais amplo, tendo presente intrinsecamente, o funcionamento e o desenvolvimento urbano.

No ano de 1972, tendo subjacente a classificação geral dos museus nacionais e regionais, um museu de cidade era um museu regional cujo âmbito se circunscrevia a um concelho, sendo constituído por um aglomerado urbano que procurava representar na sua origem e formação, a perspetiva na história do país e da nação. O museu de cidade no que respeitava à extensão era um museu regional, contudo quanto ao âmbito das suas coleções como apresentava a cidade, na diversidade dos seus elementos era um museu misto (MOITA, 1972: 6).

Pode-se afirmar que no decurso do século XX, vários foram os conceitos e os significados atribuídos aos Museus de cidade.

Em 1993, na abertura do primeiro Simpósio Internacional de Museus de cidade, Max Hebditch do Museu de Londres afirmou que os museus dedicados ao estudo e à interpretação da cidade se encontravam muito abaixo das expectativas, porque na maior parte dos casos tinham coleções pequenas e recursos insuficientes. Diversas vezes eram designados como “sítios com coleções permanentes ou centros de interpretação sem coleções”, qualificados como “instituições de exposições temporárias com coleções fruto de empréstimo”.

No ano de 1995, Antoni Nicolau do Museu de Barcelona, entidade fomentadora do segundo Simpósio Internacional de Museus de cidade explicou que apesar das principais funções dos museus serem a investigação, conservação e divulgação, os museus de cidade apresentavam uma característica singular, eram multidisciplinares e portadores da herança urbana (INÁCIO, 2002: 88-89).

Nos últimos anos do século XX, na América do Norte a concepção de museus de cidade sem coleções, possibilitou a definição de um novo modelo vocacionado para a síntese da cidade na contemporaneidade e dirigido aos seus habitantes, o que lhes permitiu fazer a sua própria história e integrá-la no museu. Como tal, os museus de cidade tiveram que se aliar à paisagem urbana, nomeadamente às transformações acentuadas do meio citadino e às suas problemáticas sociais.

Atualmente, a crescente relevância dos museus de cidade propiciou a instituição do Comité Internacional sobre as Coleções e Atividades dos Museus de cidade (CAMOC) e do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), que se define como um *fórum destinado aos membros que trabalham em museus dedicados às cidades...para que possam partilhar e por em comum conhecimentos e experiências, ideias e avaliar e explorar a possibilidade de parcerias, para além das suas fronteiras. Informam também que o seu objetivo é estimular o diálogo e a cooperação entre os museus e apoiá-los encorajando-os a recolher espólios, protegendo e preservando objetos ligados ao passado, ao presente e ao futuro das cidades, reforçando desta forma a sua identidade e contribuindo para o seu desenvolvimento.* Este comité analisa o desenvolvimento das cidades e a sua preponderância económica, estipulando as relações que se podem estabelecer entre a cultura e o crescimento económico.

Na publicação do Comité Internacional sobre as Coleções e Atividades dos Museus de Cidade (CAMOC), *City Museums and City Development* está um excerto de Sal Cilella (Diretor do Atlanta History Center), que abrevia a função dos museus de cidade e o modo, como devem ser desempenhadas, *os museus de cidade mais do que qualquer outro tópico específico de instituições culturais, transportam consigo não apenas as sementes da memória, mas o peso da responsabilidade de refletir sobre as populações, cada vez mais diferentes, que estes servem. Estes museus, através dos seus programas trazem relevância para os seus públicos variados, servem de lugares para discussão e discursos civis e ultimamente, informam e elucidam os seus cidadãos.*

Os museus de cidade integram-se nos novos contextos urbanos cosmopolitas, na multiplicidade cultural e intercultural, enquanto entidades imprescindíveis na salvaguarda da identidade e cultura. Estas entidades culturais tiveram que inserir nos seus discursos expositivos temas generalistas (por exemplo, o ambiente e a imigração); divulgar as suas coleções mediante a utilização de novas tecnologias e exposições virtuais; consolidar a identidade e os aspetos identitários das localidades, numa perspetiva intercultural e de comunicação com alguns grupos; facilitar a relação entre os aspetos culturais locais, nacionais e estrangeiros; fomentar a valorização do património e ações de preservação, conservação e divulgação para reforçar a identidade; defender a diversidade cultural como património de todos (LEITE, 2010: 59-60).

2.5.1. O museu de cidade polinucleado e a sua articulação com as outras instituições locais

A abordagem que se configura para o projeto do Museu da cidade de Barcelos é que seja, um museu polinucleado. No âmbito do conceito, um território urbano, num edifício deverão ser criados pólos do museu. Esta instituição polinucleada poderá estabelecer um discurso mais eficiente com a cidade, o património e a comunidade local.

O Museu da cidade de Barcelos será o pólo central da rede museológica municipal e terá integrado núcleos descentralizados, como o Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos (Torre do Porta Nova ou Menagem), Museu de Olaria, Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro e o Museu Etnográfico de Chavão. Deste modo, os núcleos secundários serão constituídos por museus, património musealizado ou Centros de interpretação que mostrarão os objetos culturais *in loco*. Cada núcleo terá a sua missão, contudo trabalhará em equipa para alcançar o mesmo objetivo, o qual será divulgar a história, preservar o património, a identidade e o legado cultural de Barcelos (LEITE, 2010: 63-64).

A conceção do Museu da cidade de Barcelos terá como referência práticas exemplares na criação de Museus de cidade em Portugal polinucleados, tais como o projeto do Museu da cidade do Porto e os Museus da cidade de Almada, Aveiro, Coimbra e Lisboa.

O projeto do Museu da cidade do Porto apresentado em Maio de 1993, durante o Dia Internacional dos Museus foi da autoria de Teresa Viana e Maria João Vasconcelos. O museu funcionaria como núcleo central e teria abrangido pólos autónomos integrados num circuito próprio, que interpretariam a história do Porto. Estes pólos museológicos seriam constituídos pelo Museu Romântico que contextualizaria o Porto Burguês oitocentista, a Casa do Infante que abordaria o Porto antigo, o Museu do Vinho do Porto que contemplaria o Porto Comercial, uma propriedade agrícola junto ao Parque da cidade, na qual se localizaria o Porto Rural e o Museu da Ciência e da Indústria onde se instituiria o Porto Industrial. Cada núcleo corresponderia a uma época da história urbana e procuraria mostrar ao público, elementos proeminentes do desenvolvimento económico, social, político e industrial da cidade invicta (INÁCIO, 2002: 25-28).

O Museu da cidade de Almada abriu ao público no ano de 2001 é o pólo central, da rede museológica municipal e tem na sua constituição os núcleos do Museu Naval, Museu da Música Filarmónica, Núcleo Medieval Moderno e o Serviço de Arqueologia e História. Esta entidade fomenta a leitura global da cidade, indicando aos visitantes circuitos temáticos de interpretação e divulgação da arquitetura e do património edificado, as intervenções urbanísticas em curso e os outros núcleos museológicos municipais (INÁCIO, 2002: 33).

O Museu da cidade de Aveiro é o núcleo central da rede museológica municipal, contemplando pólos descentralizados como o Museu de Arte Nova, o Ecomuseu Marinha da Troncalhada e o Museu Etnográfico de Requeixo. A partir do seu centro nevrálgico, o Museu da cidade, entidade polinucleada gere temáticas, espaços e públicos de forma, unificada e concertada.³²

O Museu da cidade de Coimbra inaugurado em Junho de 2001 é um museu municipal, tutelado pelo Departamento de Cultura da Câmara Municipal que na sua constituição possui três pólos, distribuídos por diferentes edifícios de avultado interesse patrimonial, localizados no centro histórico da cidade, nomeadamente o Edifício Chiado (Coleção Telo de Morais), a Torre de Almedina (Núcleo da Cidade Muralhada) e a Galeria de Instrumentos Musicais Louzã Henriques.

O Museu da cidade de Lisboa foi inaugurado no Palácio Pimenta em 1979 e atualmente, afirma-se como um organismo polinucleado. O museu constitui o pólo central e tem integrado os núcleos do Museu Antoniano ou Museu de Santo António e o Museu do Teatro Romano; um

³² *Diário da República*, II Série, Decreto-Lei, n.º 23/2012, 6 Janeiro 2012, pp. 593

conjunto de monumentos, tais como as Galerias Romanas da Rua da Prata; o Centro Interpretativo das Muralhas de Lisboa (Cerca Velha, Torre do Jogo da Pela - Muralha Fernandina); Estruturas arqueológicas musealizadas ou a musealizar; um Centro de Pesquisa Arqueológica (CAL). Cada núcleo tem a sua missão, no entanto trabalham em equipa para alcançar o mesmo objetivo, divulgar a História e as histórias, preservar o património, a identidade e a herança cultural de Lisboa (LEITE, 2010: 64).

No âmbito internacional terá como menção a entidade do Museu da cidade de Londres (London Museum), Museu da cidade de Luxemburgo (Musée de la Ville du Luxembourg), Museu da cidade de Madrid (Museu del Ayuntamiento), Museu da cidade de Paris (Musée Carnavalet) e o Museu Ahmet Piristina (APIKAM), na Turquia.

Posteriormente, o Museu da cidade de Barcelos deverá elaborar um regulamento que será aprovado em Assembleia Municipal pela Câmara Municipal de Barcelos, publicado em edital e promulgado no Diário da República Portuguesa.

2.5.2. O núcleo do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos

O Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos está instaurado na Torre do Porta Nova ou Menagem que se localiza no centro histórico, nomeadamente entre o largo do Porta Nova (antiga rua da Calçada) e o largo José Novais (antigo largo da Cadeia). A torre é em granito, de base quadrangular, aparelho quadriculado regular, paredes grossas e robustas com aproximadamente 2,36 m de largura, cornija renascentista saliente, encimada por pequenas gárgulas. As ameias primitivas tinham função defensiva, contudo foram substituídas por outras decorativas, quando a torre deixou de exercer a função primitiva e passou a servir de cadeia, no final do século XVI, inícios de XVII (TRIGUEIROS, 1998: 145).



Foto 29 - O núcleo do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos

Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Barcelos_Torre_da_Porta_Nova1361.JPG

Na parte norte apresenta quatro aberturas e é constituído por um arco romano no quarto piso, um arco quebrado no terceiro piso, uma seteira no 2º piso e uma entrada no rés do chão, em arco quebrado, com aduelas bem aparelhadas e um extradorso bem delimitado. A parede possui uma abertura em arco quebrado. A face poente abre-se numa série de seis frestas quadrangulares e uma dupla entrada ao nível térreo, em arco. O lado sul encontra-se interligado a outras construções (TRIGUEIROS, 1998: 146).

A torre deixou de ser cadeia em 1932, sendo os presos transferidos para a cadeia nova em Arcozelo (TRIGUEIROS, 1998: 149). Em 1755, o terramoto de Lisboa abalou a cidade de Barcelos e provocou danos irreversíveis no edifício.

Anos mais tarde, no local funcionou o Centro de Artesanato que contemplava a mostra e venda de belíssimos objetos artesanais de olaria, figurado, madeira, ferro, cobre, vime, linho, crivo que eram efetuados pelos artesãos locais e o Posto de Turismo para atendimento turístico. Durante algum tempo esteve encerrada (TRIGUEIROS, 1998: 148).

Recentemente este monumento nacional classificado sofreu uma intervenção de requalificação e valorização, que teve como finalidade criar um pólo de atração turística de exceção e uma marca de interação cultural, educativa e social.

O projeto elaborado em 2010 pelo Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU) da Câmara Municipal de Barcelos, contemplou uma profunda alteração do interior do edifício e perspetivou para o piso 0, a sua base, um espaço comercial para promover *merchandising* alusivo ao galo de Barcelos e artesanato local e regional. O posto de atendimento e de informação turística funcionaria igualmente neste piso, teria um guiché para serviços, uma sala de reuniões e elevador. Na decoração seriam usados elementos alusivos aos artesãos barcelenses.

O piso 1 seria constituído por estruturas de apoio ao visitante, tais como um *coffe shop* e uma enoteca, funcionando como um local de convívio e de interação. Neste piso haveria igualmente, uma área infantil e de descanso com motivos decorativos alusivos ao galo de Barcelos, de âmbito didático e um posto de acesso à internet.

No piso 2 existiria uma sala de projeção, com sistema multimédia que se destinaria à visualização de filmes pelos grupos turísticos e escolares. Neste piso existiria ainda uma sala de exposições.

O piso 3 teria o *Galo room*, uma área associada à história e evolução do galo de Barcelos, com a finalidade de o interligar à sua conotação olárica, histórica e religiosa, mais precisamente aos caminhos de Santiago. Nesta zona também existiriam oficinas de pinturas do galo para usufruto dos visitantes.

O piso 4 seria a sua cobertura, na qual haveria um miradouro e um miradouro virtual. O projeto contemplaria a colocação de dois binóculos panorâmicos de longo alcance, que possibilitaria a observação da cidade de Barcelos e igualmente dois *siting points* para contemplação da paisagem urbana e do rio Cávado. Um modelador 3 D permitiria relembrar a paisagem na sua perspetiva cronológica e histórica.

Este projeto de requalificação da torre fundamentou-se em três segmentos fundamentais, na sua valência educativa, em zonas de fruição e linhas de interpretação da área patrimonial como elemento nuclear da vida urbana barcelense, que visaram converter o monumento nacional num verdadeiro recurso turístico de Barcelos.

O Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos abriu ao público, no dia 21 de Julho de 2013 tem quatro pisos e encontra-se integrado na *Rota da Torre Medieval*.

Os Centros interpretativos, instituídos em lugares de memória constituem a base do processo interdisciplinar de “dar a conhecer”, dado que disponibilizam ao visitante um conjunto de material informativo de orientação e interpretação que facilitam a plena fruição do legado histórico.

No entanto, o centro apresenta um conjunto de condicionalismos que limitam o seu papel de elemento interpretativo do galo e da cidade de Barcelos, bem como o seu pleno usufruto pela comunidade local, visitantes e turistas.

Pela observação da planta, no piso 0 o espaço cultural tem brochuras com a lenda do galo em diferentes idiomas (Português, Espanhol, Inglês, Francês, Italiano e Alemão), que apontam para a interpretação da história e evolução do galo no seu âmbito histórico e religioso. Também possui uma mesa interativa com fotografias digitais relativas ao projeto de reabilitação e valorização do edifício, à lenda do galo, o jogo do galo, ao património, à gastronomia, ao folclore, entre outros.



Fig. 36 - Planta da Torre do Porta Nova ou Menagem

Fonte: Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 2010)

No piso 1, o centro apresenta uma zona infantil e de descanso com decoração alusiva ao galo de Barcelos, de caráter didático que facilitam a sua leitura, o interligam ao seu monumento e consequentemente aos caminhos de Santiago.



Foto 30 - O piso 1 apresenta elementos decorativos alusivos ao galo

Fonte: Foto da autora (2013)

Contudo, no decurso dos anos o galo tem surgido aliado a diversificadas temáticas, tais como artesanais, decorativas, gastronómicas, ambientais e musicais que deverão ser integradas no seu programa e discurso expositivo, atribuindo-lhe outras formas de leitura e a fruição dos visitantes/turistas e residentes. Deste modo, por exemplo na vertente olárica deverá conter informações relativas ao ano e o artesão que elaborou o primeiro galo de Barcelos. No âmbito gastronómico para além, de exibir monitores com imagens de pratos típicos do galo respeitantes à atividade dos fins de semanas gastronómicos, promovida anualmente pelo Serviço de Turismo da Câmara Municipal de Barcelos, nos diversos restaurantes aderentes do município, também poderá contemplar receitas em suporte de papel para oferecer à comunidade, visitante/turistas. Ainda deverá apresentar alguns cânticos, alusivos ao galo que têm sido entoados pelos grupos musicais do concelho, tais como a banda do galo e a plástica.

O Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos poderá ser integrado na *Rota dos Caminhos de Santiago*, como um ponto de passagem essencial para a sua perceção na vertente histórica e religiosa.

Este espaço cultural também visa promover um maior e aprofundado conhecimento sobre a área da cidade, nomeadamente do casco antigo, incentivando o visitante a interpretar este universo patrimonial *in loco*, a identificar os vestígios e as memórias que se encontram fossilizadas no urbanismo atual, rememorando as vivências passadas. Deste modo, o piso 4 afigura-se como uma área propícia à contemplação da paisagem urbana e do rio Cávado, pois tem dois binóculos panorâmicos de longo alcance, contudo não possui o painel modelador 3D, elemento imprescindível para relembrar a evolução da paisagem do ponto de vista cronológico e histórico.



Foto 31 - O piso 4 tem binóculos para contemplar a paisagem urbana e o rio Cávado

Fonte: Foto da autora (2013)

Para definir a imagem do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos e o posicionar como uma marca da região Norte de Portugal, este deverá reforçar o seu papel de estrutura organizativa, impulsionadora de um desenvolvimento local sustentável, mediante a gestão e a aplicação de estratégias de interpretação que propiciem a interligação entre os residentes e o património.

2.5.3. O núcleo do Museu de Olaria

O Museu de Olaria situa-se no edifício da antiga *Casa dos Mendanhas Benevides Cyrne*, na rua Cónego Joaquim Gaiolas, tendo sido adquirida pela Câmara Municipal em 1982. Este espaço foi criado em 1963, após a doação de uma coleção de sensivelmente 700 peças de olaria, recolhidas pelo etnógrafo Joaquim Sellés Paes de Villas Boas.



Foto 32 - O núcleo do Museu de Olaria

Fonte: <http://www.cafeportugal.net/resources/3/files/museuolaria.jpg>

Atualmente o acervo possui aproximadamente 8000 peças sendo constituído sobretudo, por coleções de cerâmica portuguesa, fosca e vidrada (Norte e Sul) e estrangeiras (Angola, Argélia, Brasil, Timor, Chile, Espanha e Cabo Verde). Esta vastíssima quantidade de objetos no espólio do museu resultou do aumento das doações, estudos de campo nos centros oleiros e de aquisições a particulares e antiquários.³³

O museu tem como missão a aquisição, investigação, preservação e divulgação dos seus bens oláricos.

A Gestão de Coleções e o Serviço Educativo e de Animação são áreas preponderantes do museu. O Serviço de Gestão de Coleções assegura a preservação adequada das peças e realiza a

³³ ASSIS e FERREIRA, *Diário do Minho*, 12 Fevereiro 2004, pp. 22

gestão, inventário, catalogação e estudos das coleções museológicas. O Serviço Educativo e de Animação efetua o programa, organiza e acompanha as diversas atividades praticadas pelo museu, nomeadamente na sua interação com os diferentes públicos e a coletividade local.

No ano de 2000, o Museu de Olaria foi credenciado e inserido na Rede Portuguesa de Museus (RPM), do Instituto de Museus e Conservação e tem um *Regulamento* que define a sua vocação, o enquadramento orgânico, as funções museológicas, o horário e regime de acesso do público, bem como a gestão dos seus recursos humanos e financeiros (MUSEU DE OLARIA: 6).

No decurso do ano 2010, o edifício entrou em obras de requalificação e ampliação, como tal os serviços museológicos funcionaram na entrada sul, do Estádio Municipal da Cidade de Barcelos, na freguesia de Vila Boa. Esta obra visou a conceção de novas valências, tais como duas salas de exposição, a implementação de condições ambientais adequadas para a preservação do acervo museológico, a conceção de uma cafetaria com esplanada, loja, entre outras.

O Museu de Olaria reabriu ao público no dia 31 de Agosto de 2013 e sua obra de recuperação, ampliação e valorização foi essencial para alterar o programa e o discurso expositivo, justamente porque possibilitou disponibilizar maior número de peças para exposição, visualização e fruição do público.

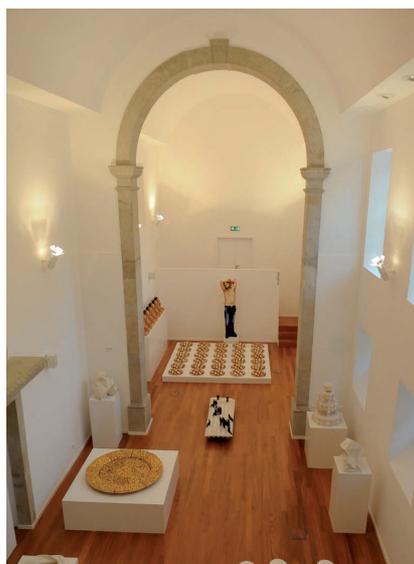


Foto 33 - Sala de exposição remodelada com objetos diversificados para usufruto do público

Fonte: <http://www.cm-barcelos.pt/boletim-infomail/ficheiros/boletim-n.o-8>

No entanto, para definir a imagem e posicionar este museu como núcleo do Museu da cidade de Barcelos deverá definir a visão, reformular a sua missão e objetivos, dado que estes se assemelham e necessitam de ser clarificados, definir o público-alvo e até captar novos visitantes, através da realização de estudos de mercado e da constante monitorização do público para analisar o seu nível de satisfação. Também devem ser concebidas novas políticas de marketing para complemento das que existem atualmente, introduzidos outros descontos, promoções, isenções, implementadas estratégias de comunicação que facilitem a sua divulgação ao público e fomentados programas e atividades temáticas inovadoras. As iniciativas culturais não se devem desenvolver apenas, no Serviço Educativo e de Animação do museu, mas sobretudo na cidade de Barcelos, através da realização de convites à comunidade local que incitem à sua participação nas mesmas, asseverando assim, a sua interligação ao produto patrimonial e a sua inserção na envolvente. Devem ser realizadas consultas de opinião à comunidade local, interpretados os factos relevantes, estudados os impactos e realizadas previsões da sua integração na localidade. Esta instituição museológica também deverá continuar a oferecer visitas guiadas aos visitantes/turistas.

Este produto patrimonial de excelência encontra-se inserido nas rotas turísticas do concelho de Barcelos, mais precisamente na *Rota da Olaria* como um local de visita primordial, pois é uma compilação ao vivo do legado cerâmico do concelho de Barcelos.

2.5.4. O núcleo do Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro

No ano de 1990, a Junta de Freguesia de Alvito S. Pedro criou o Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro, que tem como finalidade preservar o património cultural da localidade. Esta instituição situa-se numa sala da sede da Junta de Freguesia, na rua Daniel Lopes Miranda, n.º 62.



Foto 34 - O núcleo do Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro

Fonte: <http://www.feriasemportugal.pt/en/vacation-suggestions/culture-and-heritage/museu-regional-e-etnografico-de-alvito-s-pedro/>

O acervo é constituído por sensivelmente, seiscentas peças provenientes de particulares, devidamente catalogadas podendo ser devolvidas aos seus legítimos proprietários, caso o espaço encerre. O processo museológico inerente à recolha de peças, inventário, catalogação, conservação preventiva e curativa era realizado por jovens.

Durante alguns anos o museu contou com o apoio do Instituto da Juventude, Centro de Emprego de Barcelos e do Grupo Recreativo e Cultural de Alvito S. Pedro.

Esta instituição possui diversos condicionalismos que se traduzem na falta de apoios financeiros e técnicos, na inexistência de um edifício sede do museu que assegure convenientemente as suas funções museológicas e a dimensão das coleções, o acondicionamento ambiental inadequado das coleções, na fidelização e captação de novos públicos, na realização de atividades, entre outras.

Deste modo, é essencial que o museu mude de instalações integrando novas áreas de exposições permanentes e temporárias que facilitem a alteração do conteúdo programático e o discurso expositivo, que seja definida a sua visão e missão de entidade representativa do legado cultural local, posicionando-o como núcleo do Museu da cidade, um meio de preservação da memória, cultura e etnografia da região alto etnográfica, a norte do Cávado barcelense. Ainda deverá ser reformulado o objetivo, definida a visão e missão, identificado o público-alvo, estipulada a imagem e o posicionamento, implementadas políticas de marketing e estratégias de comunicação para fidelizar e captar novos visitantes.

Também terão de ser criados gabinetes e laboratórios técnicos, concebidas reservas com condições ambientais adequadas à preservação das coleções, uma Biblioteca, um Centro de Documentação (área reservada), um Auditório e Exposições Temporárias, noutros locais. Os serviços de Animação e Educação, Investigação, Programação, Comunicação e Divulgação, Conservação Preventiva e Curativa do acervo, Recursos Humanos e Financeiros devem ficar sobre tutela do Museu da cidade de Barcelos.

Para além disto, o museu deverá ser integrado nos itinerários turísticos do concelho, impulsionados pelo Serviço de Turismo de Barcelos, nomeadamente na atividade *Caminhar para Conhecer Barcelos*, estabelecendo-o como ponto de passagem imprescindível para se conhecer e apreender a história, cultura e etnografia local.

Este produto poderá ser introduzido numa rota de *Turismo de Natureza*, nomeadamente em percursos pedestres que facilitem aos visitantes e turistas, a contemplação de majestosas paisagens naturais com uma vastíssima e magnífica biodiversidade ambiental florística e faunística, nascentes de água, fontes, fontanários, o rio Neiva e praias fluviais.

Posteriormente, também será incluído em percursos pedestres a sítios arqueológicos e medievais de interesse preponderante das áreas circundantes, tais como, Aborim que tem a velha estrada romana e uma torre da época medieval; Cossourado onde há a ponte romana da caridade e o castro de S. Simão; Panque que possui vinte e seis moinhos de água, dos quais dois ainda se encontram a laborar nas margens do rio Neiva, quarenta e três mós, um engenho de serguilha, serração, linho e dois lagares e a Balugães que no cimo do monte tem vestígios arqueológicos não classificados, trechos de estrada romana, uma ponte que atravessa o rio Neiva e o Penedo da Peneirada pouco perceptível de toda a aldeia.

Por fim, poderá ser inserido no programa de passeios pedestres, *Rota das Igrejas e Santuários* promovido pelo Serviço de Turismo da Câmara Municipal de Barcelos que contemplará a realização de circuitos de visitas a património religioso como igrejas, ao santuário de Nossa Senhora da Aparecida, capelas, cruzeiros e alminhas da união de freguesias de Alvito S. Pedro, Alvito S. Martinho e Couto, Campo e Tamel S. Fins e das áreas circundantes de Aborim, Cossourado, Panque e Balugães.

2.5.5. O núcleo do Museu Etnográfico de Chavão

O projeto do museu nasceu no ano de 1981, através da iniciativa do Jardim-de-infância e da Escola Básica do 1º Ciclo da freguesia de Chavão, que consistiu na recolha e preservação de peças etnográficas que se encontravam a degradar nas eiras, lojas e sótãos. No ano de 1982, estas instituições realizaram uma exposição e um cortejo etnográfico com a finalidade, de dar a conhecer o seu património e valorizar as suas raízes.

O museu localiza-se na rua de S. João, n.º 2562 num edifício próprio, mas que apresenta um espaço demasiado exíguo.



Foto 35 - O núcleo do Museu Etnográfico de Chavão

Fonte: Foto de Museu Etnográfico de Chavão

Este espaço museológico é o reflexo da memória coletiva local de cariz essencialmente, rural e tem como objetivos estudar, preservar e valorizar o património cultural e etnográfico do concelho de Barcelos, mais particularmente o de Chavão, promover a identificação da comunidade com este espaço, convidando-a a envolver-se nas suas atividades, de modo a sensibilizá-la para as questões inerentes ao património e servir de recurso educacional e fonte de conhecimentos.

No que respeita à logística e gestão, o museu encontra-se sobre tutela da Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos.

O museu apresenta um conjunto de condicionalismos, aliados à insuficiência de espaço que impede a apresentação de mais objetos e a alteração do discurso museológico, condições ambientais inadequadas na preservação das coleções e dificuldades na captação de novos públicos. Deste modo, é necessário a realização de um projeto de remodelação e requalificação do Museu Etnográfico de Chavão, baseado na valorização e no reforço da sua visão e missão como instituição representativa da identidade local e de posicioná-lo como pólo do Museu da cidade, enquanto meio integrante do discurso histórico, etnográfico e cultural caraterístico da região baixo etnográfica, a sul do Cávado barcelense.

Procedendo a uma análise das peças pertencentes à coleção do museu, estas possuem interpretações de diversas vertentes, museológicas, patrimoniais, históricas, culturais, artísticas e etnográficas.



Foto 36 - A exposição patente sobre a temática *Meu Minho, Meu Linho - As voltas que o linho dá*

Fonte: Foto de Museu Etnográfico de Chavão

Deste modo, é imperativo para a sua requalificação e valorização, a ampliação do espaço que possibilite a reformulação do programa e do discurso expositivo, permitindo outras interpretações que vão desde a representação da identidade desta localidade, a uma contextualização da região baixo etnográfica, a sul do Cávado barcelense. O núcleo museológico deverá esclarecer a sua visão e missão, redefinir os seus objetivos, identificar e captar novos públicos. Também deverá ser criada uma Biblioteca, um Centro de Documentação, um Laboratório

para Tratamentos Preventivos e Curativos da Coleção, um Atelier de Serviços Educativos, um Auditório e Exposições Temporárias (noutros sítios). Os serviços de Animação e Educação, Investigação, Programação, Comunicação e Divulgação, Conservação Preventiva e Curativa do espólio, Recursos Humanos e Financeiros devem ficar dependentes do Museu da cidade de Barcelos.

Ainda deverão ser definidas estratégias de comunicação e políticas de marketing, bem como realizadas iniciativas culturais no seu espaço e noutros locais.

O museu poderá ser inserido em circuitos turísticos pedestres promovidos pelo Serviço de Turismo da Câmara Municipal de Barcelos, designadamente na temática *Caminhar para Conhecer Barcelos*, integrando-o como um local de visita preponderante. Para tal, é necessário reformular o programa museológico inserindo no discurso expositivo e seu percurso o Monte d'Assaia, local com uma esplêndida paisagem natural, propícia a passeios pedestres e visitas a vestígios arqueológicos proeminentes, como os moinhos de vento, castros, marcos divisórios, laje dos sinais, monumento com forno, fonte da Pegadinha, entre outros. O espaço museológico deverá ser instituído como um complemento imprescindível, no conhecimento e apreensão da história, usos, costumes e cultura local. Ainda deverá ser delineado um circuito de visita à Mamoia ou Dólmen e colocada sinalética única que identifique o percurso Museu/Mamoia ou Dólmen e Monte d'Assaia.

Também poderá ser criado um itinerário de visitas às áreas circundantes da união de freguesias de Viatodos, Grimancelos, Minhotães e Monte de Fralães, nas quais há um conjunto de vestígios de avultado interesse como azenhas, aquedutos, noras, fontanários, tanques públicos, relógios de sol, entre outros.

Posteriormente deverá ser integrado no programa de passeios pedestres, *Rota das Igrejas e Santuários*, fomentado pelo Serviço de Turismo da Câmara Municipal de Barcelos que constituirá circuitos de visitas a património religioso, como por exemplo, igrejas, ao santuário da Nossa Senhora da Saúde, capelas, alminhas, cruzes e cruzeiros da união de freguesias de Viatodos, Grimancelos, Minhotães e Monte de Fralães, bem como da localidade de Negreiros e Chavão.

2.6. A análise da macro envolvente e recursos

O concelho de Barcelos possui 120 391 habitantes³⁴ e uma área total de 378 Km², que se distribui pelas suas 61 freguesias. O município é limitado a norte pelo concelho de Viana do Castelo e Ponte de Lima, a leste por Vila Verde e Braga, a sueste por Vila Nova de Famalicão, a sudoeste pela Póvoa de Varzim e a oeste por Esposende. A localidade tem três bacias hidrográficas, o rio Cávado, Neiva e Este.

O património cultural a implementar na localidade de Barcelos será um produto turístico de excelência, no qual os visitantes/turistas beneficiarão de turismo e lazer/ócio e de turismo cultural.

O conceito de *turismo* apresenta uma ambiguidade, isto porque é necessário analisar os “múltiplos e interdisciplinares campos científicos a que devemos recorrer quando pretendemos perceber a natureza multidimensional, multifacetada e complexa do turismo”.

Para Mahiesom e Wall (1882) o *turismo* baseia-se no movimento temporário para destinos fora do lugar normal de residência e trabalho, bem como nas atividades desenvolvidas durante a estada e as *facilities* criadas para satisfazer as necessidades dos turistas.

Analisando a sua especificidade, o *turismo* traduz-se entre outros aspetos, no consumo de experiências (embora nem sempre as ofereça), envolve entretenimento e diversão e consiste numa atividade orientada para a procura (GOMES, 2011: 5-6).

O turismo cultural procura oferecer um produto que proporcione sensações e experiências emotivas aos visitantes/turistas.

Para a Organização Mundial do Turismo (OMT, 1985), a expressão *turismo cultural* aponta no sentido de englobar o movimento das pessoas que obedecem a motivações essencialmente culturais, onde se podem incluir diversificadas iniciativas como viagens de estudo, digressões artísticas, viagens culturais, visitas a sítios e monumentos históricos que têm por objeto a descoberta da natureza, o estudo do folclore ou da arte, entre outras, devendo assim, distinguir o turismo cultural dos efeitos culturais do turismo.

Segundo Zeppel e Hall (1991) o *turismo cultural* pode ser considerado como um turismo experiencial que teria como base artes visuais, artes manuais e festividades. Para os autores o

³⁴ Dados do Instituto Nacional de Estatística dos Censos, 2011

turismo patrimonial também deve ser considerado como experiencial e cultural, possibilitando a visita a paisagens, sítios históricos, edifícios ou monumentos.

O património cultural oferece ao visitante, vivências, experiências sensoriais e contentamento que não se encontram noutros locais.

A organização norte-americana de salvaguarda do património cultural, *National Trust for Historic Preservation* (1993), define o *turismo cultural* no âmbito da procura, isto é, a prática de viajar para experimentar atrações turísticas e culturais com a finalidade de aprender sobre o passado de uma região ou de um país, de uma forma divertida e pedagógica.

Tendo como alusão a Carta de Turismo Cultural do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS, 1976), o *turismo cultural* é um facto humano, social, económico e cultural irreversível. O *turismo cultural* é uma forma de turismo que tem por objeto central o conhecimento de monumentos, sítios históricos e artísticos ou qualquer outro elemento do património cultural.

Este causa aspetos positivos sobre os mesmos, dado que impulsiona a sua conservação, mas também pode ocasionar efeitos negativos que devem ser evitadas mediante a definição de medidas políticas e educativas.

O *turismo cultural* teve um acentuado acréscimo nas últimas décadas. No ano de 1997, o estudo desenvolvido pelo *European Association Tourism and Leisure Education* (ATLAS), analisou o comportamento do turista europeu e concluiu que aproximadamente 77% das pessoas entrevistadas tinham gozado férias no último ano, perto de metade tinha visitado um museu e mesmo os que não consideravam as suas férias, como culturais planeavam incluir uma visita a uma atração cultural (ATLAS - *Innovation in Cultural Tourism*, 2001).

Os turistas culturais possuem expectativas demasiado elevadas, no que respeita à experiência que desejam viver, são bastante participativos, interessados e conhecedores (OLIVEIRA, 2009: 6-8).

A procura de cultura atrairá visitantes/turistas à localidade de Barcelos, que se deslocarão ao Museu da cidade motivados pela curiosidade de adquirir e apreender novos conhecimentos. Neste âmbito Jayawardena (2002), refere que alguns tipos de turismo com especial interesse têm vindo a refletir um rápido crescimento, alguns deles extravasando a sua esfera de influência, criando sinergias e desenvolvendo novos segmentos de mercado. Os tipos de turismo identificados são: o turismo cultural e património, turismo de aventura, turismo com base na comunidade local, turismo de saúde e agro-(ou agri-) turismo (FERREIRA, 2005: 5).

No entanto, este património cultural deverá abranger determinados elementos como recursos, serviços e equipamentos que ofereçam e transmitam valores aos visitantes/turistas.

Os recursos são o principal componente do produto cultural e o que motiva à deslocação dos visitantes/turistas. Deste modo, a localidade de Barcelos possui magníficos recursos históricos, tais como, igrejas, santuários, capelas, museus, sítios arqueológicos, ruínas do Paço dos Condes de Barcelos, ponte medieval, sítios arqueológicos, etc. Também tem inúmeros recursos culturais que são uma alusão às suas tradições ancestrais, gastronomia, folclore, lendas, artesanato entre outras. Ainda possui belíssimos recursos naturais como por exemplo, o seu clima temperado, belíssimas paisagens, rio Cávado, praia fluvial, fauna, flora, etc. Por último, os residentes são um recurso preponderante, dado que a sua simpatia e amabilidade características típicas das gentes do Minho, influenciarão e atrairão visitantes/turistas para o destino.

Ainda deverá existir uma concertação dos elementos tangíveis e intangíveis que constituam o produto, desenvolvendo atividades como exposições temporárias, concertos, conferências, *workshops* no museu e sua envolvente. A função educativa do produto cultural deverá ser desenvolvida na sua vertente de entretenimento e lúdica. A instituição museológica terá presente o princípio de que aprender é divertido. Este recurso não deverá ser apenas, um espaço de preservação do legado e da cultura barcelense, mas um destino que proporcionará experiências singulares e memoráveis a visitantes/turistas.

O museu oferecerá ao visitante/turista a contemplação de um magnífico exemplar arquitetónico, nos quais se destacam sobretudo os elementos existentes na face sul do edifício, voltado para o rio Cávado e a sua majestosa paisagem. O espaço museológico terá patente aos visitantes/turistas objetos, acervo, exposições temporárias, permanentes e itinerantes temáticas respeitantes à história local, arqueologia, etnografia e obras artísticas de pintores barcelenses, elementos alusivos à recriação do ambiente florístico, faunístico e ornitológico característico do estuário do Cávado, entre outras. Para a sua leitura e interpretação serão disponibilizados textos em painéis interativos e 3D, cartazes, catálogos, *flyers*, maquetes, entre outros.

A entidade museológica também propiciará atividades educativas e multimédia para famílias, crianças, jovens e idosos. Ainda apresentará programas específicos como conferências, cursos, visitas guiadas, seminários, espetáculos de dança, concertos de música, etc.

Para se estipular como produto turístico, o museu deverá estar aliado a diversos serviços (bombeiros, hospitais, clínicas, centros de saúde, farmácias, polícia) e equipamentos locais (hotéis,

residenciais, restaurantes, pensões, cafés, bares, agências de viagens, meios de transportes) que assegurará ao visitante/turista a satisfação das suas necessidades básicas e desfrutar do atrativo.

O museu terá rampas e acessos para cadeiras de rodas no exterior e interior do edifício que facilitarão o acesso a todos os espaços. As cadeiras de rodas estarão disponíveis no bengaleiro.

O pólo museológico e os núcleos terão casas de banho e elevadores adaptados a portadores de deficiência motora e mobilidade reduzida, tais como idosos e grávidas.

O acesso á cafeteria, restaurante e jardim poderá ser efetuado a partir de outras entradas, mediante combinação prévia na entrada principal.

O organismo apresentará vídeos com conteúdos informativos para portadores de deficiência auditiva e documentação em braille para deficientes visuais, sobre a sua história e coleções.

A instituição museológica usufruirá de infraestruturas que propiciarão a acessibilidade e a proximidade do público. Atualmente, o concelho de Barcelos tem ligação direta às principais vias rodoviárias que proporcionam a sua proximidade a outros locais do país e do estrangeiro, nomeadamente a Espanha. As autoestradas A1, A3, A11 e A28 são algumas das vias de acesso que asseguram a ligação a um município agradável e harmonioso.

A estação de comboios facilita igualmente a deslocação de visitantes/turistas e permite ligações diretas a Viana do Castelo, Braga, Porto, Vigo e Madrid. A localidade tem uma estação de camionagem que garante a ligação a Braga, Vila Nova de Famalicão, Esposende, Ponte de Lima, Porto e Lisboa.

O avião também é um meio de transporte imprescindível, dado que a relativa proximidade de Barcelos à cidade do Porto permite a sua utilização.³⁵

O produto cultural deverá ser divulgado em *outdoors*, *mupis*, roteiros turísticos, postos de turismo, meios de comunicação social (rádio, televisão, jornais locais, regionais e nacionais), *sites* na internet que propiciem a sua comunicação e a visibilidade aos visitantes/turistas.

³⁵ Câmara Municipal de Barcelos, *Barcelos: Roteiro Turístico*, 2007, pp. 9

O museu oferecerá uma ampla gama de serviços, tais como serviço de informação e orientação para os visitantes/turistas, *flyers*, mapas ou informação multimédia subjacente ao mesmo, serviços de investigação, conservação preventiva e curativa das coleções, centro de documentação, biblioteca, reservas, auditório, sinalética, áreas de descanso e relaxamento, serviços de restauração e cafetaria, loja para venda de *merchandising*, etc.

2.6.1. Competências e capacidades técnicas

O Museu da cidade permanecerá na dependência da Divisão de Educação, Desenvolvimento Social, Cultura e Museus (DEDSCM), no Gabinete de Cultura, Museus e Arquivo estruturas orgânicas do Pelouro da Educação e Cultura da Câmara Municipal de Barcelos.

Para o Museu da cidade de Barcelos serão definidas as seguintes competências:

- Promover e coordenar a salvaguarda do património histórico, arqueológico, etnológico/etnográfico e artístico da localidade de Barcelos;
- Fomentar a salvaguarda, ampliação e valorização do acervo museológico;
- Assegurar o acolhimento, acompanhamento e conceder informação ao público sobre a história local, arqueologia, etnografia e pintura barcelense e de outros assuntos que sejam do seu âmbito;
- Desenvolver ações de investigação das temáticas que lhe estão inerentes;
- Estudar e aconselhar a aquisição de espólio museológico;
- Promover atividades de animação cultural na vertente específica do museu;
- Organizar exposições temporárias ou comemorativas de momentos e acontecimentos proeminentes, bem como outras, cuja vertente esteja interligada a factos históricos e ao património cultural de Barcelos;
- Organizar e gerir outras instituições que estejam no âmbito do seu perfil, assegurando a salvaguarda, segurança e o acesso a todo o espólio e documentação;

- Colaborar e apoiar todas as iniciativas e eventos realizados por outras entidades locais;
- Estabelecer parcerias com outros museus de cidade nacionais e internacionais, instituições culturais locais e regionais, associações e grupos de modo, a fomentar a partilha de informação e experiências e a impulsionar a investigação no que respeita, à abordagem que lhe está inerente.

A equipa do Museu da cidade de Barcelos será constituída pela Direção, Serviço de Gestão de Coleções, Serviços de Animação e Educação, Serviços Administrativos e Serviços Auxiliares, como tal, será necessário redefinir as competências atualmente existentes no Museu de Olaria.

Na direção, a entidade museológica terá um Diretor ou Conservador de Museu, nomeado pela Câmara Municipal de Barcelos que dirigirá os seus diversos serviços, assegurará as funções museológicas na sua totalidade, definirá e implementará o plano anual de atividades, tendo subjacente as linhas programáticas estabelecidas pela tutela.

O Museu da cidade de Barcelos disporá de pessoal com as habilitações legais necessárias, ao pleno e eficiente funcionamento das suas diversas áreas, nomeadamente a investigação, conservação, animação, educação, organização de exposições e outras atividades; receção, guia e acompanhamento de visitantes; apoio administrativo e outras vertentes que se demonstrem relevantes para a plena satisfação das necessidades dos visitantes/turistas.

A instituição museológica deverá incentivar o voluntariado, formar o *Grupo de Amigos do Museu da cidade de Barcelos* e promover a participação da comunidade nos seus programas e iniciativas culturais.

Posteriormente, o Museu da cidade de Barcelos deverá integrar redes institucionais nacionais (Rede Portuguesa de Museus - RPM) e internacionais (Conselho Internacional dos Museus - ICOM) com a finalidade de divulgar, promover visitas ao museu, atrair, fidelizar e captar novos públicos e fomentar a partilha de investigação, informação, experiências e mostras.

2.7. A visão, missão e objetivos

Os museus de cidade são instituições elementares na divulgação da cultura e na salvaguarda de identidades, contudo ao longo dos anos foram-lhes atribuídas diversas missões e objetivos.

Tendo presente o exemplo do projeto do Museu da cidade do Porto, que teria como finalidade oferecer aos habitantes locais e visitantes, uma retrospectiva da evolução histórica e urbana da cidade invicta. Este museu possuiria como função documentar, interpretar e divulgar a história da cidade do Porto. O núcleo central e os pólos museológicos funcionariam como centros de interpretação que recolheriam elementos arqueológicos, toponímicos, geográficos e história oral essenciais para compreensão do desenvolvimento urbano da cidade do Porto (INÁCIO, 2002: 25-26).

O Museu da cidade de Almada é um centro privilegiado de interpretação da cidade, do seu passado recente, presente e das linhas estratégicas definidas para o futuro. A criação do museu baseou-se num projeto da autarquia de homenagear as pessoas, vivências, histórias, a cidade de Almada, como tal cumpre o objetivo municipal de envolver os cidadãos nos desígnios do desenvolvimento local, assegurando-lhes informação sobre a sua realidade atual e as perspetivas de um futuro que ainda está em construção.

No que respeita ao modelo do Museu da cidade de Aveiro, este visa promover e salvaguardar o património cultural do município, dado que o mesmo constitui o seu acervo museológico. Este centro nevrálgico garante uma dupla função, desenvolve o inventário, estudo e salvaguarda do património cultural aveirense e atua como elemento gestor do património cultural, incentivando a sua divulgação para captar visitantes e divisas. O organismo pretende investir na criação de pólos culturais ativos e interligados; salvaguardar a identidade cultural de Aveiro; estimular a transmissão da memória coletiva; impulsionar o desenvolvimento da comunidade local com atividades culturais para atrair visitantes; fomentar e cooperar na organização de outras instituições culturais.

Este museu tem o *Projeto de regulamento do Museu da cidade de Aveiro* que define a sua forma de organização e gestão, a relação com os outros serviços do município e com o público que o visita.³⁶

O Museu de cidade de Coimbra tem como missão, investigar, compreender e divulgar temáticas relacionadas com os seus núcleos museológicos e coleções para conhecimento e fruição dos visitantes. Tem como objetivo a valorização e o reconhecimento do património histórico e artístico da cidade de Coimbra, com o intuito de sensibilizar o público para a sua salvaguarda.

No que se refere ao Museu da cidade de Lisboa pode-se afirmar que durante cem anos de existência, foram enunciadas diversas missões e objetivos. No ano de 1918, os Serviços de Instrução, Bibliotecas, Arquivo e Museus determinaram que “os museus municipais são estabelecimentos destinados a receber, guardar e conservar todos aqueles objetos de arte ou históricos que direta ou indiretamente se relacionem com a vida da cidade, desde as épocas mais remotas e historiam a sua etnologia e topografia, tais como padrões de pesos e medidas, moedas, medalhas, quadros, plantas de cidade, etc.” (LEITE, 2010: 26).

No ano de 1942, Mário Tavares Chicó era o Conservador-chefe do Museu da cidade de Lisboa e afirmava que “os Museus de cidade destinavam-se a documentar, no domínio da geografia humana, da história e da arqueologia, a formação e desenvolvimento da cidade” (MOITA, 1972: 7). Este baseou-se nos modelos dos Museus de Haia (Gemeente Museum) e Londres (London Museum) e na aplicação das conjeturas enunciadas por Virgil Bierbaeur, no que respeitava aos museus regionais e locais, nos quais se incluíam os museus de cidade.

Em 1972, Irisalva Moita menciona no estudo que desenvolveu para o programa do Museu de Lisboa, o seguinte objetivo: “Efetivamente, através de uma síntese muito geral dos fundamentos antropogeográficos que estão na origem e desenvolvimento da *cidade de Lisboa*, procuramos surpreender tudo aquilo que deverá ser posto em valor *num museu que a represente*, enfim, aquilo que o visitante, ao percorrer as coleções expostas, deverá adivinhar e reconstituir “...no caso especial dum Museu de Lisboa, definir qual deve ser esse âmbito, partindo das duas realidades, *meio geográfico e histórico, que o mesmo é dizer ambiente e homem, procurando, através deles, surpreender a realidade Lisboa nas suas origens, razões de existência e sobrevivência, implicações políticas, económicas e culturais*. As espécies a expor num museu deste tipo nunca poderão ser

³⁶ *Diário da República*, 2ª Série, Decreto-Lei, n.º 23/2012, 6 Janeiro 2012, pp. 593-594

mais do que simples *chamadas* a propósito das quais se dará uma explicação” (MOITA, 1972: 5-7).

Este programa foi a base da definição da exposição permanente do Museu no Palácio do Campo Grande e atualmente, ainda é o suporte do percurso expositivo do museu (principalmente, do Século XVII a 1910 e área do “Ensemble d’Époque”).

Tendo presente as funções atribuídas aos museus, a missão e o objetivo do Museu da cidade de Lisboa eram a de estudar e investigar, recuperar e incorporar, conservar, interpretar e expor objetos e bens patrimoniais, relativos à história do território e da cidade de Lisboa, nas suas diferentes vertentes físicas e humanas e etapas da evolução urbanística, económica, política, social e das mentalidades.

O Museu da cidade de Lisboa cumpria a sua vocação de museu histórico, promovendo o conhecimento (cooperando com instituições de investigação e escolas), desenvolvendo programas de mediação cultural, estudo e salvaguarda do património urbano (atividades diversificadas), dando a conhecer o património e a História de Lisboa.

No entanto, ao longo dos anos a missão e os objetivos tiveram que se adaptar aos novos desafios que se apresentavam ao museu (LEITE, 2010: 26-27).

No ano de 2010, Ana Cristina Leite no seu *Projeto de requalificação e valorização do Museu da cidade de Lisboa*, afirmou que o museu era de vocação histórica.

A sua missão era investigar, recuperar, incorporar, conservar e expor, objetos e bens patrimoniais relacionados com a História do território, da cidade de Lisboa e dos seus habitantes; documentar, interpretar, divulgar e promover a História do passado e presente de Lisboa nas suas componentes físicas e humanas e etapas da sua evolução geográfica, urbanística, económica, política, cultural, social e das mentalidades; salvaguardar o património (material, imaterial e natural) e a memória como herança cultural coletiva; reforçar as identidades locais; convergir para o debate sobre o futuro de Lisboa. Os objetivos estratégicos do Museu da cidade baseavam-se numa oferta cultural de qualidade, na relação aberta com a cidade de Lisboa e as pessoas (os lisboetas na sua diversidade), fomentando o desenvolvimento social e a cultura de cidadania (LEITE, 2010: 90).

Nos dias de hoje, os Museus de cidade assumem um papel cada vez mais preponderante, não só no desenvolvimento da investigação e divulgação do património das comunidades urbanas,

mas também na definição da cultura das cidades e no fomento da consciência cultural contemporânea.

Deste modo, no ano de 2012 foi concebido, promovido e desenvolvido pelo Arquivo e Museu Ahmet Piristina (APIKAM) da cidade de Esmirna, na Turquia em colaboração com o Museu da cidade de Lisboa e o Museu do Património Industrial de Bolonha, o *Projeto de cooperação trilateral em museologia na cidade*.

Este projeto teve a duração de dez meses e como principal objetivo estabelecer o diálogo intercultural entre a União Europeia e a Turquia, mediante o fomento de conhecimentos e as práticas dos museus de cidade, impulsionando a realização de ações de cooperação entre estes e os museus municipais europeus e turcos.

As atividades do projeto consistiram na organização de exposições que apresentaram e refletiram a história e a cultura das cidades que participaram no projeto; constituição de três *workshops* em Izmir, Bolonha e Lisboa para reunirem especialistas de museus locais, representantes de outros museus de cidade de relevância europeia e mundial e especialistas no assunto; através do *site* do projeto, criaram um fórum para os intervenientes partilharem informação no âmbito da museologia de cidade; realização de um relatório para comparar o desenvolvimento da museologia na Turquia com a da Europa.

No que respeita ao âmbito internacional, o Museu da cidade de Londres está instalado num palácio que se situa próximo do Green Park e St. James Park, no ponto mais central da capital do Reino Unido. Este museu abriu ao público no ano de 1914 e é considerado um modelo de referência, desde os anos oitenta (CHICÓ, 1943: 19-20). O museu contextualiza a história da capital britânica, da pré-história até atualmente. Esta instituição museológica tem como propósito apresentar o desenvolvimento do espaço urbano, mediante uma trajetória cronológica subjacente à ideia de esboçar, a vertente histórica e social (INÁCIO, 2002: 89).

O Museu da cidade de Luxemburgo abriu ao público em 1996 e localiza-se em pleno centro arquitetónico e urbanístico, característico da evolução da cidade até atualmente. Este museu tem como missão, a representação da história remota e recente da cidade, no âmbito económico, social, político, arquitetónico e paisagístico, bem como a sua inserção no panorama nacional. O seu espaço museológico está organizado de modo, cronológico-temático e tem uma tripla vocação, exibir as grandes etapas do desenvolvimento da cidade, mediante maquetes que demonstram a evolução urbana, representar a vida quotidiana dos habitantes e refletir sobre o papel da cidade como pólo administrativo ao serviço dos cidadãos (INÁCIO, 2002: 90).

Também é de salientar o padrão do Museu da cidade de Madrid que se encontrava instalado no velho edifício do Hospício de S. Fernando, uma construção magnífica do primeiro terço do século XVIII realizada pelo arquiteto Pedro Ribera. A entidade museológica foi fundada em 1929 e tinha como objetivo apresentar a história da cidade, desde a época dos Filipes até atualmente. O museu tinha como finalidade exibir diversos elementos inerentes a alguns detalhes arquitetónicos que sublimavam a cidade de Madrid, perceptíveis nas ruas, monumentos, palácios, jardins, arcos e fontes (COUTO, 1943: 6-7).

Esta entidade museológica encerrou ao público permanentemente, no dia 1 de Agosto de 2012. As suas coleções foram transferidas para alguns museus e instituições municipais, como o Museu de San Isidro, as Origens de Madrid e o Museu de História.

O Museu da cidade de Paris está instaurado num palácio, considerado um dos melhores exemplares da arquitetura monumental francesa, do segundo terço do século XVI. O museu foi inaugurado em 1880 e ampliado no ano de 1925, abrindo ao público com quarenta novas salas que reconstituíam a decoração dos interiores parisienses, do decurso do século XVII até ao XX. O organismo possui um acervo museológico com sensivelmente 600 mil obras, alusivas à cidade de Paris. Este museu tem como missão a recolha de esculturas, pinturas, fotografias, mobiliário, maquetes, estampas, vestígios arqueológicos, elementos decorativos de edifícios demolidos e diversos objetos respeitantes à história da cidade de Paris em todas as épocas (CHICÓ, 1943: 22).

O Museu da cidade de Barcelos terá como visão promover o desenvolvimento local e regional, mediante a salvaguarda e valorização da identidade histórica e da diversidade cultural local como património de todos os barcelenses.

O organismo asseverará como missão incorporar, investigar, expor e divulgar um conjunto de bens culturais alusivos à história do território de Barcelos e aos seus habitantes com finalidade científica, educativa e lúdica. Também impulsionará a salvaguarda e a revitalização da História antiga e recente de Barcelos, peculiarmente na caracterização da evolução no âmbito geográfico, urbanístico, económico, social, cultural e artístico. Ainda assegurará a preservação do património material e imaterial e reforçará a identidade local como uma herança cultural coletiva. Este facilitará o acesso regular do público e fomentará a democratização da cultura, formará e sensibilizará a comunidade para um desenvolvimento local integrado e sustentado.

Os objetivos do museu serão promover e colaborar no desenvolvimento da investigação na vertente da história, história da arte, arqueologia, etnologia/etnografia, património, urbanismo e sociologia da região de Barcelos; implementar ações de estudo, documentação, sensibilização, educação e difusão das coleções que constituam o acervo do Museu da cidade de Barcelos; fomentar o estudo, a preservação e a divulgação do património cultural móvel e imóvel como meio de identidade e fonte de investigação; promover o estudo, a salvaguarda e a divulgação do património imaterial, nas suas diversas formas de manifestação, as expressões orais, tradições e festas da localidade de Barcelos; fomentar o museu como um espaço de fruição de conhecimentos, educação, comunicação e lazer; estabelecer parcerias com outras instituições locais, nacionais e internacionais no intuito de desenvolver estratégias de revitalização da memória coletiva e do reforço da identidade local; apoiar e coadjuvar na organização de outras entidades e os núcleos museológicos existentes no concelho de Barcelos, bem como na criação de outros espaços culturais na região que se potencializem como um excelente produto patrimonial.

Por fim, o seu propósito preponderante será propiciar uma oferta cultural de vastíssima qualidade, asseverar uma relação aberta com a cidade de Barcelos e a comunidade local, impulsionando o desenvolvimento social e a cultura de cidadania de forma, integrada e sustentada.

2.8. A identificação do público-alvo

O Museu da cidade de Barcelos identificará o seu público-alvo e implementará estratégias específicas, para lhes dar conhecimento sobre iniciativas e assegurar a satisfação das suas necessidades.

A organização procurará conhecer melhor os seus visitantes, solicitando informação sobre a idade, lugar de origem, as motivações, hábitos culturais e expectativas da visita. Nos grupos tentará saber o motivo da visita, se procuram educação ou lazer/ócio, o número de visitantes, a tipologia (familiar, escolar, de congresso, em *tour operator*, a sua composição (homogéneo ou heterogéneo).

O Museu da cidade de Barcelos selecionará segmentos de públicos como o *touring* ou turistas culturais, visitantes regionais, turistas estrangeiros, grupos organizados (grupos do Inatel,

grupos de ex. militares, grupos de professores, entre outros), turistas de congressos em visita cultural, grupos escolares (Jardins de Infância, Ensino Básico, Secundário e Universitário), residentes e grupos de indivíduos especialmente interessados (TIE), que procurará fidelizar proporcionando uma oferta cultural diversificada e de excelente qualidade.

O museu utilizará critérios de segmentação do seu público-alvo baseados na *segmentação geográfica*, que consistirá em dividir os visitantes por locais, curta distância, longa distância, nacionais e estrangeiros, na *segmentação demográfica* que assentará na divisão do mercado em diversos grupos, segundo variáveis (idade, sexo, tamanho da unidade familiar, rendimento, nível de escolaridade, ocupação, religião, raça, etc.) e na *segmentação psicográfica* que classificará o público pela sua classe social, estilo de vida ou características da personalidade.

Os núcleos como o Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos, Museu de Olaria, Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro e Museu Etnográfico de Chavão deverão captar novos públicos, aliados não só à procura de *Turismo Cultural*, mas também de *Turismo de Natureza* e *Turismo Religioso*.

Estes organismos poderão igualmente segmentar os seus visitantes, garantindo-lhes benefícios e obtendo resultados eficazes com o património cultural. Os tipos de interesses contemplam o *histórico-nostálgico*, ou seja, o gosto romântico pelo que é antigo; o *mecânico-moderno*, no qual a satisfação resulta do conhecimento dos mecanismos associados ao património, tal como a exemplificação das alfaias agrícolas, ofício do carpinteiro, ofício do ferreiro, funcionamento do moinho, etc.; o *eco-desportista* que procura o meio ambiente, paisagens ou modos de vida tradicionais e associa-lhes a prática de desporto (caminhantes, alpinistas, Btt (os Caminhos de Santiago)).

2.9. A imagem e o posicionamento do património cultural

O património cultural contribui para projetar a identidade própria do destino turístico, atribuindo-lhes um carácter diferenciador de acordo, com a singularidade e autenticidade suscitada pela procura. Como tal, é essencial disseminar ao visitante, a identidade própria do destino turístico e definir as estratégias que se podem desenvolver para criar uma imagem diferenciada e singular da oferta.

A imagem é o conjunto de crenças, ideias e impressões que as pessoas têm sobre um organismo. Esta representação contempla associações afetivas positivas, negativas e neutras quando o local não tem destaque. A seleção de um destino depende significativamente da imagem que o visitante/turista tenha do mesmo.

O Museu da cidade de Barcelos criará a sua identidade de marca e imagem baseada na oferta de um produto patrimonial cultural de excelência. A marca será o seu símbolo distintivo, atribuindo-lhe a imagem de marca, uma posição diferenciadora face às outras instituições culturais locais. Deste modo, a organização assumirá um posicionamento estratégico, pois estipulará uma imagem de marca diferente das outras entidades. A criação de uma imagem distinta atribuirá ao museu, uma visibilidade única que se distinguirá da concorrência, fidelizará o público e diminuirá o seu tempo na seleção de uma atividade cultural. Tal facto, também facilitará o reconhecimento do museu, dado que o público estabelecerá um relacionamento de confiança duradouro com a instituição museológica e os seus produtos. Deste modo, para além do museu criar uma identidade própria, afastará outras entidades culturais como possíveis alternativas à realização de atividades de lazer/ócio.

O museu definirá uma estratégia de posicionamento baseada na oferta de um serviço de vasta qualidade, no qual os visitantes/turistas poderão beneficiar de experiências inéditas e memoráveis. Este produto patrimonial disponibilizará um serviço de informação de alta qualidade, uma equipa de pessoal com qualificações superiores e bastante eficiente que demonstrará simpatia, amabilidade e sensibilidade no atendimento ao público.

O património cultural também oferecerá arte, história e cultura de forma, acessível ao público, mediante a interpretação do discurso expositivo com textos e legendas de fácil leitura e apresentará imagens em multimédia e 3 D. A entidade museológica disponibilizará vídeos com informação para surdos e em braille para deficientes visuais, sobre a sua história e o acervo.

O museu reunirá um quadro técnico multidisciplinar, especializado nas áreas de história local, história de arte, etnografia, arqueologia, museologia, desenho, animação, guias, rececionistas, etc. Também disporá de uma equipa de técnicos de conservação e restauro, que aplicará tratamentos de âmbito conservativo e curativo nas coleções, com a finalidade de atenuar o seu processo de degradação.

A instituição museológica propiciará experiências belas, magníficas e encantadoras de imensa qualidade que despertarão nos visitantes/turistas sensações agradáveis. Também

procurará atrair, criar e fidelizar visitantes analisando como é que estes se relacionam com os objetos e as obras expostas; elaborando a monitorização do público para responder às suas necessidades e aumentar o seu nível de satisfação; realizando exposições temporárias no espaço museológico e na envolvente; alargando os horários para facilitar o acesso do público, ou seja implementando melhorias no funcionamento do museu; elaborando iniciativas culturais diversificadas dirigidas a grupos específicos que assegurarão a satisfação das suas necessidades. No que se refere à captação de públicos estrangeiros, o pólo museológico central e os seus núcleos disponibilizarão em suporte de papel, interativo e no *site* informação em línguas estrangeiras distintas (Espanhol, Inglês, Francês e Italiano). Também estimulará os visitantes habituais a fomentarem a sua relação com a entidade museológica, convidando-os a tornarem-se amigos do museu, voluntários e a participarem nos seus programas e iniciativas culturais. Ainda oferecerá serviços públicos como restaurante, cafetaria e esplanada com vista panorâmica sobre o rio Cávado e a sua esplêndida paisagem para que os visitantes/turistas passem mais tempo no espaço museológico e disfrutem de momentos de lazer; loja para venda de *merchandising* e angariação de receitas. O museu acolherá equipas de investigadores constituídas por especialistas nacionais e internacionais, estudantes universitários e estagiários que realizarão estudos e publicações sobre o acervo.

Este produto patrimonial também oferecerá uma diferenciação tecnológica, no que respeita à integração de painéis interativos para textos, legendas, sons e para a projeção de conteúdos informativos por computador. O museu promoverá apresentações virtuais na internet, com uma página web e no *site* do município de Barcelos.

O pólo museológico e os núcleos terão galerias com sinalética, que facilitarão aos visitantes a seleção do seu percurso. Este sistema de sinalética deverá ser bilingue (Português e Inglês).

Por fim, afirma-se que o Museu da cidade de Barcelos irá apostar numa venda original e exclusiva do seu produto cultural.

2.10. As políticas de marketing e as estratégias de comunicação do produto turístico

A comunicação é essencial, dado que só transmitindo corretamente a sua mensagem, o museu conseguirá atingir as audiências ambicionadas que assegurarão a sua sobrevivência, captará e fidelizará novos públicos.

Tendo presente a Associação Americana de Marketing (AMA, 1982), marketing é o desempenho das atividades de negócios que dirigem o fluxo de bens e serviços do produtor ao consumidor. É o processo de planeamento e execução da criação, estabelecimento de preço, promoção e distribuição de ideias, produtos e/ou serviços com vista a criar os intercâmbios que irão satisfazer as necessidades dos indivíduos e organizações.

Como tal, o uso da comunicação através do marketing surgiu de modo, tendencial e esporádico, dada a proliferação de inúmeras instituições museológicas e ao crescimento da oferta cultural.

Na opinião de Kotler, um dos maiores especialistas em marketing dos Estados Unidos, o marketing é a análise, o planeamento, a implementação e o controle de programas e projetos formulados com o objetivo explícito de propiciar trocas voluntárias de valores com o mercado-alvo, com o intuito de atingir objetivos operacionais concretos. O especialista menciona que as organizações de carácter social devem incorporar nos seus quadros profissionais de marketing, explicitando que mesmo na área social, o trabalho de uma organização deveria começar e terminar num mesmo ponto focal: o cliente, uma vez que é o grau de satisfação dos clientes com os serviços utilizados e/ou com as novas práticas adotadas, que determina o nível de eficácia e eficiência da entidade ou organização.

Os museus são entidades que têm como finalidade comunicar com o mercado-alvo e a sociedade em que se encontram inseridos, procurando satisfazer as necessidades dos que os visitam (MARECOS, 2009: 17).

O marketing é fundamental, pois possibilita ao museu confirmar a sua missão, dar uma resposta eficiente aos seus públicos, na medida em que através das suas técnicas são identificados: o perfil do visitante; o mercado em que o museu atua; o potencial de

desenvolvimento dos principais segmentos do mercado e as estratégias com vista a aumentar a base dos consumidores, bem como de atração de novos públicos (GONÇALVES, 2007: 12).

O marketing cultural tem como intento disseminar a cultura, procurando mediante a combinação de diversos fatores, como produtos, preços, a divulgação e promoção de espaços museológicos, responder às necessidades do público que os visita, atrair e captar novos núcleos de visitantes e renovar a oferta, bem como, propiciar o nível de satisfação das visitas habituais.

O Museu da cidade de Barcelos implementará uma estratégia de marketing diferenciado ou de segmentação, para identificar e definir os grupos que pretenderá atrair e assim, desenvolver programas específicos dirigidos a distintos segmentos de público.

A entidade museológica procurará ajustar as suas ofertas com o intuito de responder adequadamente, às aspirações dos seus compradores. Ainda procurará reajustar os preços, os meios de distribuição e promoverá estratégias de divulgação, tendo presente as características específicas de cada grupo.

No que respeita aos preços, o custo do ingresso de entrada no museu será de 2.00€, no entanto, a organização implementará uma estratégia de descontos de 50% para pessoas com idade igual ou superior a 65 anos, portadores de deficiências, Associados na Turel (Turismo Cultural e Religioso); Bilhete familiar, os filhos menores (15-17anos) desde que estejam acompanhados por um dos pais, pagarão a importância de 1,50 €; de 60% para Portadores de Cartão Jovem e do Cartão Jovem do Município de Barcelos retribuirão a quantia de 1,20 €; no Bilhete conjunto do Museu da cidade de Barcelos e do Museu de Olaria (quando as duas visitas ocorrerem no mesmo dia) custeará a importância de 3,00 €; no Passe dos Museus e Palácios do IMC, o bilhete para dois dias custará 6,00 €; Cinco dias 10,00 € e Sete dias 12,00 €.

O organismo museológico ainda determinará algumas isenções, particularmente oferecendo entradas gratuitas aos Domingos e Feriados, até às 14h00m; Crianças até aos 14 anos; Professores e alunos de qualquer grau de ensino, no âmbito da realização de visitas de estudo, desde que comprovadas por documento o seu estatuto (cartão de estudante) e o seu contexto (documento emitido pela instituição de ensino); Funcionários da Câmara Municipal de Barcelos e da Cooperativa “Barcelos Cultura, Educação e Desporto”; Funcionários dos serviços e organismos do Ministério da Cultura, desde que estejam devidamente credenciados; Mecenas do Museu da cidade de Barcelos; Voluntários da instituição museológica; Membros de Associações de

Amigos de Museus; Membros da Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), Academia Nacional de Belas-Artes, Academia Portuguesa de História e Academia Internacional da Cultura Portuguesa (acompanhados da credencial); Núcleos do Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos, Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro e Museu Etnográfico de Chavão.

O Museu da cidade de Barcelos terá um gabinete de comunicação que assegurará a difusão da informação de modo, a impulsionar o pólo central e os seus núcleos. A comunicação é fundamental para o êxito do museu, dado que só transmitindo a sua mensagem este atrairá, fidelizará e captará novos públicos.

A organização implementará estratégias de divulgação baseadas na preparação de publicações, que complementarão os objetivos do museu e as suas funções no âmbito da investigação, interpretação e educação. Estas publicações serão dirigidas a diferentes tipos de público com os quais, se tornará fundamental comunicar (publicações generalistas, como guias e catálogos; publicações para público infantil e juvenil; publicações de âmbito científico dirigidas a investigadores e estudantes). O museu também lançará uma revista.

A instituição museológica elaborará publicações periódicas, tais como cartazes, *flyers* e *postcards* para enviar pelo correio nacional (CTT) e eletrónico (e-mail) aos jardins de infância, escolas básicas do 1º, 2º e 3º ciclo, escolas secundárias, estabelecimentos do ensino superior público e privado e instituições de solidariedade social (IPSS) do concelho de Barcelos e das áreas circundantes.

O pólo museológico implementará algumas ações de difusão em *outdoors*, *mupis*, postos de informação turística, hotéis, agências de viagens, locais de visita turística, associações profissionais do ramo, roteiros turísticos (*Barcelos Roteiro Turístico*, *Minho em Mil Sugestões*, etc.) e meios de comunicação social (rádio, televisão, jornais locais, regionais e nacionais). Ainda procurará estabelecer parcerias com a entidade de Turismo do Porto e Norte e o Instituto de Turismo de Portugal

O museu terá um *site* na internet que servirá para apresentar e informar os visitantes/turistas sobre o seu funcionamento, exposições, programas e iniciativas culturais. Também terá um *Blog* no qual, o público poderá deixar comentários sobre o espaço museológico e até mesmo, dar sugestões para implementar melhorias na qualidade do serviço. O organismo

ainda elaborará uma página do pólo e dos núcleos, na rede social *Facebook* para divulgar as suas mostras e iniciativas culturais, ou criará perfis destas instituições no *LinkedIn* de modo, a atingir e fidelizar outros tipos de público.

A instituição museológica editará *newsletters* com informações atualizadas, sobre os seus programas e atividades culturais.

O museu integrará redes institucionais nacionais, europeias e internacionais. Estas redes serão preponderantes para divulgar, impulsionar as visitas ao museu, atrair e fidelizar o público, partilhar investigação, conhecimentos, conteúdos e mostras. A entidade museológica também pertencerá a organizações como a Associação Portuguesa de Museologia (APOM) e o Conselho Internacional dos Museus (ICOM).

O pólo museológico deverá inserir-se na *Rota dos Caminhos de Santiago*, associar-se à *Rota do Artesanato*, nomeadamente através da criação de novas rotas, tais como a *Rota do Mel* e a *Rota do Linho*, dado que estes produtos tradicionais sempre proliferaram no concelho de Barcelos e atualmente encontram-se em desuso.

O Museu da cidade de Barcelos, através do seu Serviço de Animação e Educação desenvolverá atividades culturais, constituídas por programas pedagógicos e visitas guiadas direcionados a grupos específicos.

A organização apresentará aos visitantes programas escolares diversificados; programas para as interrupções escolares de diversos géneros; programas de animação cultural temáticos; programas para o público em geral; programas Museu Familiar; programas Museu Sénior entre outros dirigidos a grupos com características específicas.

A realização dos programas contemplará uma visita às exposições temporárias e permanentes do museu e a elaboração de uma atividade nos seus ateliês. Estes programas serão orientados por um técnico e terão um limite máximo de 25 participantes.

O núcleo museológico também efetuará visitas guiadas escolares; visitas guiadas pedagógicas particularmente para alunos de História; visitas guiadas para séniores; visitas guiadas para grupos culturais e etnográficos; visitas guiadas para grupos associativos; visitas guiadas para grupos de ex militares, entre outras.

O museu ainda desenvolverá programas como cursos ou *workshops*, conferências, seminários e eventos culturais contemplados por espetáculos de teatro, música, dança, entre outros.

Capítulo 3 - Enquadramento metodológico

3.1. O programa de dinamização cultural do Museu da cidade de Barcelos

O Museu da cidade de Barcelos e os núcleos disponibilizarão um programa de dinamização cultural, mediante a realização de iniciativas culturais no Serviço de Animação e Educação, nas áreas museológicas disponíveis e na cidade de Barcelos.

O Serviço de Animação e Educação do museu estabelecerá uma interligação a diferentes tipos de público, através da realização de um programa de atividades baseado nas coleções e na temática das suas exposições, procurando a satisfação dos mais diversificados interesses. Para tal, terá subjacente o aspeto lúdico da descoberta, procurará essencialmente motivar a observação e a reflexão, orientando e fomentando a participação individual.

As iniciativas culturais a desenvolver contemplarão visitas guiadas, ateliês de expressão plástica, ateliês de desenho e pintura no jardim, ateliês de arqueologia experimental, ateliês de trabalhos manuais, ateliês de museografia, reconstituições históricas e etnográficas, eventos que incluirão o público na história e vivências da cidade de Barcelos.

As visitas orientadas serão direcionadas a grupos escolares do pré-escolar, do 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico, ensino secundário, ensino universitário, público com necessidades especiais, sénior, a visitantes em geral e adaptadas às necessidades dos diferentes tipos de público.

Visitas orientadas

- **Ao acervo do museu e exposições temporárias** - Estas visitas poderão ser sugeridas ou solicitadas ao museu. O guia procurará que a visita estabeleça uma forma de diálogo entre o público e a obra. O técnico facultará as informações necessárias, tendo presente as características do grupo e fomentará a descoberta como ponto central.
- Terças-feiras e Quintas-feiras, das 10h00m às 18h00m

- Sábados e Domingos, das 10h00m às 17h30m
 - Idiomas - Português, Espanhol, Inglês, Francês e Italiano
 - Os portadores de deficiência auditiva deverão ser acompanhados por um tradutor.
 - O número de participantes e a duração da visita terá presente, as características específicas do grupo.
 - Os grupos acederão ao museu pela porta principal.
- **Específicas** - As visitas específicas serão realizadas no primeiro Domingo do mês, ao acervo do museu e às exposições temporárias.
 - Às 11h30m e 15h30m - Visitas orientadas dirigidas a todos os tipos de público, com o número mínimo de cinco pessoas.
 - Às 15h00m - Visita/Ateliê para crianças dos seis aos doze anos.
 - Às Quintas-feiras às 14h30m - Visitas orientadas às exposições temporárias destinadas a diversos públicos.
 - Dias e horas a definir posteriormente, das visitas orientadas destinadas a portadores de deficiência.

Temáticas para visitas - Sugestões que desvendarão os conteúdos do museu.

- **Visitas gerais**
 - Visita geral ao Museu da cidade de Barcelos e aos núcleos museológicos;
 - O museu em 10 obras de alusão

- **Para os mais jovens**

- Conta-me uma história;
- Histórias de encantar no museu;
- As quatro estações do ano;
- Animais e plantas;
- O retrato da família

- **Dias temáticos do calendário**

- **Dia 7 de Abril** - Comemoração do Dia Nacional dos Moinhos;
- **Primavera** - No jardim do museu;
- **Dia 18 de Abril** - Comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios;
- **Páscoa** - Uma história com o coelho da Páscoa/A paixão de Cristo;
- **Dia 18 de Maio** - Comemoração do Dia Internacional dos Museus;
- **Junho** - Os santos populares;
- **Dia 31 de Agosto** - Comemoração da elevação de Barcelos a cidade;
- **Natal** - Os mais belos contos de natal; As histórias de natal em imagens

- **Tópicos cronológicos**

- A tradição e os costumes;
- Imagens da cidade no período medieval;
- Imagens da cidade no Barroco;
- Imagens da cidade no presente

Outros temas

- Os trajes e as formas de trajar em finais do século XIX, primeiras décadas do século XX;
- Hábitos alimentares antigos no concelho de Barcelos;
- A higiene pessoal no passado;
- Os artistas e a natureza;
- O retrato e os retratados

Ainda serão desenvolvidas iniciativas culturais contempladas por programas escolares diversificados; programas para as interrupções escolares de diversos géneros; programas de animação cultural temáticos; programas para o público em geral; programas Museu Familiar; programas Museu Sénior dirigidos a grupos com características específicas.

Os programas escolares ou para as interrupções escolares serão direcionados às crianças do pré-escolar, 1º, 2º e 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário, que durante uma visita ao museu e mediante marcação prévia poderão participar nas atividades desenvolvidas nos seus diversos ateliês. Estes programas, bem como os programas de animação cultural temáticos e os programas para o público em geral, também serão dirigidos a jovens e adultos.

Jogos

- **Jogos lúdicos** - Legos; Dominós; Lotos; Memórias; Sonoros; Construções.
- **Jogos tradicionais** - Jogo do cântaro; Jogo do pião; Tiro ao alvo; Latas; Rebuçados escondidos; Puzzle; Corridas de sacos.

Outros Jogos

- Pistas-jogo que consistirá na realização de mini itinerários como por exemplo, *Caça ao Tesouro no Museu, Arte & Paisagem, Vamos ao Jardim do Museu, À Festa no Museu, entre outros.*

Ateliês de expressão plástica

- Elaboração de desenhos temáticos em papel A3 e A4, os quais fomentarão o desenvolvimento da imaginação e da criatividade individual e de grupo.
- Realização de trabalhos de pintura em papel cenário, barro, azulejos e nos desenhos que criarem usando a sua imaginação ou tendo como proposta uma temática, alusiva ao museu ou às exposições temporárias.
- Modelagem - conceção de trabalhos nas placas de plasticina, barro e com moldes para a conceção de miniaturas em gesso.
- Colagens - Execução de recortes de revistas, desenhos e colagens em papel e cartolina.

Os participantes nas atividades pagarão a quantia de 1,50 €.

Ateliês de desenho e pintura no jardim

- Na Primavera e Verão poderão ser elaborados ateliês de desenho e de pinturas acrílicas e óleo no jardim do museu tendo como temáticas o rio Cávado, a sua magnífica paisagem, a fauna, a flora, entre outras.

Os interessados em participar na atividade retribuirão o valor de 2,00 €.

Ateliês de arqueologia experimental

- A atividade terá como finalidade experimentar as práticas diárias dos povos da Pré-história. Como tal, recorrerão à imaginação e perícia, utilizando materiais naturais para fabricar um objeto de osso e pedra ou atear o fogo. O interveniente nesta atividade reproduzirá o modo de vida de povos remotos, descobrirá formas de fabrico manuais e de uso rudimentares e o desenvolvimento técnico decorrido ao longo do tempo.

Para os interessados participarem nos ateliês de arqueologia experimental terão que efetuar uma marcação prévia, de aproximadamente 15 dias.

A participação na iniciativa terá o custo de 2,00 €.

Ateliês de *Um dia numa escavação*

- A iniciativa consistirá na simulação de uma escavação no *Castro* do Monte D' Assaia, que se localiza em Chavão. Este Castro data do 1º milénio a. C. e serviu de local de habitação.

As crianças poderão experimentar descobrir réplicas de artefactos antigos que revelarão informações singulares sobre as origens, os habitats e os modos de vida de povoações remotas.

Os participantes na atividade terão que usar roupa e calçado adequado (fato de treino ou calças de ganga, sapatilhas ou botas), bonés na cabeça e deverão usar protetor solar.

Os interessados em participar na atividade retribuirão 2,00.

Ateliês pedagógico de trabalhos manuais

- O ateliê terá como finalidade colocar os jovens em contacto com atividades manuais, atualmente em desuso como o croché, bordado de crivo e inglês, ponto de cruz, arraiolos para que as crianças e jovens tenham um primeiro contacto com a aprendizagem de técnicas de trabalhos manuais tradicionais.

Os participantes na iniciativa gratificarão a quantia de 2,00 €.

Ateliê de museografia

- Este ateliê demonstrará o tratamento museográfico que será aplicado às peças que integrem o acervo do pólo museológico e núcleos, com tal contemplará a catalogação, descrição, fotografia, desenho, tratamentos de âmbito preventivo e curativo, entre outros.

Os intervenientes na atividade custearão 1,50 €.

O programa Museu Familiar consistirá em passar o último Sábado de cada mês no museu, realizando uma visita e uma atividade em família.

O programa Museu Sénior constará na conceção de atividades para o público, a partir dos 65 anos.

Ateliê pedagógico de trabalhos manuais

- Realização de trabalhos em croché, bordado de crivo e inglês, ponto de cruz, arraiolos para que os idosos recordem e vivenciem as práticas manuais em desuso.

Ateliê de musicoterapia

- O museu promoverá sessões de musicoterapia constituídas por música e ginástica para a terceira idade. Na realização desta atividade os grupos deverão ter entre 10 a 40 pessoas. Os interessados deverão contactar o Museu da cidade de Barcelos para realizarem a inscrição que terá o custo de 1,00 €.

A atividade decorrerá nas instalações e no jardim do Museu da cidade de Barcelos.

A entidade museológica realizará eventos nos espaços disponíveis (biblioteca, auditório, cozinha, jardim, entre outros) e na cidade de Barcelos para criar uma ligação com a comunidade local e apelar à sua participação em diversas atividades culturais.

Festas de aniversário no museu para crianças a partir dos 4 anos

O museu mediante marcação prévia disponibilizará o espaço e organizará iniciativas lúdicas, em parceria com o serviço de cafetaria que servirá o lanche, em festas de aniversários infantis e juvenis.

Reconstituições históricas e etnográficas

O museu fomentará a realização de reconstituições históricas de momentos e acontecimentos proeminentes da história da cidade de Barcelos, personalidades ilustres, entre outras.

Também serão efetuadas recriações etnográficas do Ciclo do milho, Desfolhadas, Ciclo do pão, Matança do porco, Malhadas do centeio e Vindimas, etc.

O organismo organizará conferências, ações de formação, *workshops*, seminários, espetáculos de danças clássicas e contemporâneas, concertos de música, entre outras.

3.2. A articulação do Museu da cidade de Barcelos com a zona fluvial do Cávado

O Museu da cidade de Barcelos também desenvolverá iniciativas que propiciarão uma interligação à área fluvial do Cávado e à sua sumptuosa paisagem, bem como assegurarão a plena fruição dos visitantes/turistas e residentes.

Deste modo, o museu oferecerá aos visitantes/turistas a contemplação de uma vastíssima diversidade ambiental macrobiótica de fauna (mamíferos e aves) e flora (plantas e árvores) na área

fluvial do Cávado. Nas margens e águas do rio será possível admirar a presença de patos bravos, gansos, corvos marinhos, lontras, bisontes, entre outros. Na envolvente paisagística poderão apreciar uma multiplicidade de espécies florística, tais como os salgueiros, carvalhos, plátanos, etc.

Os visitantes/turistas ainda ficarão deleitados com os açudes, azenhas e moinhos que subsistem na zona fluvial do Cávado.

O museu fomentará a recriação das barcas de passagem do Cávado com finalidade promocional turística, nomeadamente para que os visitantes/turistas usufruam de esplêndidos e aprazíveis passeios nas águas do rio.

Antigamente existiam dois tipos de barcas para atravessar o rio Cávado e que possibilitavam o contacto entre as pessoas das duas margens, as destinadas à travessia de pessoas e pequenas cargas e outras para o transporte de carros, animais de determinado porte e mercadorias pesadas. As barcas de carga eram utilizadas para atravessar de uma margem, a outra carros, animais e outras cargas grandes e já desapareceram há muitos anos (MACEDO, 1966: 8-15).

Pode-se afirmar que na época existiam nove barcas para atravessar o Cávado, a jusante de Prado, nomeadamente desde a foz do rio em Esposende até Barcelos. Na passagem de Fonte Boa havia a Barca do Lago, em Rio Tinto existia a barca do Marachão, na de Fornelos encontrava-se a barca das Pedreiras, em Mariz existia a barca de Fornelos, na de Rio Covo o Barco Dourado, em Areias de Vilar a barca de Vilar, na Pousa a barca da Afurada e na de S. Romão da Ucha, as barcas de Quintão e S. Romão.

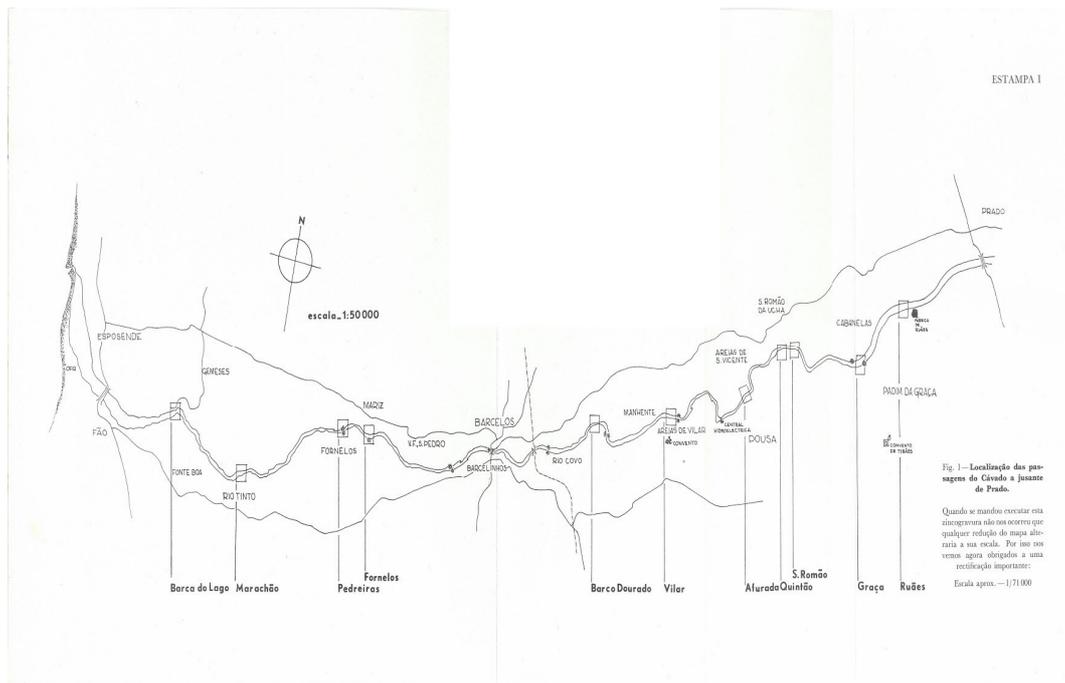


Fig. 37 - Locais de passagem do Cávado, a jusante de Prado

Fonte: Ilustração de Museu Regional de Cerâmica (1966)

Apesar de ser impossível determinar no tempo a origem das barcas, que há séculos uniam as duas margens do Cávado, existem dados onde é bem perceptível a antiguidade de certas passagens.

A passagem na barca de Vilar ligava a freguesias de Areias de Vilar a Manhente e a sua origem estava associada ao Convento dos Beneditinos (remontava ao séc. VI da era Cristã), cujos frades tinham o privilégio da sua exploração. Também se pode afirmar que no ano de 1697, os loios que habitavam o convento possuíam na cerca, junto ao rio diversas azenhas, engenhos de pesca e uma barca de passagem.

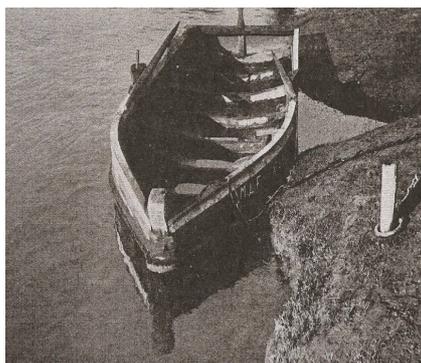


Foto 37 - O barco de *S. Martinho* de Vilar

Fonte: Foto de Museu Regional de Cerâmica

Assim, a passagem de Vilar pertenceu sempre aos bens do convento, mesmo quando estes deixaram de pertencer à igreja e inteiraram os bens de particulares.

Na Barca do Lago desconhece-se a origem da passagem e sabe-se apenas, que era muito antiga.

No que respeita à passagem do barco Dourado afirmava-se que a aproximadamente cem metros a poente do local, onde a barca fazia o tráfego havia um açude e uma azenha. A azenha era propriedade de um moleiro que possuía um barco, o qual tinha como propósito assegurar o serviço de moagem, onde para além dos seus fregueses atravessavam os caminhantes num gesto de generosidade. A tradição permaneceu e do barco do Dourado derivou o barco Dourado.

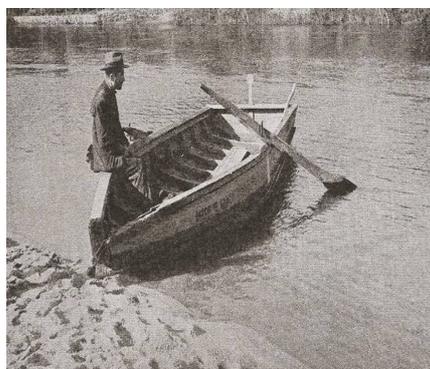


Foto 38 - O barco Dourado e o seu barqueiro, Francisco Dias

Fonte: Foto de Museu Regional de Cerâmica

Na passagem de Fornelos como ninguém tinha licença para cobrar portagens aos passageiros foi por intrigas e birras entre diferentes exploradores, que a passagem surgiu legalizada.

Nas Pedreiras a passagem pertenceu aos moleiros da azenha que aí existiu. Com o desaparecimento dos moinhos, a passagem ficou abandonada.

As passagens a montante de Barcelos iam ao encontro dos interesses de uma zona industrial, que se localizava entre dois centros proeminentes para a vida da região de Braga e Barcelos. A sua origem e o seu interesse estavam interligados à indústria e ao comércio que a mesma gerava.

No que concerne à passagem de S. Romão afirmava-se que João António de Macedo Gonçalves era o antigo barqueiro, a quem as duas barcas de Quintão foram arrendadas. Por ocasião de uma grande cheia, uma barca foi levada pela corrente. O proprietário das barcas culpou João António de descuido e exigiu que o mesmo, lhe continuasse a pagar a prestação respeitante ao aluguer das duas barcas. Como a barca que subsistiu não assegurava o rendimento de duas, o barqueiro tentou suspender o contrato imediatamente. Então resolveu instalar uma passagem por sua conta sendo-lhe oferecido nas “Hidráulicas”, o lugar que distava entre a barca de Quintão e a da Graça, surgindo a nova travessia de S. Romão.

Quanto à célebre passagem de Barcelos, não existem indícios sobre a sua existência. Eram inúmeras as opiniões de escritores e investigadores sobre a barca, que antes de Barcelos ter ponte assegurava a ligação entre as duas margens do Cávado. Enquanto uns pareciam afiançar a sua autenticidade, outros acreditavam que não passavam apenas de conjeturas. Também era à *Barca Celi* ou *Barca Coeli* que estava associado a origem do topónimo Barcelos.

Se a passagem existiu foi em tempos tão recuados, que é impossível asseverar algo sobre o assunto (MACEDO, 1966: 40-49).

Posteriormente, o desenvolvimento das vias de comunicação associado sobretudo à construção de pontes, facilitou a locomoção e possibilitou aproveitar cada vez melhor o tempo, proporcionando a desvalorização e o conseqüente desaparecimento das passagens. Por exemplo, a ponte de Barcelos foi determinante na supressão da provável passagem, que aí existiu em tempos antigos (MACEDO, 1966: 10).

Os visitantes/turistas também poderão observar algumas centenas de aves, os géneros que regular ou irregularmente vivem ou surgem no concelho de Barcelos. Atualmente, a observação de aves ou *Birdwatching* é uma atividade que desperta o interesse um pouco por todo o mundo. Estas espécies desempenham um papel relevante no equilíbrio dos ecossistemas e são usadas constantemente como indicadores de avaliação das condições ambientais e das suas eventuais alterações. Para além, dos aspetos técnico-científicos a observação de aves é similarmente uma atividade lúdica, que permite um contacto salutar com a natureza.

No concelho de Barcelos não há estudos científicos que elucidem com exatidão todas as espécies, nomeadamente as residentes, invernantes, estivais ou de passagem que ocorrem no concelho de Barcelos. No entanto, pode-se enunciar aquelas que com muita probabilidade surgem no espaço geográfico da localidade.

As aves anualmente regulares no concelho de Barcelos e o seu habitat

As aves regulares todo o ano

Designação científica	Designação vulgar	Habitat
<i>Tachybaptus ruficollis</i>	Mergulhão-pequeno	Lagoas e remansos de rio
<i>Ardea cinérea</i>	Garça-real	Rios, ribeiros e pauis
<i>Anas platyrhynchos</i>	Pato-real	Rios, ribeiros, lagoas e margens destes
<i>Accipiter gentilis</i>	Açor	Pinhais mais ou menos densos. Também em carvalhais
<i>Accipiter nisus</i>	Gavião	Arvoredos ladeados por campos abertos
<i>Buteo búteo</i>	Águia-de-asa-redonda	Montes e campos abertos
<i>Falco tinnunculus</i>	Peneireiro-de-dorso-malhado	Campos e espaços abertos de monte
<i>Tito alba</i>	Coruja-das-torres	Campos e zonas abertas, junto a zonas habitadas
<i>Strix aluco</i>	Coruja-do-mato	Arvoredos mais ou menos densos
<i>Alectoris rufa</i>	Perdiz-comum	Muito territorial, em zonas abertas próximas de campos
<i>Rallus aquaticus</i>	Franga-de-água	Lagoas e pauis com vegetação
<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha-de-água	Lagoas, pauis e remansos de rios com vegetação
<i>Actitis hypoleucos</i>	Maçarico-das-rochas	Margens de rios
<i>Larus ridibundus</i>	Guincho	Rios, lagoas, por vezes em campos alagados
<i>Larus michahellis</i>	Gaivota-argêntea	Rios, lagoas, por vezes em campos alagados
<i>Columba palumbus</i>	Pombo-torcaz	Pinhais e carvalhais mais ou menos densos

<i>Streptopelis decaocto</i>	Rola-turca	Campos e jardins em zonas humanizadas
<i>Alcedo atis</i>	Guarda-rios	Rios, ribeiros e lagoas
<i>Picus viridis</i>	Pica-pau-verde	Pinhais e carvalhais. Por vezes em campos.
<i>Dendrocopos major</i>	Pica-pau-malhado-grande	Pinhais e carvalhais
<i>Lullula arborea</i>	Cotovia-pequena	Clareiras de montes
<i>Motacilla cinerea</i>	Alvéola-cinzenta	Açudes e margens de rios e ribeiros
<i>Motacilla alba</i>	Alvéola-branca	Zonas urbanas e campos
<i>Troglodytes troglodytes</i>	Carriça	Matos e sebes densos
<i>Prunella modularis</i>	Ferreirinha	Sebes, matos e orlas de campos
<i>Erithacus rubecula</i>	Pisco-de-peito-ruivo	Jardins arvoredos e orlas de campos
<i>Phoenicurus ochruros</i>	Rabirruivo-preto	Pedreiras, casas em ruínas e campos
<i>Saxicola Torquata</i>	Cartaxo-de-cabeça-preta	Matos baixos e campos
<i>Turdus merula</i>	Melro-preto	Jardins, campos, sebes, etc.
<i>Turdus philomelos</i>	Tordo-comum	Arvoredos mistos, sobretudo junto a rios e ribeiros
<i>Turdus viscivorus</i>	Tordeia	Campos e suas orlas
<i>Cisticola juncidis</i>	Fuinha-dos-juncos	Campos de regadio
<i>Sylvia undata</i>	Carriça-do-mato	Matos baixos de monte
<i>Sylvia atricapilla</i>	Toutinegra-de-barrete-preto	Pomares, arvoredos e jardins
<i>Sylvia melanocéfala</i>	Toutinegra-de-cabeça-preta	Sebes, matos e orlas de campos
<i>Regulus ignicapillus</i>	Estrelinha-de-cabeça-listada	Arvoredos densos e mistos
<i>Aegithalos caudatus</i>	Chapim-rabilongo	Bosques, sobretudo nas orlas de linhas de água

<i>Parus cristatus</i>	Chapim-de-poupa	Bosques mistos, mais ou menos densos
<i>Parus ater</i>	Chapim-preto	Sobretudo pinhais, mas também em outras zonas com árvores
<i>Parus caeruleus</i>	Chapim-azul	Bosques pouco densos, pomares e jardins
<i>Parus major</i>	Chapim-real	Todas as zonas com árvores
<i>Certhia brachydactyla</i>	Trepadeira	Zonas arborizadas
<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio	Arvoredos em geral pouco densos
<i>Pica pica</i>	Pega-rabuda	Montes ladeados por campos
<i>Corvus corone corone</i>	Gralha-preta	Montes e por vezes campos
<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto	Campos e suas orlas
<i>Passer domesticus</i>	Pardal-ladrão	Em zonas habitadas ou bastante próximo delas
<i>Passer montanus</i>	Pardal-montês	Campos agrícolas
<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	Arbustos ou árvores baixas ao longo das linhas de água
<i>Fringilla coelebs</i>	Tentilhão-comum	Campos e orlas. Na nidificação é muito mais florestal.
<i>Serinus serinus</i>	Serino	Campos, jardins e pomares
<i>Carduelis chloris</i>	Verdilhão	Jardins, pomares e orlas de bosques
<i>Carduelis carduelis</i>	Pintassilgo-comum	Campos, pomares, sebes e árvores esparsas
<i>Carduelis canabina</i>	Pintarrôcho	Matos, sebes e campos
<i>Emberiza cirrus</i>	Escrevideira-de-garganta-preta	Orlas de bosques, sebes e clareiras
<i>Emberiza cia</i>	Escrevideira-de-garganta-cinzenta	Montes abertos e suas clareiras

As aves anualmente regulares no Outono e Inverno

Designação científica	Designação vulgar	Habitat
<i>Phalacrocorax carbo</i>	Corvo-marinho-de-faces-brancas	Cursos de rios e albufeiras
<i>Gallinago gallinago</i>	Narceja	Pântanos e campos com água de lima
<i>Scolopax rusticola</i>	Galinholá	Arvoredos densos, preferencialmente de folhosas
<i>Larus fuscus</i>	Gaivota-de-asas-escuras	Albufeiras e rios
<i>Asio otus</i>	Bufo-pequeno	Pinhais e carvalhais mais ou menos densos
<i>Alauda arvenses</i>	Laverca	Campos abertos
<i>Anthus pratensis</i>	Petinha-dos-prados	Campos de pastos
<i>Turdus pilaris</i>	Tordo-zornal	Campos e pomares
<i>Turdus iliacus</i>	Tordo-ruivo	Campos, olivais e orlas de bosques
<i>Cettia cetti</i>	Rouxinol-bravo	Sebes, principalmente junto a linhas de água
<i>Phylloscopus collybita</i>	Felosa-comum	Sebes, árvores baixas, pomares e jardins
<i>Sturnus vulgaris</i>	Estorninho-malhado	Olivais, campos e pomares
<i>Carduelis spinus</i>	Pintassilgo-verde	Árvores, sobretudo amieiros
<i>Pyrrula pyrrula</i>	Dom-fafe	Árvores folhosas sobretudo junto de linhas de água
<i>Emberiza schoeniclus</i>	Escrevideira-dos-caniços	Arbustos de pântanos ou lagoas

As aves anualmente regulares na Primavera e Verão

Designação científica	Designação vulgar	Habitat
<i>Coturnix coturnix</i>	Codorniz	Searas e campos de cultivo
<i>Charadrius dubius</i>	Borrelho-pequeno-de-coleira	Areias, sobretudo de rios
<i>Streptopelia turtur</i>	Rola	Pinhais, searas e árvores de margens de rios
<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	Matos, montes e campos com árvores
<i>Otus scops</i>	Mocho-pequeno-de-orelhas	Árvores altas, por vezes de jardins
<i>Gynx torquilla</i>	Torcicolo	Arvoredos não muito densos
<i>Caprimulgus europaeus</i>	Noitibó-da-europa	Clareiras de montes
<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	Casas e edifícios sobretudo antigos
<i>Upupa epops</i>	Poupa	Campos e pomares
<i>Riparia riparia</i>	Andorinha-das-barreiras	Taludes naturais ou criados pelo homem
<i>Hirundo rústica</i>	Andorinha-das-chaminés	Zonas urbanas, sobretudo em aldeias rurais
<i>Delichon urbicum</i>	Andorinha-dos-beirais	Zonas urbanas, sobretudo cidades e vilas
<i>Luscinia megarhynchos</i>	Rouxinol-comum	Sebes, matos altos, margens de ribeiros e rios
<i>Acrocephalus scirpaceus</i>	Rouxinol-pequeno-dos-caniços	Caniços em zonas lacustres
<i>Acrocephalus arundinaceus</i>	Rouxinol-grande-dos-caniços	Caniços e vegetação lacustre
<i>Hippolais polyglota</i>	Felosa-poliglota	Sebes altas e árvores esparsas

Fonte: Tabelas de Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos - Museu Etnográfico de Chavão

Para participarem na atividade os visitantes/turistas terão de usar roupa confortável e discreta e calçado confortável e resistente.

Os interessados na observação de aves deverão usar instrumentos como binóculos, telescópio e munirem-se com um guia de campo e caderno para registar alguns detalhes sobre as espécies.³⁷

O Museu da cidade de Barcelos ainda estabelecerá parcerias com a Associação dos Amigos da Montanha de Barcelinhos para fomentar o *Turismo desportivo*, nomeadamente incentivando a prática de mergulho, canoagem, Jet Ski, motas de água, jogos do rio como atletismo, torneios de futebol e voleibol infantis, adultos e séniores e aulas de ginástica localizada, *step*, *spinbike*, *bodycombat*, *jump fit*, *karaté*, entre outras.

³⁷ Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos, 2010, pp. 18-24

Capítulo 4 - Enquadramento analítico

4.1. Apresentação e análise do resultado dos inquéritos

Durante o estudo realizou-se um inquérito e aplicou-se a uma amostra de quinze técnicos da câmara municipal de Barcelos, especialistas nas áreas de Arqueologia, Biblioteca/Arquivo, Cultura, História, Museologia, Património, Turismo, entre outros e a quarenta residentes no concelho. (Anexo gráfico A) O inquérito teve como finalidade solicitar a sua opinião, sobre a reabilitação e valorização do imóvel Conde de Vilas Boas, com o intuito de criar o projeto do Museu da cidade de Barcelos, a dinamização do espaço cultural para propiciar uma interligação com a área fluvial do Cávado e a sua afirmação como produto turístico assegurando a visitantes/turistas e comunidade local a satisfação das necessidades básicas, benefícios e usufruir do atrativo. (Anexo fig. 38)

Quanto ao perfil dos técnicos do município, a amostra contemplou sete indivíduos do género feminino e oito masculinos, de idades abrangidas entre os vinte e oito e os sessenta anos. Quanto ao estado civil existem dez inquiridos casados, três solteiros, um em união de facto e outro divorciado. No nível de escolaridade três inquiridos têm o Ensino Secundário ou equivalente ao 12º ano, cinco Ensino superior, nomeadamente a Licenciatura, três Pós-graduação e quatro Mestrado. O conjunto da amostra reside no concelho de Barcelos, Braga, Esposende, Monção e Vila Nova de Famalicão.

A mostra de residentes ponderou vinte e uma pessoas do sexo feminino e dezanove do sexo masculino, com idades compreendidas entre os doze e os oitenta e seis anos. No que respeita ao estado civil, dezasseis habitantes locais são solteiros, vinte e dois casados e dois viúvos. Quanto ao nível de escolaridade três inquiridos completaram o Ensino básico a 4ª classe, oito possuem o 6º ano, sete têm o 9º ano, dez possuem o Ensino Secundário ou equivalente ao 12º ano, oito têm o Ensino superior, nomeadamente Licenciatura, um possui Pós-graduação e três Mestrado. No conjunto da amostra, dez pessoas habitam na freguesia de Arcozelo, um em Abade do Neiva, dois residem em Barcelos, dois em Barcelinhos, dois habitam em Carapeços, sete residem em Chavão, um em Creixomil, um habita em Galegos S.ta Maria, um em Gamil, cinco residem em

Grimancelos, dois habitam em Negreiros, um em Perelhal, um reside em Silveiros, um em Rio Covo S.ta Eugénia, um habita em Rio Covo S.ta Eulália e dois residem em Viatodos, concelho de Barcelos. (Gráfico A)

Na primeira questão, *Se deve ser criado um Museu da cidade na localidade de Barcelos*, pela análise dos resultados da *Tabela 1/Gráfico 1*, os técnicos da câmara municipal de Barcelos e os residentes são de opinião unânime que deve ser criado o Museu da cidade em Barcelos.

Tendo presente a segunda pergunta, *O que pensa da iniciativa de se implementar o Museu da cidade de Barcelos, na casa Conde de Vilas Boas*, a *Tabela 2/Gráfico 2* demonstra que a maioria dos técnicos, sensivelmente doze e vinte e oito residentes ponderaram a iniciativa de se implementar o Museu da cidade de Barcelos, na casa Conde de Vilas Boas muito interessante, pois será um espaço cultural para usufruto de visitantes/turistas e residentes. De seguida, três técnicos e onze residentes acharam a ação interessante, porque se poderá afirmar como um produto turístico de excelência da região Norte. Posteriormente houve um habitante local que considerou a iniciativa nem interessante/nem desinteressante, dado que existem outros museus em Barcelos. Também não houve nenhum técnico do município e residente a achar pouco interessante o projeto de se implementar o Museu da cidade de Barcelos, no imóvel Conde de Vilas Boas.

Quanto à terceira questão, *Que forma organizativa deveria assumir o Museu*, pela análise da *Tabela 3/Gráfico 3* observa-se que treze técnicos da câmara municipal de Barcelos e trinta e cinco residentes acharam que se deveria assumir como pólo central articulado com os outros museus. Depois dois técnicos e cinco residentes afirmaram que poderia constituir apenas, um pólo central.

Na quarta pergunta, *Que coleções acha que deveriam figurar no Museu da cidade* pode-se afirmar que tanto os técnicos da câmara municipal de Barcelos, como os residentes retorquiram que o pólo museológico poderia apresentar um ou dissemelhantes tipologias de acervos. Tendo presente os resultados da *Tabela 4/Gráfico 4*, dois técnicos da câmara municipal de Barcelos e a maioria dos residentes, sensivelmente quinze enunciaram que no museu deveriam figurar apenas, *coleções de História local*. De seguida, um técnico e outro residente consideraram que o pólo museológico poderia apresentar espécimes *de Etnologia/Etnografia*. Depois dois residentes preferiram que o museu deveria exibir *coleções de Arqueologia*. Pela observação da *Tabela*

4.1/Gráfico 4.1, dois técnicos e quatro residentes disseram que no Museu da cidade poderiam figurar *coleções de História local e Etnologia/Etnografia*. Em seguida, um técnico do município e outro residente concordaram que o pólo museológico deveria mostrar *coleções de História local e Arqueologia*. Após isto, dois residentes acharam que a entidade museológica poderia apresentar *coleções de História local e Pintura* e outro referiu que deveriam figurar *coleções de Arqueologia e Pintura*. Tendo subjacente o estudo de resultados da Tabela 4.2/Gráfico 4.2, a maioria dos técnicos, cerca de quatro e dois residentes elucidaram que o museu deveria exibir *coleções de História local, Etnologia/Etnografia e Arqueologia*. Seguidamente, dois técnicos da câmara municipal de Barcelos e um residente disseram que o Museu da cidade deveria apresentar *coleções de História local, Etnologia/Etnografia e Pintura*. Também houve um residente a afirmar que no pólo central deveriam figurar *coleções de História local, Arqueologia e Pintura*. Pela observação da Tabela 4.3/Gráfico 4.3, três técnicos e dez residentes enunciaram que o museu poderia mostrar as quatro *coleções História local, Etnologia/Etnografia, Arqueologia e Pintura*.

Na questão *Outras*, um técnico da câmara municipal de Barcelos mencionou que no museu deveria figurar Património imaterial. Ainda houve um residente que afirmou que o pólo museológico poderia exibir coleções de Têxteis e outro residente que deveria ser um espaço abrangente que representasse a história do povo “somos o resultado das nossas gerações e tudo o que os envolveu”.

Relativamente à quinta pergunta, *Acha que o pólo museológico e os núcleos desempenharão um papel preponderante na divulgação do património do concelho de Barcelos*, a análise da Tabela 5/Gráfico 5, mostra que os técnicos do município afirmaram de forma, unanime que o pólo e os núcleos desempenharão um papel preponderante na divulgação do património de Barcelos. A maioria dos residentes, cerca de trinta e nove concordou que o organismo central e núcleos desempenharão um papel proeminente na divulgação do património do concelho de Barcelos e apenas, um inquirido discordou.

Nas *Sugestões* houve um residente que advertiu realizar divulgação do museu utilizando tecnologias informáticas. Outro residente sugeriu que devem ser criadas iniciativas para o turismo cultural.

No que concerne à sexta questão *Acha que este produto cultural atrairá visitantes/turistas ao concelho de Barcelos*, no estudo da Tabela 6/Gráfico 6 constata-se que todos os técnicos

ponderaram que o produto cultural atrairá visitantes/turistas ao concelho de Barcelos. Nos residentes trinta e nove responderam afirmativamente e só um residente retorquiu negativamente.

Quanto às *Sugestões*, um residente aconselhou entradas a preços acessíveis.

Na sétima pergunta, se *a conceção do Museu da cidade de Barcelos trará benefícios para a comunidade local* pela observação dos resultados da *Tabela 7/Gráfico 7*, os técnicos da câmara municipal de Barcelos e residentes são de opinião unânime, que a criação do museu trará benefícios para os habitantes locais.

No que se refere à questão *Quais*, um técnico enunciou que promoverá a dinamização cultural e socioeconómica. De seguida, um residente afirmou que propiciará a dinamização do comércio local. Posteriormente, um inquirido referiu que fomentará melhorias na economia local e outro asseverou que impulsionará o desenvolvimento económico e cultural. Também houve outra pessoa a asseverar que o desenvolvimento turístico assegurará crescimento económico. Depois outro residente mencionou que permitirá o desenvolvimento da cidade e a criação de emprego. Por fim, outro inquirido referiu que propiciará benefícios, tais como o reforço da identidade cultural, a preservação de valores éticos e culturais universais.

Em relação à oitava questão, *Para adquirir visibilidade o produto cultural deverá ser integrado nas rotas turísticas existentes no município de Barcelos ou serem criadas outras*, o estudo dos dados da *Tabela 8/Gráfico 8*, indica que catorze técnicos e trinta e nove residentes consideraram que o produto deverá ser integrado nas rotas turísticas do concelho ou serem criadas outras para adquirir visibilidade. Apenas, um técnico e um residente tiveram opinião negativa.

Nas *Sugestões* um habitante local mencionou que devem ser criadas outras rotas para integrar o museu.

No que respeita à nona pergunta, *Acha que o museu poderá propiciar uma interligação com a área fluvial do Cávado*, pelos resultados obtidos na *Tabela 9/Gráfico 9*, catorze técnicos do município e trinta e três residentes afirmaram que o museu propiciará uma interligação à zona fluvial do Cávado. Contudo, um técnico e sete residentes discordaram nesta questão.

Na questão *Sugestões*, um residente asseverou que o museu poderá facultar uma interligação com a área fluvial do Cávado, na sua vertente histórica e etnográfica. Outro habitante local referiu que se deveria promover o rio como meio fluvial. Por fim, outro inquirido disse que

podiam ser criadas zonas de caminhadas pedonais à beira rio. O inquirido sugeriu a divulgação do rio, a sua riqueza, zonas de recreio aproveitando os moinhos e a praia fluvial.

No que se refere ao ponto sobre as *Sugestões que considere pertinentes*, um técnico advertiu numa aposta nos parâmetros de identidade do território de Barcelos e região, nos elementos culturais como o galo, Casa de Bragança; S. Nuno S.ta Maria; feira e artesanato. Outro inquirido referiu que com o Museu da cidade, as pessoas poderão conhecer a história da localidade, cultura, hábitos, monumentos, festas e artesanato. Dado que os museus têm como objetivo preservar o património e mostrá-lo, achou a ideia muito interessante, pois não existe nenhum na cidade de Barcelos.

Nos residentes um proferiu que Barcelos é um concelho com um património rico que deverá ser divulgado. Outra inquirida mencionou que os museus conservam a história, como houve fusão de freguesias considera que deveria existir um espaço, onde estivesse representada a memória histórica das 89 localidades. Também houve outra pessoa que aconselhou a utilização de meios informáticos na divulgação cultural. Outro inquirido advertiu entradas mais baratas, horários atraentes, atividades lúdicas e interatividade no museu. Por fim, outro habitante local aludiu que a memória de um povo é transmitida às outras gerações, através do que fica registado e os museus são a melhor forma de a preservar e transmitir às outras gerações. Somos o resultado “legado” dos nossos antepassados, como tal preservar é importante.

Capítulo 5 - Considerações finais

5.1. Enquadramento legal

Para criar o Museu da cidade de Barcelos é essencial refletir sobre os princípios gerais da política do património cultural, de modo a salvaguardar o legado no seu âmago, como cultura do povo e da região.

O património cultural são “...*todos os bens, que sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização. O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade*”.

“*Integram, igualmente o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas. Constituem, ainda, património cultural quaisquer outros bens que como tal, sejam considerados por força de convenções internacionais que vinculem o Estado Português, pelo menos para os efeitos nelas previstos. Integram o património cultural não só o conjunto de bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, mas também quando for caso disso, os respetivos contextos que, pelo seu valor de testemunho, possuam com aqueles uma relação interpretativa e informativa*”.³⁸

Os princípios deliberados para a preservação do património cultural são os seguintes:

- a) *Inventariação, assegurando-se o levantamento sistemático, atualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes com vista à respetiva identificação;*
- b) *Planeamento, assegurando que os instrumentos e recursos mobilizados e as medidas adaptadas resultam de uma prévia e adequada planificação e programação;*

³⁸ *Diário da República*, I Série, Decreto-Lei, n.º 107/2001, 8 Setembro 2001, pp. 5808

- c) *Coordenação, articulando e compatibilizando o património cultural com as restantes políticas que se dirigem a idênticos ou conexos interesses públicos e privados, em especial as políticas de ordenamento do território, de ambiente, de educação e formação, de apoio à criação cultural e de turismo;*
- d) *Eficiência garantindo padrões adequados de cumprimento das imposições vigentes e dos objetivos previstos e estabelecidos;*
- e) *Inspeção e prevenção, impedindo, mediante a instituição de organismos, processos e controlos adequados, a desfiguração, degradação ou perda de elementos integrantes do património cultural;*
- f) *Informação, promovendo a recolha sistemática de dados e facultando o respetivo acesso tanto aos cidadãos e organismos interessados como às competentes organizações internacionais;*
- g) *Equidade, assegurando a justa repartição dos encargos, ónus e benefícios decorrentes da aplicação do regime de proteção e valorização do património cultural;*
- h) *Responsabilidade, garantindo prévia e sistemática ponderação das intervenções e dos atos suscetíveis de afetar a integridade ou circulação lícita de elementos integrantes do património cultural;*
- i) *Cooperação internacional, reconhecendo e dando efetividade aos deveres de colaboração, informação e assistência internacional.*³⁹

As comunidades têm o dever de preservar, salvaguardar e promover a valorização do património cultural, deste modo:

1 - Todos têm o dever de preservar o património cultural, não atendendo contra a integridade dos bens culturais e não contribuindo para a sua saída do território nacional em termos não permitidos pela lei;

³⁹ *Diário da República*, I Série, Decreto-Lei, n.º 107/2001, 8 Setembro 2001, pp. 5809

2 - Todos têm o dever de defender e conservar o património cultural, impedindo, no âmbito das faculdades jurídicas próprias, em especial, a destruição, deterioração ou perda de bens culturais;

3 - Todos têm o dever de valorizar o património cultural, sem prejuízo dos seus direitos, agindo, na medida das respetivas capacidades, com o fito da divulgação, acesso à fruição e enriquecimento dos valores culturais que nele se manifestam.⁴⁰

Como função primordial do Estado e dever dos cidadãos, a proteção e valorização do património cultural visam:

- a) Incentivar e assegurar o acesso de todos à fruição cultural;*
- b) Vivificar a identidade cultural comum da Nação Portuguesa e das comunidades regionais e locais a ela pertencentes e fortalecer a consciência da participação histórica do povo português em realidades culturais de âmbito transnacional;*
- c) Promover o aumento do bem-estar social e económico e o desenvolvimento regional e local;*
- d) Defender a qualidade ambiental e paisagística.*

Constituem objetivos primários da política de património cultural, o conhecimento, a proteção, a valorização e o crescimento dos bens materiais e imateriais de interesse cultural relevante, bem como dos respetivos contextos.⁴¹

O turismo é uma atividade em acentuado desenvolvimento no mundo e em Portugal, uma fonte de riqueza incontornável.

O turismo de motivação cultural pode assegurar inúmeras vantagens na preservação do património arquitetónico, como:

- Ajudar a encontrar novos usos para os edifícios do passado;

⁴⁰ *Diário da República*, I Série, Decreto-Lei, n.º 107/2001, 8 Setembro 2001, pp. 5810

⁴¹ *Diário da República*, I Série, Decreto-Lei, n.º 107/2001, 8 Setembro 2001, pp. 5810

- Gerar um ambiente de tolerância e compreensão entre os povos, pois ao permitir aos visitantes a descoberta de novas culturas e religiões, favorece o respeito por essas realidades;
- A criação nas comunidades de acolhimento, de um sentimento de orgulho pelo seu património, o qual espelha a sua identidade;
- A valorização económica dos locais de visita, através da dinamização do comércio e dos serviços, criando empregos e riqueza.

No entanto, o turismo pode exercer uma influência negativa sobre as populações, os monumentos, conjuntos e sítios que constituem o seu objeto.

A Carta do *turismo cultural* produzida pelo Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), no ano de 1976 demonstrou algumas das inquietações dos responsáveis pela gestão e conservação do património arquitetónico. Este documento reconheceu os efeitos positivos do *turismo cultural* e perante os perigos de uma sobrecarga negativa de visitantes, recomendou uma cooperação mais estreita entre os organismos representativos do turismo e os da proteção do património, com o propósito de conseguirem a integração *dos valores culturais nos objetivos sociais e económicos incluídos no planeamento dos recursos dos Estados, das regiões e das comunidades locais*.

Na Carta internacional do *turismo cultural* aprovada pelo Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), no ano de 1999 para além, de salvaguardar uma cooperação mais profunda entre o turismo e cultura, estabelecia o princípio basilar que *as atividades de turismo e a proteção do património devem beneficiar as comunidades de acolhimento, contribuindo, nomeadamente para aumentar os níveis de desenvolvimento socioeconómico e contribuir para erradicar a pobreza*.

Em Janeiro de 2003, o conselho da Europa retomou a questão das relações entre turismo e património adotando a *Recomendação (2003) sobre o desenvolvimento do turismo associado à valorização do património cultural, numa perspetiva de desenvolvimento durável*. Neste âmbito reafirmavam-se as convicções das Cartas do Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), segundo as quais o turismo beneficiava o património, desde que *se promovessem*

métodos de gestão que tivessem em consideração o desenvolvimento durável e associassem a população ao uso correto dos recursos (LOPES, 1996: 38-39).

5.2. Conclusão

O museu criado para o imóvel Conde de Vilas Boas, no ano 1995 pelo arquiteto Manuel Cabral Teles e a equipa de técnicos do Gabinete do Centro Histórico, da Câmara Municipal de Barcelos deverá ser concretizado, pois constituirá um magnífico exemplar arquitetónico e museológico local e nacional.

O Museu da cidade será um pólo central, articulado com o Centro de Interpretação do Galo e da Cidade de Barcelos, Museu de Olaria, Museu Regional e Etnográfico de Alvito S. Pedro e Museu Etnográfico de Chavão, sem contudo perderem a sua autonomia.

O património cultural abrangerá elementos como os recursos, serviços e equipamentos que irão oferecer e transmitir valores aos visitantes/turistas. Os recursos são o principal componente do produto cultural e o que motiva a deslocação dos visitantes/turistas, a Barcelos. Na visita à localidade os visitantes/turistas poderão contactar com um magnífico conjunto de recursos históricos, culturais e naturais, tais como igrejas, capelas, museus, ruínas do Paço dos Condes de Barcelos, sítios arqueológicos, tradições, lendas, artesanato, folclore, gastronomia e uma vastíssima biodiversidade ambiental e paisagística, entre outras. Os residentes são um recurso proeminente, pois a sua simpatia e amabilidade características típicas dos Minhotos, influenciarão e atrairão visitantes/turistas ao destino.

Também haverá uma concertação dos elementos tangíveis e intangíveis que constituam o produto, desenvolvendo iniciativas como exposições temporárias, concertos, conferências, *workshops* no museu e sua envolvente. Este recurso não será apenas, um espaço de preservação do legado e da cultura barcelense, mas um destino que propiciará experiências únicas e inolvidáveis a visitantes/turistas.

Para se estipular como produto turístico, o museu aliar-se-á a diversos serviços (bombeiros, hospitais, clínicas, centros de saúde, farmácias, polícia) e equipamentos (hotéis, residenciais, restaurantes, pensões, cafés, bares, agências de viagens, meios de transportes) que garantirão a visitantes/turistas a satisfação das suas necessidades básicas e usufruírem do atrativo.

A entidade museológica terá uma identidade de marca e uma imagem baseada na oferta de um produto patrimonial e cultural de excelência. A imagem de marca será o seu símbolo distintivo, que lhe atribuirá uma visibilidade singular e uma posição diferenciadora relativamente às outras instituições culturais locais, fidelizará o público e diminuirá o seu tempo na seleção de uma iniciativa ou evento cultural.

O museu definirá uma estratégia de posicionamento apoiada num serviço de informação de alta qualidade, uma equipa de pessoal com qualificações superiores, multidisciplinar, eficiente e afável. O produto cultural oferecerá arte, história, etnografia e cultura de modo, acessível ao público. Também apresentará uma diferenciação tecnológica, na disponibilização de informação por computador, equipamentos interativos e 3 D para apresentação de textos, legendas e sons. Desenvolverá ainda mostras virtuais na internet, páginas web e galerias que possibilitarão ao visitante selecionar o seu próprio itinerário.

O Museu da cidade de Barcelos promoverá políticas de marketing e estratégias de comunicação para atrair, captar e fidelizar novos tipos de público, inovará as ofertas e impulsionará o nível de deleite das visitas frequentes.

Procurar-se-á integrar o produto turístico na *Rota dos Caminhos de Santiago* e fomentar-se-á a oferta de novas rotas, como a *Rota do Mel* e a *Rota do Linho*.

O pólo museológico e núcleos disponibilizarão um programa de dinamização cultural contemplado por atividades culturais, programas pedagógicos e visitas guiadas, no Serviço de Animação e Educação, nos espaços livres e na cidade de Barcelos. O museu ainda desenvolverá iniciativas que propiciarão uma interligação à área fluvial do Cávado e à sua esplêndida paisagem, bem como assegurarão a plena fruição de visitantes/turistas e residentes.

Por fim, o êxito do Museu da cidade de Barcelos e núcleos dependerá sobretudo, das oportunidades que os seus projetos ofereçam à participação coletiva dos principais intervenientes, a comunidade local e da ação coordenada dos *stakeholders* (Câmara Municipal de Barcelos, Rede Portuguesa de Museus, Turismo do Porto e Norte, setor público e privado, residentes, etc.).

Capítulo 6 - Fontes e bibliografia

Legislação

DECRETO-LEI n.º 107/2001. *Diário da República*, Lisboa, I Série. 209 (2001-09-08) 5808-5810.

DECRETO-LEI n.º 23/2012. *Diário da República*, Lisboa, II Série. (2012-01-06) 593-594 [Consult. 24 Junho 2013]. Disponível na internet: URL: <http://dre.pt/pdf2sdip/2012/01/005000000/0059300601.pdf>

Obras de referência

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura (1963), Lisboa: Verbo, Vol. VII, pp. 1711-1713.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (195-), Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, Vol. X, pp. 606-608.

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (195-), Lisboa, Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Limitada, Vol. XXI, pp. 848-849.

Imprensa

ASSIS, Francisco; FERREIRA, José Carlos (2004), “Uma doação que deu origem a um museu nacional de olaria”, *Diário do Minho*, 12 Fevereiro, pp. 22.

ASSIS, Francisco; FERREIRA, José Carlos (2004), “Centro Histórico de Barcelos renovado e devolvido aos peões”, *Diário do Minho*, 8 Abril, pp. 24.

BARCELENSE (O) (1927), “Fábrica de cerâmica de Barcelos: Ramos & C.^a Limitada”, *O Barcelense*, Ano XVII, n.º 833, 26 Fevereiro.

BARCELENSE (O) (1928), “Empresa Industrial de Barcelos: Fábrica da Granja”, *O Barcelense*, Ano XVII, n.º 877, 14 Janeiro.

BARCELENSE (O) (1928), “Nova Fábrica de Carpintaria e Marcenaria: de Sebastião Rodrigues da Costa”, *O Barcelense*, Ano XVII, n.º 877, 14 Janeiro.

CAMPINHO, José (1992), “Casa Conde de Vilas Boas destinada à Cultura”, *Comércio do Porto*, 28 Fevereiro.

CÁVADO, José (1993), “No 25.º aniversário da sua morte: Relembrar António Carlos”, *Jornal de Barcelos*, 16 Dezembro, pp. 8.

COMÉRCIO DO PORTO (1993), “Município recupera Casa Conde Vilas Boas”, *Comércio do Porto*, 15 Fevereiro.

CORREIO DO MINHO (1991), “Proprietária doa à Câmara Municipal Casa ‘Condes Vilas Boas’”, *Correio do Minho*, 24 Novembro, pp. 6.

DIÁRIO DO MINHO (1923), “Carta de Barcelos: 27 de Fevereiro”, *Diário do Minho*, 2 Março.

DIÁRIO DO MINHO (1991), “Aprovados termos de doação da casa ‘Conde de Vilas Boas’”, *Diário do Minho*, 23 Novembro, pp. 4.

JESUS, Gaspar de (1991), “Casa dos Condes Vilas Boas doada à Câmara Municipal de Barcelos”, *O Primeiro de Janeiro*, 24 Novembro.

JORNAL DE BARCELOS (1994), “Património merece a atenção do executivo: Projetos do Centro Histórico e da Casa do Conde de Vilas Boas têm luz verde”, *Jornal de Barcelos*, 15 Setembro.

LOPES, Fernando (1992), “Quem quer esquecer o pintor Gonçalves Torres”, *Jornal de Barcelos*, 24 Dezembro.

MOURÃO, Sérgio (2001), “Jerónimo: Um sonhador da arte e da poesia”, *Jornal da Região*, 6 Dezembro, pp. 8.

PIZARRO, Luís (1994), “A recuperação da Casa Conde de Vilas Boas”, *Barcelos Popular*, 13 Novembro, pp. 3.

ROCHA, Conceição (2001), “Artista barcelense, Paulo Vilas Boas expõe ‘Do rural ao urbano’: ‘Guardador de vacas e de sonhos’”, *Jornal de Barcelos*, 15 Novembro.

ROCHA, Conceição (2002), “Afmach: Pintor e Cidade”, *Notícias de Barcelos*, 17 Janeiro, pp. 8-9.

SILVA, Porphyrio António (1927), “Fábrica de Fiação de Barcelos, Limitada”, *O Barcelense*, Ano XVII, n.º 840, 16 Abril.

SILVA, Porphyrio António (1945), “Empresa Têxtil de Barcelos, Limitada”, *O Barcelense*, Ano XXXV, n.º 1768, 17 Fevereiro.

VILLAS-BOAS, Joaquim Paes de (1996), “O Traje de Barcelos”, *Notícias de Barcelos*, Março, pp. 7-8.

Revistas

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1993), “Carta arqueológica do concelho de Barcelos”, *Barcelos Património*, Barcelos, n.º 1, pp. 55-58.

ALMEIDA, Carlos Alberto Brochado (1997), “Inventário Arqueológico: Barcelos norte e sul do Cávado”, *Barcelos Património*, Barcelos, Vol. I-II, pp. 20-41.

DIAS, Jaime Lopes (1943), “O Museu da cidade de Lisboa”, *Revista Municipal*, Lisboa, n.ºs 11-12, pp. 35-49.

FERREIRA, Maria da Conceição Falcão (1992), “Barcelos Terra de Condes: II Parte Esboço da Vila Medieval”, *Barcelos Revista*, Barcelos, 2ª Série, n.º 3, pp. 8-10.

FERREIRA, Luís Durães (2005), “Estudo analítico das variáveis da macro envolvente de um destino turístico”, *Téckhne - Revista de Estudos Politécnicos*, Barcelos, Vol. II, n.º 4, pp. 135-147.

FIGUEIREDO, Manuel (1942), “O pintor Henrique Pousão”, *Museu*, Porto, n.º 1, pp. 5-33.

MACEDO, Adélio Marinho de; Figueiredo, José António (1966), “As barcas de passagem do Cávado, a jusante de Prado”, *Cadernos de Etnografia*, Barcelos, n.º 5, pp. 8-49.

MOITA, Irisalva (1971-72), “Fundamentos dum Museu de Lisboa”, *Revista Municipal*, Lisboa, n.º 130-131, pp. 19-33, n.º 132-133, pp. 5-7.

PINHO, Victor (2003-04-05), “A elevação de Barcelos a cidade”, *Barcelos Revista*, Barcelos, 2ª Série, n.ºs 14-15-16, pp. 172-173.

REIS, José Manuel Seabra da Costa (1996), “O Conde de Vilas Boas e sua descendência”, *Barcelos Património*, Barcelos, n.º 4, pp. 57-60.

REVISTA MUNICIPAL (1979), “Câmara Municipal de Lisboa: Pelos Museus Municipais”, *Revista Municipal*, Lisboa, Museu da cidade, Série 2, n.º 1, pp. 32-35.

TELES, Manuel L. Cabral (1995), “Casa Conde Vilas Boas: Museu Municipal”, *Barcelos Património*, Barcelos, n.º 3, pp. 15-23.

Monografias

ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de (1990), *Barcelos*. Lisboa: Editorial Presença, pp. 7-34.

AMORIM, Ana, *et al.* (2012), *Barcelos*. Braga: Mestrado em Património e Turismo Cultural da Universidade do Minho (Trabalho elaborado no âmbito da U.C. “Cidade e Centro Histórico”), pp. 8-14.

ARAÚJO, Manuel António Teixeira (2011), *Jerónimo: Até morrer de azul*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 8-11.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1995), “Relatório do Plano: 1ª Parte Apresentação e Enquadramento Geral (Relatório 1)”, *in Plano Diretor Municipal*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 27-35.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1995), “Caracterização dos Aglomerados Urbanos (Relatório 9)”, *in Plano Diretor Municipal*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 1-6.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1995), “Estudos Demográficos (Relatório 2)”, *in Plano Diretor Municipal*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 1-16.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1995), “Estudos Económicos (Relatório 3)”, *in Plano Diretor Municipal*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 1-12.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1999), *Exposição de pintura: Coleção da Câmara Municipal de Barcelos*. Barcelos: Câmara Municipal, 1.ª Parte, pp. 1-25.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (1999), *Exposição de pintura: Coleção da Câmara Municipal de Barcelos*. Barcelos: Câmara Municipal, 2.ª Parte, pp. 1-24.

BARCELOS. CÂMARA MUNICIPAL (2007), *Barcelos: Roteiro Turístico*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 9.

BEAUJEU-GARNIER, Jaqueline (1997), *Geografia Urbana*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2.ª ed., pp. 9.

CHICÓ, Mário Tavares (1943), *Estudos Acerca da Organização do Museu da cidade de Lisboa*. Lisboa: [s. n.], pp. 10-29.

CLÁUDIO, Mário; SILVA, Germano; TEIXEIRA, Ramiro (2001), *Paulo Vilas Boas: Trinta anos de pintura*. Porto: Edições Asa, pp. 23-40.

COIMBRA. CÂMARA MUNICIPAL (2001), *Museu da cidade: Edifício Chiado*. Coimbra: Câmara Municipal, pp. 3-24.

COMISSÃO EXECUTIVA DO MONUMENTO (1967), *João Duarte Veloso: um homem, uma obra*. Barcelos: Imprensa Portuguesa, pp. 25-56.

COUTO, João (1943), *Museus das Cidades: Conferência proferida no Salão Nobre dos Paços do Concelho em 30 de Abril de 1943*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 1-19.

CUNHA, António Jorge Graça Faria (1989-90), *Anjo Caído*. [Barcelos]: António Cunha, pp. 1.

CUNHA, António Jorge Graça Faria (2009), *António Cunha, 09: Barcelos*. Barcelos: Empresa Municipal de Educação e Cultura de Barcelos, pp. 1.

CUNHA, Fernanda de Matos (1932), *Notas Etnográficas sobre Barcelos*. Porto: Imprensa Portuguesa - Instituto de Antropologia da Universidade do Porto, pp. 33-54.

EMPRESA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E CULTURA DE BARCELOS (2010), *Projeto da Exposição: A ornitologia*. Barcelos: Museu Etnográfico de Chavão, pp. 18-24.

ESTEVES, Lídia Máximo; BARRETO, Angélica Cruz (1988), *Aspetos do Traje Popular nos Arredores de Braga na Mudança do Século (XIX-XX)*. Braga: Museu Nogueira da Silva - Universidade do Minho, pp. 7.

FONSECA, Susana Maria S. Rebelo (2008), *Valoração e Procura de Património Cultural: O Museu de Lamego*. Vila Real: [s. n.], Tese de Mestrado em Economia das Organizações apresentada à

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, pp. 3-4. Disponível na internet: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/989/1/TeseMestrado.pdf>

FREITAS, Eugénio Andrea da Cunha, *et al.* (1977), *Carvalhos de Basto: A descendência de Martim Pires Carvalho, cavaleiro de Basto*. Porto: [s. n.], Vol. 5, pp. 180.

GOMES, Andreia Catarina Fernandes (2011), *O Papel de uma Rede Museológica no Fomento do Turismo Cultural*. Braga: [s. n.]. Relatório de Estágio do Mestrado em Património e Turismo Cultural apresentado à Universidade do Minho, pp. 5-6 [Consult. 14 Junho 2013]. Disponível na internet: URL: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18073>

GONÇALVES, Alexandre Rodrigues (2007), “Museus, Turismo e Território: Como podem os equipamentos culturais tornar-se importantes atrações turísticas regionais?”, *Congresso Internacional de Turismo da Região de Leiria e Oeste*. Peniche: [s. n.], pp. 12 [Consult. 9 Agosto 2013]. Disponível na internet: URL: http://cassiopeia.ipleiria.pt/esel_eventos/files/3902_18_AlexandraGoncalves_4bf512841c6a5.pdf

INÁCIO, Cláudia Alexandre de Santos (2002), *Os Museus de Cidade em Portugal: O Museu da Cidade de Lisboa*. Évora: [s. n.], Tese de Mestrado apresentada à Universidade de Évora, pp. 1-103.

LEITE, Ana Cristina (2010), *Um Museu para Lisboa: Projeto de requalificação e valorização do Museu da cidade* [Em linha]. Lisboa: Câmara Municipal [Consult. 2 Julho 2013]. Disponível na internet: URL: <https://www.google.pt/#q=projeto+de+requalifica%C3%A7%C3%A3o+e+valoriza%C3%A7%C3%A3o+do+museu+da+cidade+de+lisboa>

LISBOA. CÂMARA MUNICIPAL (198-?), *O Museu da cidade: fundamentos, programas, instalações, coleções*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 1-73.

LISBOA. CÂMARA MUNICIPAL (1991), *Guia do Museu da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal, pp. 1-79.

LOPES, Flávio; CORREIA, Miguel Brito (1996), *Património Arquitetónico e Arqueológico: Cartas, Recomendações e Convenções Internacionais*. Lisboa: Instituto Português do Património Arquitetónico e Arqueológico - Livros Horizonte, pp. 38-39.

MAGALHÃES, Ernesto de Amorim (1958), *No Passado Barcelos no Presente*. Barcelos: Livraria Liz, pp. 25-26.

MARECOS, Carla Teresa Silvestre Lopes (2009), *O Conceito de Marketing Cultural Aplicado à Museologia Contemporânea em Portugal*. Lisboa: [s. n.], Tese de Mestrado em Arte, Património e Teoria do Restauro apresentada à Universidade de Lisboa, pp. 17-29 [Consult. 7 Agosto 2013]. Disponível na internet: URL: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1752/1/22013_ulf070661_tm.pdf

MOURÃO, L., *et al.* (1926), *Exposição da Obra do Falecido Pintor Cândido da Cunha*. Porto: Salão Silva Porto, pp. 1-4.

MUSEU de OLARIA (2013), *Regulamento do Museu de Olaria*. Barcelos: Museu de Olaria, pp. 6 [Consult. 21 Maio 2013]. Disponível na Internet: URL: <https://www.google.pt/#q=Regulamento+do+museu+de+olaria>

NÓBREGA, Artur Vaz Osório (1973), *Pedras e Armas Tumulares do Distrito de Braga: cidade de Barcelos*. Braga: Junta distrital, Vol. VII, pp. 58-59.

OLVEIRA, Adalberto Neiva; BASTO, Carlos A. Vieira de Sousa (2008), *Artesanato e Feiras de Barcelos*. Porto: Livraria Figueirinhas, pp. 10-15.

OLIVEIRA, Maria Pia; TEIXEIRA, José de Monterroso; BARRO, David, *et al.* (2001), *Museu da Cidade*. Lisboa: Câmara Municipal.

OLIVEIRA, Maria do Rosário Barros de (2009), *Os Impactos dos Eventos Turísticos: o caso da viagem medieval em Santa Maria da Feira*. Porto: [s. n.], Tese de Mestrado em Ciências Empresariais apresentada à Universidade Fernando Pessoa, pp. 6-8 [Consult. 17 Junho 2013]. Disponível na internet: URL: http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1581/1/dm_mariaoliveira.pdf

PINHO, Victor; ALVES, Fernando (1999), *D. José Domenech: Defensor do trabalho e prestante cidadão*. Barcelos: Câmara Municipal, pp. 1-6.

PINHO, Victor (2005), *O arquiteto Marques da Silva e o "Plano de melhoramentos" da vila de Barcelos*. Barcelos: Biblioteca Municipal, pp. 1-6.

TRIGUEIROS, António Júlio Limpo; FREITAS, Eugénio Andrea Cunha; LACERDA, Maria da Conceição Cardoso Pereira (1998), *Barcelos Histórico, Monumental e Artístico*. Braga: Edições APPACDM Distrital de Braga, pp. 409-421.

TRINDADE-ROCHA, Maria Beatriz (1993), *Iniciação à Museologia*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 47-48.

VASCONCELOS, José Leite (1980), *Etnografia Portuguesa: Tentame de sistematização*. Lisboa: Imprensa-Nacional Casa da Moeda, Vol. I, pp. 11.

VIEIRA, José Augusto (1886-87), *O Minho Pitoresco: Barcellos*. Lisboa: Livraria António Maria Pereira, pp. 117-118.

6.1. Webgrafia

http://pt.wikipedia.org/wiki/Conde_de_Vilas_Boas, retirado a 16/10/2012

http://www.geneall.net/P/per_page.php?id=36158, retirado a 16/10/2012

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria>, retirado a 21/12/2012

<http://calambria.cm-valedecambra.pt/index.php/historia-local.html>, retirado a 21/12/2012

<http://barceloscidade.webnode.pt/trajes-regionais/>, retirado a 3/1/2013

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/artesanato>, retirado a 3/1/2013

<http://www.portugaltours.com.pt/br/blog-viagens/20114/visitar-barcelos.aspx>, retirado a 4/1/2013

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Arqueologia>, retirado a 29/4/2013

<http://bloguedominho.blogs.sapo.pt/533367.html>, retirado a 29/4/2013

<http://www.solaresdeportugal.pt/PT/entevt.php?eventoid=417>, retirado a 7/5/2013

<http://www.igogo.pt/museu-arqueologico-de-barcelos-paco-dos-condes-de-barcelos/>,
retirado a 7/5/2013

<http://www.rotadoperegrino.com/cultura/paco-dos-condes-de-barcelos-e-museu-arqueologico/>, retirado a 8/5/2013

<http://pinturapaci.blogspot.pt/2008/03/paulo-vilas-boas-nota-bibliografica-1940.html>,
retirado a 15/5/2013

<http://www.prof2000.pt/users/avcultur/aveidistrito/boletim13/page40.htm>, retirado a
17/5/2013

<https://www.google.pt/#q=Regulamento+do+museu+de+olaria>, retirado a 21/5/2013

<http://www.cm-barcelos.pt/noticias/arquivo/2012/maio/centro-de-interpretacao-do-galo-e-da-cidade-de-barcelos>, retirado a 27/5/2013

http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=2277035&seccao=Norte,
retirado a 27/5/2013

<http://www.cm-barcelos.pt/visitar-barcelos/conheca/rede-de-museus>, retirado a
29/5/2013

<http://www.alvitospedro.com/modules.php?name=Sections&op=viewarticle&artid=10>,
retirado a 30/5/2013

http://www.anossaterra.pt/?tp=10&ct=110&ctd0=16&cop=16&LG=0&mop=1434&it=pagina_n, retirado a 30/5/2013

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Aborim>, retirado a 3/6/2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Cossourado_\(Barcelos\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cossourado_(Barcelos)), retirado a 3/6/2013

<http://www.panque.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/patrimonio/>, retirado a 6/6/2013

http://www.balugaes.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/patrimonio1/patrimonio_religioso/, retirado a 6/6/2013

<http://www.chavao.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/patrimonio/>, retirado a 10/6/2013

<http://www.montefralaes.maisbarcelos.pt/?vpath=/inicio/historia/>, retirado a 10/6/2013

<http://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos>, retirado a 12/6/2013

<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/18073>, retirado a 14/6/2013

http://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/1581/1/dm_mariaoliveira.pdf, retirado a 17/6/2013

http://www.malmada.pt/xportal/xmain?xid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_grv=BOUI=5264334, retirado a 19/6/2013

<http://www.aveiro.co.pt/categoria.aspx?categoria=museus#Museus>, retirado a 21/6/2013

<http://files.cm-aveiro.pt/XPQ5FaAXX31284aGdb9zMijeZKU.pdf>, retirado a 21/6/2013

<http://dre.pt/pdf2sdip/2012/01/005000000/0059300601.pdf>, retirado a 24/6/2013

http://www.cmcoimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=545&Itemid=45
8, retirado a 27/6/2013

<http://www.museudacidade.pt/OMuseu/Paginas/default.aspx>, retirado a 2/7/2013

<https://www.google.pt/#q=projeto+de+requalifica%C3%A7%C3%A3o+e+valoriza%C3%A7%C3%A3o+do+museu+da+cidade+de+lisboa>, retirado 2/7/2013

http://f.hypotheses.org/wpcontent/blogs.dir/425/files/2012/07/Lisbon_International_Workshop_programa.pdf, retirado 11/7/2013

<http://www.kentmuzeciligiprojesi.com/objectivo-do-projecto.html>, retirado a 11/7/2013

<http://www.e-cultura.pt/AgendaCulturalDisplay.aspx?ID=30481&print=1>, retirado a
12/7/2013

http://translate.google.pt/translate?hl=ptPT&sl=en&u=http://www.allaboutturkey.com/izm_museum.htm&prev=/search%3Fq%3Dmuseu%2Bahmet%2Bpiristina%26biw%3D1366%26bih%3D632, retirado a 12/7/2013

http://pt.wikipedia.org/wiki/Museu_de_Londres, retirado a 16/7/1013

[http://www.infopedia.pt/\\$luxemburgo-\(cidade\)](http://www.infopedia.pt/$luxemburgo-(cidade)), retirado a 18/7/2013

<http://www.mhvl.lu/en/MUSEUM.html>, retirado a 18/7/2013

<http://www.esmadrid.com/museosdemadrid/portal.do?IDM=53&NM=1>, retirado a 24/7/2013

<http://www.madrid.es/portal/site/munimadrid/menuitem.8b2184148b70b0aa7d245f019fc08a0c/?vgnextoid=c5e9ef4d7f71c010VgnVCM1000000b205a0aRCRD&vgnnextchannel=8db7566813946010VgnVCM100000dc0ca8c0RCRD>, retirado a 24/7/2013

<http://diretodeparis.com/o-museu-que-conta-a-historia-de-paris/>, retirado a 29/7/2013

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Posicionamento_\(marketing\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Posicionamento_(marketing)), retirado a 31/7/2013

http://www.museusportugal.org/multimedia/File/Marketing%20cultural_estudo.pdf, retirado a 5/8/2013

http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/1752/1/22013_ulfi070661_tm.pdf, 7/8/2009

http://cassiopeia.ipleiria.pt/esel_eventos/files/3902_18_AlexandraGoncalves_4bf512841c6a5.pdf, retirado a 9/8/2013

<http://www.google.pt/#fp=433540fca341bc8b&q=marketing+nos+museus&start=10>, retirado a 14/8/2013

<http://museus.bragadigital.pt/ddsousa/Enquadramento/MostrarEnquadramento.aspx?ldConteudo=268&ldPagina=214&ldSubPagina=11#Conteudo268>, retirado a 18/10/2013

http://www.csarmento.uminho.pt/upload/ftp/docs/SE_2011.pdf, retirado a 23/10/2013

<http://www.museudacidade.pt/VISITAS/ACTIVIDADES/Paginas/Actividades.aspx>, retirado a 28/10/2013

<http://www.museudearteantiga.pt/pt-PT/serveducativo/ContentList.aspx>, retirado a 4/11/2013

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasAtividade/desenvolvimentoinovacao/Documents/14%20%20Museu%20Arte%20Antiga%20PT.pdf>, retirado a 8/11/2013

http://www.amigosdamontanha.com/_jogos_do_rio_15, retirado a 12/11/2013

7.1. Anexo documental

Outorgante.

Que, pela presente escritura e recordando a memória de seu Pai, doa ao Município de Barcelos os prédios referidos no parágrafo anterior, os quais dele recebeu, doação que submete às seguintes cláusulas:

1 - Afectação por parte da Câmara Municipal de Barcelos, dos prédios ora doados, a fins de interesse público-cultural da cidade de Barcelos, nomeadamente para a instalação do "Arquivo Municipal", da "Casa de Cultura" e do "Museu Etnográfico e Arqueológico", com a designação inscrita de "Casa Conde de Vilas Boas".

2 - Obrigação de realojamento de duas inquilinias habitacionais, Gracinda da Conceição Dias Monteiro, viúva, e Maria Fernanda das Dores Dias Monteiro, solteira, ficando todos os encargos resultantes desse realojamento da responsabilidade da Câmara Municipal de Barcelos, no caso de a mesma pretender a desocupação das partes do prédio por aquelas habitadas.

3 - A Câmara Municipal de Barcelos atribuirá, a partir da presente data, à ora doadora, uma pensão mensal, vitalícia, de Esc. 100.000\$00, actualizável anualmente, de acordo com o índice oficial da inflação.

Mais declarou a 1ª Outorgante que, como é do conhecimento público, a casa de habitação e comércio encontra-se arrendada para fins comerciais à firma "Correia

Fig. 2 - Certidão de escritura de doação da casa Conde de Vilas Boas

Fonte: Certidão de Victor Pinho

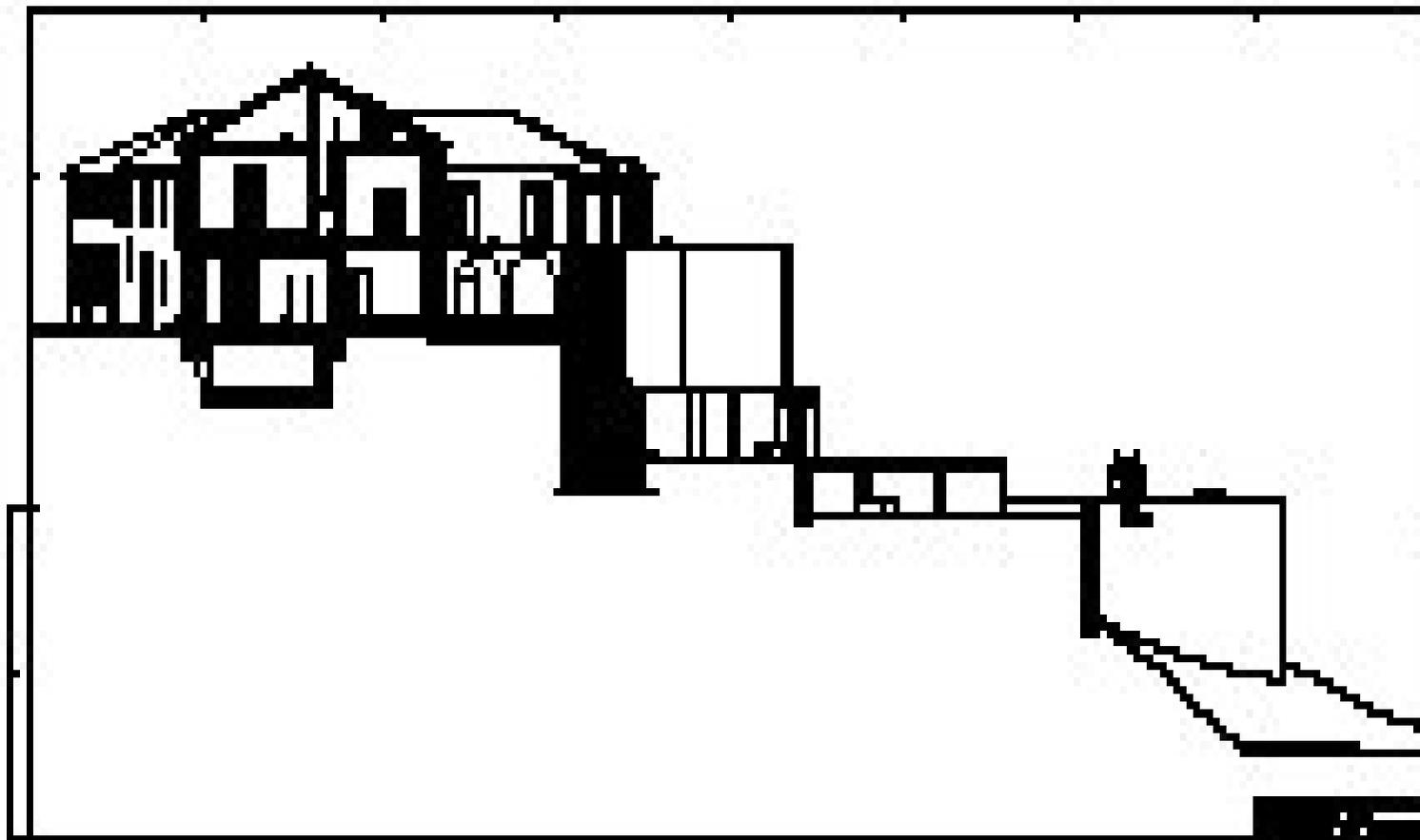


Fig. 7 - Corte das volumetrias da casa Conde de Vilas Boas limitadas pela Viela do Pecegal

Fonte: Projeto da Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

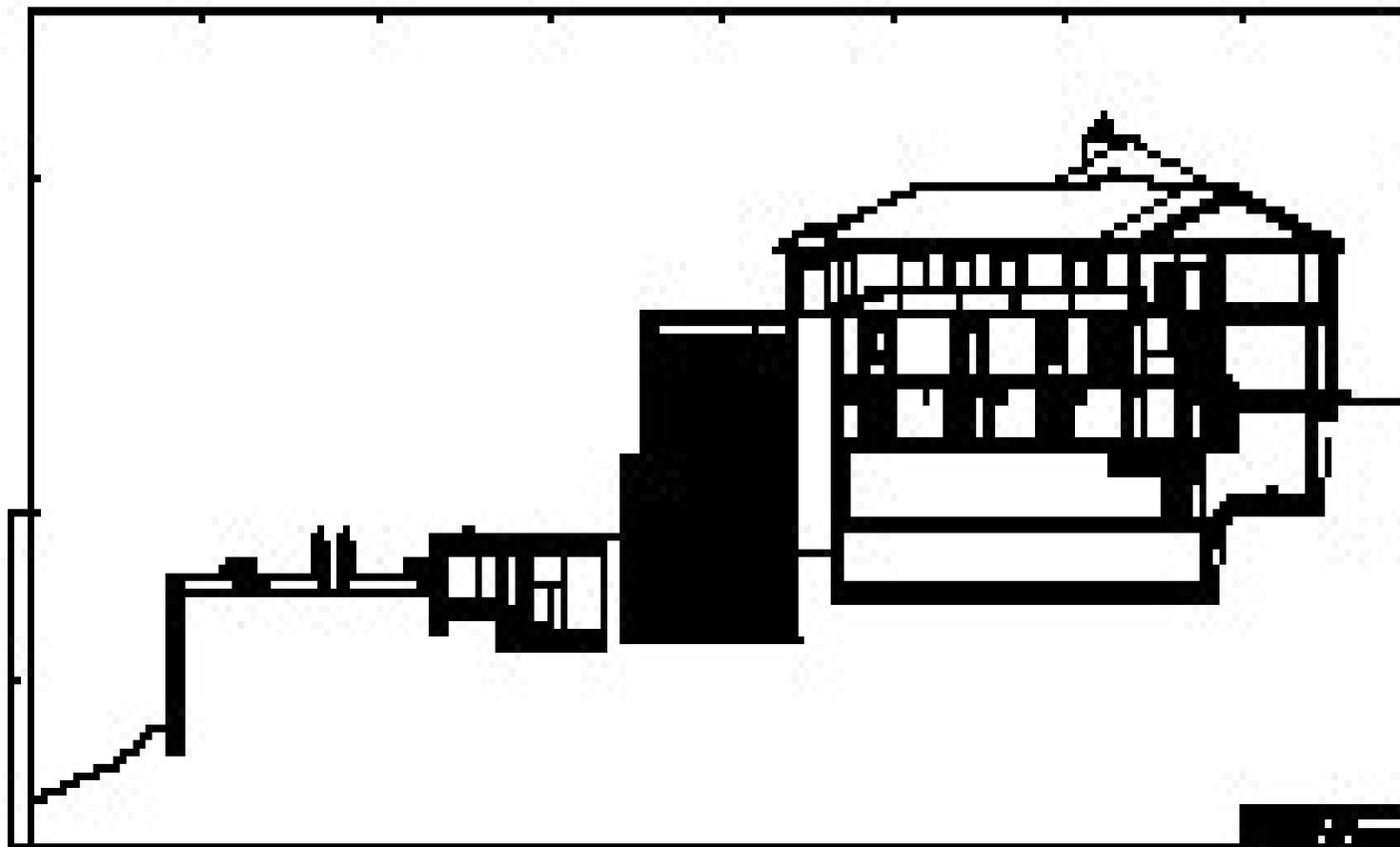


Fig. 8 - Corte do antigo corpo da criadagem, onde se situariam salas para exposições e atividades

Fonte: Projeto da Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)



Fig. 11 - Corte da casa com a porta pela qual, se realizaria uma das entradas de visitantes

Fonte: Projeto da Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)



Fig. 13 - Corte geral do Museu Municipal

Fonte: Projeto de Câmara Municipal de Barcelos - Departamento de Planeamento e Gestão Urbana (DPGU, 1996)

Carta de Barcelos

27 de Fevereiro.

Continua pessima a iluminação publica. A empresa da energia electrica parece não ligar importancia ás reclamações da Camara e dos consumidores mas vai por seu caminho. O mesmo que lhe pode acontecer é a cobrança a maioria não lhe pagar. Realmente pagar e não ter luz é duro e não se compreende.

—O balanço annual da nossa Cooperativa apresenta um saldo de doze contos. Já se vê que teve movimento não obstante ter de competir com o commercio local e principalmente com as largas vendas do snr. D. José Domenich.

—Os sermões quaresmais no templo do Senhor da Cruz tem sido muito concorridos de fiéis principalmente de homens.

—Começaram os ensaios do grupo dramatico do Circulo Catholico d'Operarios de que fazem parte muitos jovens.

—Já está comprado o terreno para a nova industria de sabão. Sabemos que faz parte desta empresa o snr. D. José Domenich, o snr. José Pereira da Quinta e outros elementos de valor. Ficará no Antigo Campo de D. Carlos.

—Chegou a esta vila o snr. Abade Leituga que esteve em uma missão religiosa em Villa-Pouca, bem como o organista sr. P. João Torres que foi seu companheiro nos trabalhos apostolicos.

—A Direcção do Circulo Catholico d'Operarios sahio hoje a percorrer as casas da vila com pedimento para as Obras do Circulo. Foi muito bem recebida e nesta primeira sahida reuniu setecentos escudos.

—O temporal tem causado por aqui grande destroço nos telhados e arvoredos.

Barcelense

zar, no proximo dia 21 deste mez, pelas 10 horas da manhã.

Convida, tambem, a assistirem á mesma missa todas as pessoas amigas da falecida.

Barcelos, 14 de Janeiro de 1928.

A MEZA

Chapelaria Ultima Moda
DE **Antonio Moreira**
Rua Infante D. Henrique, 5 a 7
BARCELOS

Na proxima quinta-feira, dia 19, abrirá ao publico a sua nova e bem sortida Chapelaria, onde se vendem, concertam e fabricam chapéus de todas as qualidades, por preços sem competidor.

Tambem se encontram á venda lindos bonets e chics guarda-soes, reclame desta casa.

O proprietario pede aos barcelenses para fazerem uma visita á Chapelaria, para verificarem a qualidade e os preços porque vende os seus artigos.

Sindicato Agrícola de Barcelos
ASSEMBLEIA GERAL

Para os fins indicados no artigo 19.º dos respectivos Estatutos—apreciação do balanço geral, relatório da direcção e parecer do conselho fiscal e ainda para eleição dos corpos gerentes—é convocada a assembleia geral dos socios do Sindicato Agrícola d'este concelho a reunir na sede social no dia 26 do corrente, pelas 14 horas, reunião que será adiada para a quinta-feira seguinte, dia 2 de Fevereiro, quando n'aquella primeiro dia não compareça a maioria dos socios—artigo 21.º e § 4.º dos mesmos Estatutos.

Barcelos, 12 de Janeiro de 1928.

O Presidente da Assembleia Geral
Miguel Fonseca

Empresa Industrial de Barcelos
FABRICA DA GRANJA

Encarrega-se de todos os serviços relativos a Marcenaria, Carpintaria e Serralheria.

Esta Empresa tem pes-

soal devidamente habilitado para a rapida e boa execução de qualquer obra respeitante aos serviços indicados.

ANIVERSARIO

Hontem, dia 13, completou 17 anos de idade o sr. Aurelio d'Araujo da Silva, digno e estimado empregado nos Grandes Armazens de S. Tiago, desta vila.

Por tal motivo, um grupo de amigos, regosijando-se por esta data festiva, aqui lhe pabenteiam a sua grande amizade.

Gerente para Hotel

Oferece-se e dá as melhores referencias. Exige condições. Carta á Farmacia Almeida—Viana.

AOS LAVRADORES

José Alves Coutinho, á rua da Estrada, desta vila, participa aos seus amigos que vende, por preços modicos, **VIDEIRAS RIPARIAS** de todas as qualidades e muito productivas.

Tambem ensina como se plantam.

Estabelecimento de Cabedais
DE —
MANOEL VIEIRA AZEVEDO
R. D. Antonio Barroso—Barnitoes

Sempre em deposito e aos melhores preços, todas as apresentações para a colheção de caçudo.

Armazem de calçado
DE **João Santana Vaz & C.ª**
Rua Bom Jesus da Cruz, 12—1.º

Fabrico especial de calçado de luxo para homens, senhora e criança.
Preços modicos

6 a 8 contos

Precisa-se desta quantia, dando-se boa garantia.

Nesta redacção se diz.

Moagem a electricidade
Vende-se barata

Um motor eléctrico de força de 15 cavalos; um jogo de pedras francezas de 1.º-20; um jogo de pedras nacionaes, do mesmo diametro; linhas de eixo, engrenagens, correias e todos os accessorios.

Tudo em bom estado.

Póde ver-se a funcionar

CRUZ LIMA—Barcelos

Aos Viticultores

Manuel Alves Coutinho fornece **BARBADOS** pa-

FABRICA CERAMICA DE BARCELOS
Ramos & C.ª, Limitada
Emfrente à Estação do Caminho de Ferro

*Tem sempre grande deposito de telha tipo marse-
lha tijolos para construções, tubos para canalisação
d'aguas e outros artigos respeitantes á industria de
ceramica.*

*Atendendo á grande baixa de preços que esta fa-
brica fez aos seus productos e ainda á excelente qua-
lidade dos mesmos, aconselha a que ninguem compre
sem consultar os seus preços.*

(Desconto aos revendedores)

Fonte: Periódico de Biblioteca Pública de Braga

NOVA FABRICA DE CARPINTARIA E MARCENARIA
— DE —

SEBASTIÃO RODRIGUES DA COSTA
CAMPO DE S. JOSÉ — BARCELOS

CONSTRUCÇÕES CIVIS MOBILIAS COMPLETAS
Obras de Carpintaria em Mobílias avulso para todos
 todos os generos os preços

MADEIRAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
Soalhos e fôrros aparelha- Vigamentos, barrótes e cai-
 dos—Fasquio bros—Ripas para telha

ORÇAMENTOS PARA TODAS AS ORAS

Fonte: Periódico de Biblioteca Pública de Braga

O Barcelense

Fabrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Limitada

Por escritura de 22 de Março de 1927—outorgada, perante o Notario no fim assinado, pelos srs. Joaquim dos Anjos Costa, Francisco Filipe dos Santos Caravana, José de Sousa Festa, Mario da Conceição Rocha, Antonio da Costa Ferreira, Fernando Valério de Carvalho, José da Silva Neiva e Augusto Soucaux, actuaes e antigos socios da «FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS, LIMITADA», sociedade por quotas com sede na villa de Barcelos—foi alterado e inteiramente substituido o pacto social desta sociedade, o qual fica a ser regulado pelas disposições seguintes:

Primeiro

Continua a subsistir por tempo indeterminado a sociedade por quotas de responsabilidade limitada, sob a denominação FABRICA DE FIAÇÃO E TECIDOS DE BARCELOS, LIMITADA, com sede, escritório e estabelecimento fabril nesta villa, á rua Candido da Cunha.

Segundo

O seu objecto é o exercicio da industria e commercio de fiação e tecidos, podendo dedicar-se a qualquer outro em que a gerencia concorde, excepto o bancario.

Tercero

O capital social é de mil contos, pertencendo aos socios nas seguintes quotas: Joaquim dos Anjos Costa, trezentos e dez contos; Francisco Filipe dos Santos Caravana, duzentos e cincoenta contos; Antonio da Costa Ferreira, cento e quarenta contos; Fernando Valério de Carvalho, cento e vinte e um contos; José da Silva Neiva, sessenta contos; Augusto Soucaux, quarenta e nove contos; José de Sousa Festa, quarenta contos, e Mario da Conceição Rocha, trinta contos.

§ unico

Destas quotas acham-se realisadas as seguintes importancias: Joaquim dos Anjos Costa, duzentos e quarenta contos; Caravana, duzentos quarenta e quatro contos quarenta e cinco escudos; Costa Ferreira, cento trinta e tres contos oitocentos cincuenta e oito escudos; Fernando Carvalho, cento e vinte contos quinhentos oitenta e cinco escudos; Neiva, sessenta contos; Soucaux, quarenta e nove contos; Festa, trinta e tres

contos, e Rocha, trinta contos. Todos os socios integralisarão as suas quotas até ao fim do corrente mez á excepção do primeiro que o fará até tres de agosto proximo futuro.

Quarto

A gerencia da sociedade, tanto tecnica como commercial, e a sua representação em juizo e fora dele será exercida pelo socio Francisco Caravana com dispensa de caução e com a retribuição que lhe fór fixada em assembleia geral, mediante proposta do conselho fiscal.

§ unico

Ao gerente ficam conferidos os mais amplos poderes, nomeadamente os de conferir todas ou parte das suas atribuições por meio de procuração, que outorgará em nome da sociedade e fará registar e cancelar quando caduque, a qualquer dos socios ou a pessoa estranha mediante a aprovação da assembleia geral.

Quinto

Haverá um conselho fiscal, com as atribuições que lhe designa o codigo commercial no artigo cento e sessenta e seis, e será constituído pelos socios Anjos Costa, Costa Ferreira e Mario da Conceição Rocha.

Sexto

A cessão de quotas a estranhos dependerá do consentimento da sociedade, á qual fica reservado o direito de opção. Se a sociedade não puder ou não quiser usar desse direito, competirá a elle aos socios individualmente, devendo a quota cedida ser dividida pelos pretendentes na proporção das que já possuirem.

§ 1.º

Para efeito do estipulado neste artigo, o socio

que quiser alienar a sua quota assim o comunicará á gerencia em carta registada. O gerente convocará a assembleia geral para deliberar sobre este assunto dentro de trinta dias a contar da recepção da oferta da quota. Se não fór tomada deliberação e comunicada dentro desse prazo ao socio cedente, poderá a quota ser livremente cedida.

§ 2.º

O valor da cessão, tanto para a sociedade como para qualquer socio, será o que á quota houver sido atribuido no ultimo balanço aprovado.

§ 3.º

Ficam os socios obrigados a ceder uma parte das suas quotas em favor de pessoas empregadas na sociedade desde que a sociedade assim o delibere. Essa divisão e cessão será feita por todos em rateio proporcional á quota de cada um.

Sétimo

As quotas inferiores a cem contos não poderão ser divididas para efeito da cessão a estranhos; as quotas superiores a esta importancia não poderão ser divididas, para o mesmo efeito, senão em partes de cem contos, excepto quando restar parte inferior, a qual depois terá de ser cedida integralmente.

Oitavo

Os balanços sociais serão ordinariamente dados em trinta e um de dezembro de cada anno. Depois de aprovados são irreclaimaveis; e os lucros liquidados que deles resultarem, deduzidos cinco por cento para fundo de reserva legal serão repartidos pelos socios na proporção das suas quotas. Na mesma proporção serão repartidos os prejuizos, havendo-os.

Nono

Por falecimento ou interdição de qualquer dos socios, os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdicto escolherão entre si um que os represente na sociedade.

§ 1.º

Os herdeiros ou representantes do socio falecido ou interdicto poderão sair da sociedade desde que ella concorde; e, neste caso, terão direito a receber durante um periodo que não pode exceder á cinco anos a contar de um de janeiro do anno em que o falecimento ou interdição se der, em frações annuaes que não poderão ser inferiores a quarenta contos—quanto se apurar pertencer ao socio que representarem, accrescido do juro corrente no Banco de Portugal, sendo certo que, quanto a lucros e perdas, apenas quinhoarão até ao dia em que fór feito aquele balanço annual ordinario.

Décimo

Todos os socios acordam, por si, seus herdeiros e representantes, em que a liquidação de quotas e lucros, nas hipoteses previstas no artigo anterior, seja feita em libras esterlinas cotadas a noventa e cinco escudos.

Décimo primeiro

Em caso de dissolução abrir-se-ha licitação entre os socios, em reunião para esse fim expressamente convocada para o efeito de ser adjudicado o activo e passivo social áquele que por elle maior preço oferecer e garantir o pagamento do passivo. Se nenhum dos socios quizer tomar o activo e passivo, proceder-se-ha, então, á sua liquidação pelo modo que fór deliborado em Assembleia

Geral, conforme a lei.

Décimo segundo

Salvo aquelas para que a lei marca prazos e formalidades especiais, as assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas, dirigidas aos socios para as suas moradas conhecidas na sociedade, com antecipação de cinco dias.

Décimo terceiro

Não são exigíveis prestações suplementares; os suprimentos feitos á caixa social por qualquer dos socios vencerão o juro igual ao premio do desconto do Banco de Portugal acrescido de dois e meio por cento.

Décimo quarto

Os socios—por si, seus herdeiros ou representantes—renunciam ao direito de requerer imposição de selos e arrolamento dos haveres sociais sob pena do infractor desta disposição perder em beneficio da sociedade tudo quanto nela possuir, sendo, além disso, obrigado a indemnizar a dos prejuizos resultantes da sua infracção se a importancia dos seus haveres fór insufficiente para os cobrir.

Décimo quinto

Nenhum dos socios poderá individualmente ou como associado, ou interessado, dedicar-se a negocios identicos aos actualmente explorados pela sociedade.

Décimo sexto

Para todas as questões emergentes deste contrato fica estipulado o fóro da comarca de Barcelos.

Décimo sétimo

Em tudo aquilo não especialmente prevenido neste contrato regulará a Lei de onze de abril de

mil novecentos e um e mais legislação applicavel, devendo tambem observar-se as deliberações tomadas em reunião dos socios desde que o sejam legalmente e lançadas no competente livro de actas.

Barcelos, 22 de Março de 1927.

a) *Porphyrio Antonio da Silca*

NOTARIO

PEDREIRA

Lindos ESTEIOS — PATÉLAS para vedações. CAPEAS para minas. Vêr e tratar na Quinta do Campo—S. Martinho de Galegos.

Engenho de bomba

Em estado de novo e de bom ferro, vende-se.

Quem o pretender queira falar nesta redacção.

Vinho tinto

De 1.ª qualidade, vende-se, em Viatodos, na quinta que foi do sr. Dr. Carlos Pinto. Quem o pretender dirija-se ao Feitor da mesma quinta.

Estabelecimento de Cabedais

DE

MANOEL VIEIRA AZEVEDO
R. D. Antonio Barrozo—Barcelos
Sempre em deposito e aos melhores preços, todos os aprestos para a confecção de calçado.

Esteios

João Loureiro Leão, de S. Martinho de Galegos, faz publico de que vende esteios, de 1.ª qualidade, por preços sem compe-

tencia.

CASAS

Vendem-se duas casas nesta vila: uma na rua Visconde de Leiria n.º 10 e a outra com quintal no Largo da Praça Velha em frente á casa do sr. Dr. Lima Torres.

Pedir informações ao procurador Correia.

VARA CIVEL DE BARCELOS
Editos de 30 dias

1.ª publicação

Correm no inventario orfanologico por obito de João Luiz da Silva, viuvo, que foi da freguesia de Oliveira, desta comarca, citando os co-erdeiros— Antonio da Silva Rodrigues e mulher—Antonio Gomes de Macedo, casado— José da Silva Rodrigues e mulher Rosalina Vicente—Joaquim da Silva Rodrigues, solteiro maior; ausentes em parte incerta do Brazil—José Maria da Silva Rodrigues e mulher, estes ausentes em parte incerta da Espanha e Avelino da Silva Rodrigues e mulher, ele ausente em parte incerta do Brazil, e ela da Espanha, e ignorando-se o nome dela.

Barcelos, 7 de Abril de 1927.

Veriliquei

O Juiz da Vara Cível

Fonseca

Publicado em 7 de Abril de 1927

João Barrêco

GARAGE LUSO BRAZILEIRA

LARGO DO T ATRO

Bons automoveis de aluguer
Acessorios para FORD
Pneus e camaras d'ar para automovel e móto
Bicicletas e accessorios

Empresa Textil de Barcelos

L I M I T A D A

Por escritura de 7 de Fevereiro de 1945 outorgada perante o notario abaixo assinado, foi constituída uma sociedade com o seguinte por cotas de responsabilidade limitada, nos termos seguintes:

1.ª A Sociedade adopta a denominação «Empresa Textil de Barcelos, Limitada», tem a sua sede e principal estabelecimento nesta cidade, rua Candido da Cunha, e por objecto a exploração da industria de malhas e passamanarias ou qualquer outro ramo de commercio ou industria que os socios deliberarem, considerando-se as operações sociais feitas nesta data e durante por tempo indeterminado.

2.ª O capital social, já integralmente realizado, é de 2.000 contos, dividido nas seguintes cotas:—Mario Campos Henriques, 360 contos;—João Duarte & Companhia, Limitada, 320 contos;—Antonio Nunes Hall, 250 contos;—Candido Gonçalves Pereira & Companhia, Limitada, 240 contos;—Dr. Francisco Torres, 200 contos;—Luiz Pichairo, 200 contos;—Oscar Algada, 160 contos;—Alberto Guimarães, 160 contos;—Pedro Vasconcelos, 90 contos e Marcelo Serrão da Veiga, 40 contos.

3.ª A divisão e cessão de cotas ficam dependentes do consentimento da Sociedade a qual fica reservado o direito de preferencia á este direito, não o exercendo a Sociedade, pertencendo aos socios individualmente e pretendendo exercer-lo mais da uma cota, será a cota dividida entre os preferentes na proporção da cota de cada um.

4.ª Parágrafo primeiro—O socio João Duarte & Companhia, Limitada, fica com direito a dividir e a ceder livremente a sua cota; o socio Dr. Francisco Torres poderá ceder toda ou parte da sua cota a favor de sua esposa ou filhos;

5.ª Parágrafo segundo—No caso de preferencia exercida pela Sociedade ou pelos socios, o preço a pagar pela cota cedida será o que lhe dever ser atribuido para efeitos de amortização nos termos do artigo 5.º.

6.ª Não serão exigidas prestações supplementares. Qualquer socio, porem, poderá emprestar á Sociedade, mediante o juro do Banco de Portugal, a quantia que se julgar indispensavel.

7.ª É permitido á Sociedade amortizar ou adquirir qualquer cota nos casos seguintes:

- a) —Por accordo;
- b) —Por falecimento ou interdição de qualquer sócio;
- c) —Quando qualquer cota seja penhorada ou arrematada ou de qualquer modo sujeita a arrematação judicial;
- d) —Quando a Sociedade assim deliberar com votação da maioria do capital, sempre com votação dos socios Campos Henriques e João Duarte & Companhia, Limitada.

8.ª Parágrafo primeiro — O preço da cota amortizada será o respectivo valor nominal acrescido da parte que lhe couber nos fundos de reserva e dos lucros provaveis em relação ao tempo decorrido desde o ultimo balanço, calculados na proporção dos lucros do ano

anterior; porem, quando se verificar a amortização no caso da alinea d) acrescerá ainda 50% do valor nominal da cota;

9.ª Parágrafo segundo — A amortização considerará-se feita desde que o socio cuja cota é amortizada dá a quitação ou desde que se mostre depositada a respectiva importância na Caixa Geral de Depósitos.

10.ª A gerencia da Sociedade fica a cargo de todos os socios e estes desempenharão as funções que lhes forem attribuidas pela Assembleia Geral. Haverá, porem, um Conselho de Administração composto de três membros, um dos quais desempenhará as funções de primeiro administrador e como tal será eleito; a cargo deste Conselho fica a gerencia superior dos negocios sociais. Os documentos que envolverem responsabilidade serão assinados por um dos administradores.

11.ª Parágrafo primeiro — Pode a Assembleia Geral conferir poderes de gerencia ou de administração a pessoas estranhas á Sociedade e, em todo o caso, o mandato dos administradores será por ella regulado;

12.ª Parágrafo segundo — Os gerentes em exercicio terão a remuneração que lhes for arbitrada pela Assembleia Geral e o primeiro administrador receberá mais a de 5% sobre o montante dos lucros liquidados apurados;

13.ª Parágrafo terceiro — Fica desde já nomeado um Conselho de Administração constituído pelos socios Mario Campos Henriques e Antonio Guilherme Nunes Hall e por Candido Gonçalves Pereira na qualidade de representante da firma Candido Gonçalves Pereira & Companhia, Limitada.

14.ª Será dado um balanço anual fecho em 31 de Dezembro. Os lucros liquidados resultantes deste balanço, depois de deduzida a percentagem legal e o mais que a Assembleia Geral deliberar, serão divididos pelos socios na proporção das suas cotas e em igual proporção serão superados os prejuizos, havendo-os.

15.ª A Assembleia Geral ordinaria reunirá num dos primeiros dias de cada anno social. A convocação dessa Assembleia e das extraordinarias será feita por cartas registadas dirigidas aos socios com oito dias de antecedencia mas este aviso poderá ser substituído por simples aviso de convocação onde figurem as assinaturas dos socios.

16.ª A morte ou interdição de qualquer dos socios não importará a dissolução da Sociedade que, salvo o caso previsto de amortização, substituirá com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdição, os quais deverão escolher de entre si um que os represente na Sociedade.

17.ª Para todas as questões emergentes deste contrato fica estipulado o foro da comarca de Barcelos.

Está conforme.

Barcelos, 1 de Fevereiro de 1945.

O Notario,
Porphirio Antonio da Silva
E' a melhor ZAMBENE do mercado, devido á qualidade do tecido REBO em toda a parte 750.000— I REOLAME da OSA A PEREIRA TO, 550.000 Telef. 8379

7.2. Anexo estatístico - Inquérito, tabelas e gráficos

Inquérito

Identificação

1. Sexo: M F

2. Idade: _____

3. Estado Civil:

Solteiro

Casado

União de Facto

Separado(a)/Divorciado(a)

Viúvo(a)

4. Naturalidade:

Freguesia: _____

Concelho: _____

Nacionalidade: _____

5. Nível de Escolaridade:

Ensino básico do 1º ciclo - 4º ano de escolaridade

Ensino básico do 2º ciclo - 6º ano de escolaridade

Ensino básico do 3º ciclo - 9º ano de escolaridade

Ensino secundário - 12º de escolaridade ou equivalente

Ensino superior - Licenciatura

Ensino superior - Pós-graduação

Ensino superior - Mestrado Ensino superior - Doutoramento

1 - Acha que deve ser criado um Museu da cidade na localidade de Barcelos?

Sim

Não

2 - O que pensa da iniciativa de se implementar o Museu da cidade de Barcelos, na casa Conde de Vilas Boas?

Muito interessante, pois será um espaço cultural para usufruto de visitantes/turistas e residentes

Interessante, porque se poderá afirmar como um produto turístico de excelência da região Norte

Nem interessante/Nem desinteressante, dado que existem outros museus em Barcelos

Pouco interessante, porque na casa poderá ser implementado outro produto cultural

Qual? _____

3 - Na sua opinião que forma organizativa deveria assumir o Museu?

Apenas um pólo central

Pólo central articulado com os outros museus

4 - Que coleções acha que deveriam figurar no Museu da Cidade?

História local

Etnologia/Etnografia

Arqueologia

Pintura

Outras? _____

5 - Do seu ponto de vista, acha que o pólo museológico e os núcleos desempenharão um papel preponderante na divulgação do património do concelho de Barcelos?

Sim

Não

Sugestões? _____

6 - Acha que este produto cultural atrairá visitantes/turistas ao concelho de Barcelos?

Sim

Não

Sugestões? _____

7 - Na sua opinião, a conceção do Museu da cidade de Barcelos trará benefícios para a comunidade local?

Sim

Não

Quais? _____

8 - Para adquirir visibilidade o produto cultural deverá ser integrado nas rotas turísticas existentes no município de Barcelos ou serem criadas outras?

Sim

Não

Sugestões? _____

9 - Acha que o museu poderá propiciar uma interligação com a área fluvial do Cávado?

Sim

Não

Sugestões? _____

Amostra de inquiridos

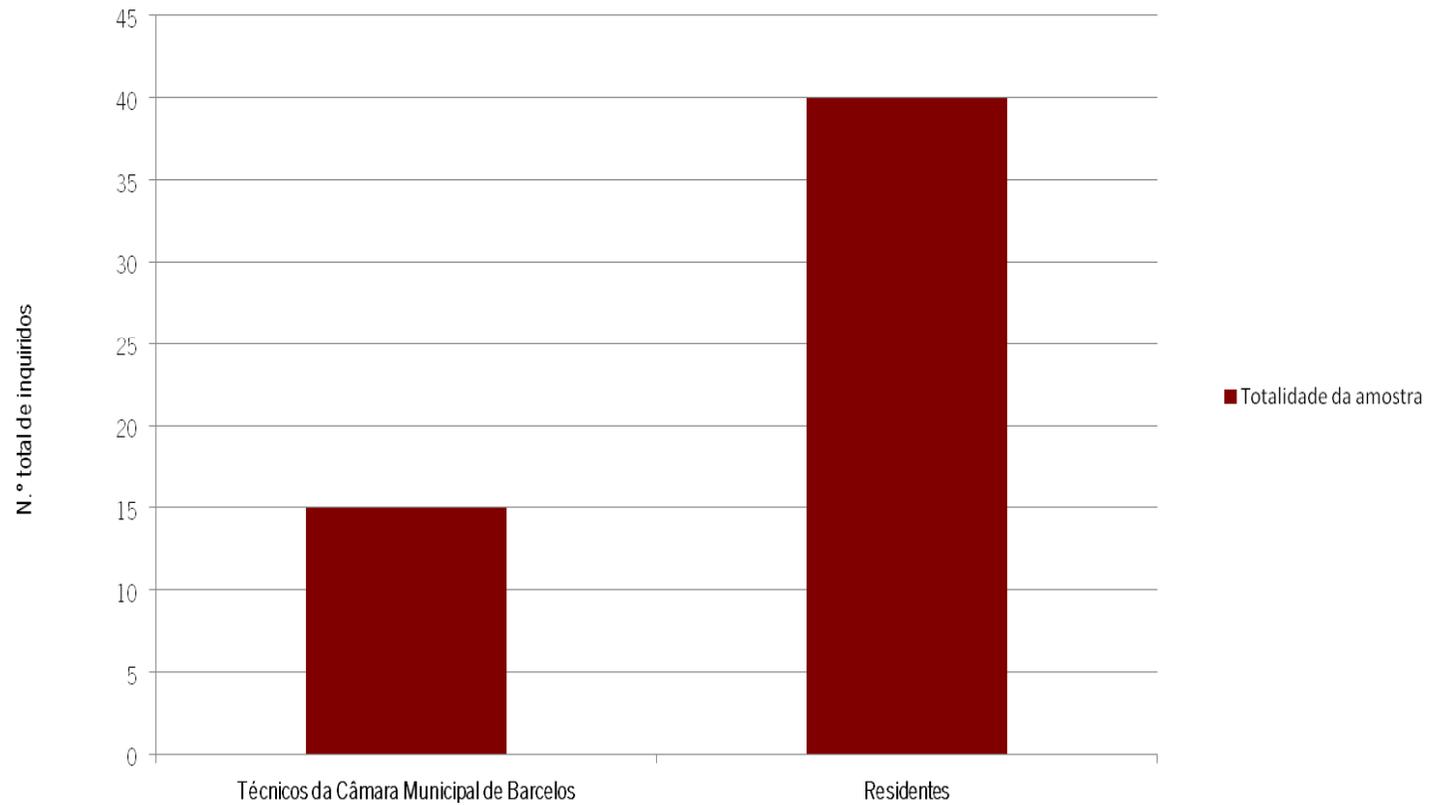


Gráfico A - Aplicação do inquérito a uma amostra de 15 técnicos e 40 residentes

Tabela de resultados 1

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	15	40
Não	0	0

Criar o Museu da cidade em Barcelos

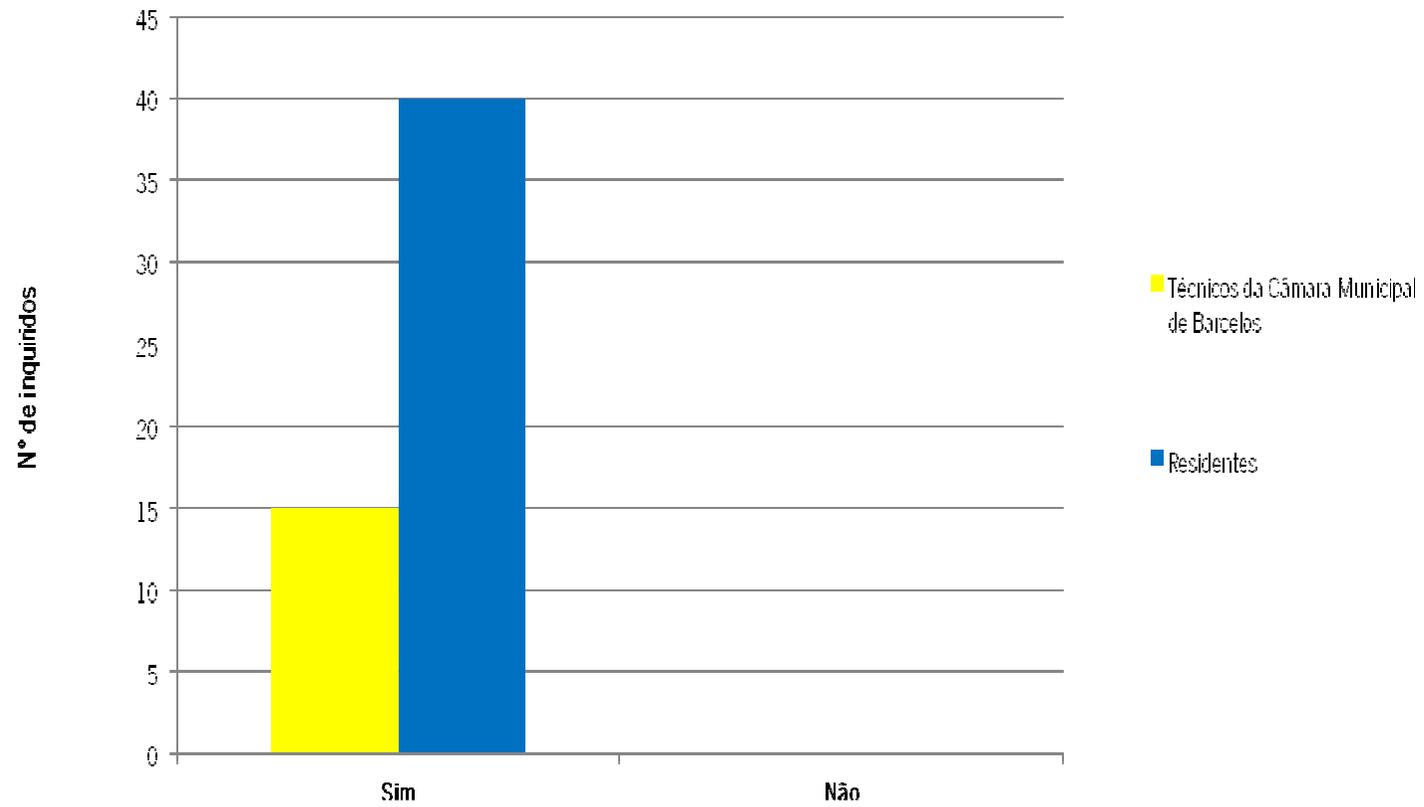


Gráfico 1 - A criação do Museu da cidade em Barcelos

Tabela de resultados 2

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Muito interessante	12	28
Interessante	3	11
Nem interessante/Nem desinteressante	0	1
Pouco interessante	0	0

Implementar o Museu da cidade, na casa Conde de Vilas Boas

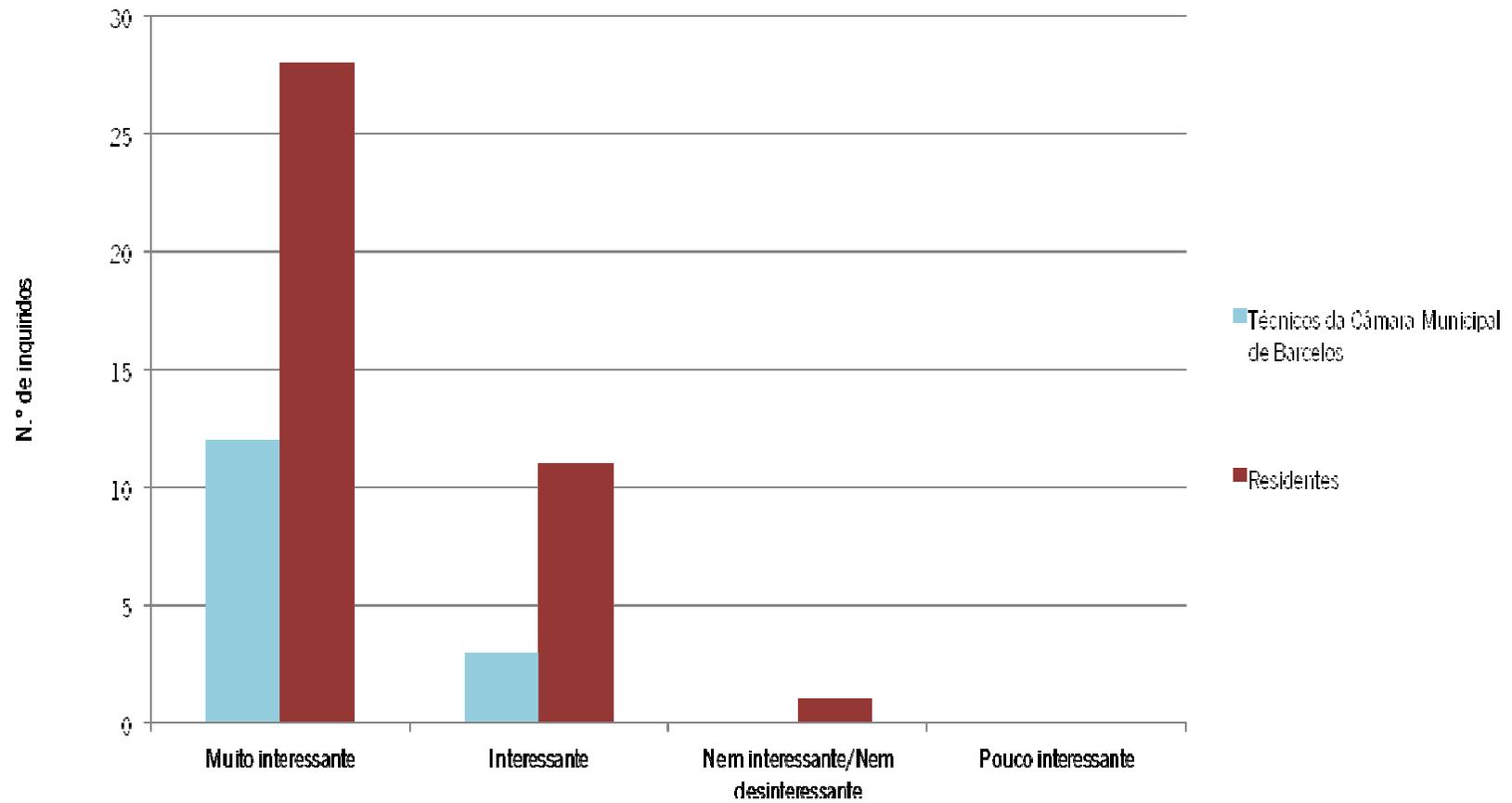


Gráfico 2 - Implementar o Museu da cidade, na casa Conde de Vilas Boas

Tabela de resultados 3

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Apenas um pólo central	2	5
Pólo central articulado com os outros museus	13	35

Forma organizativa do Museu

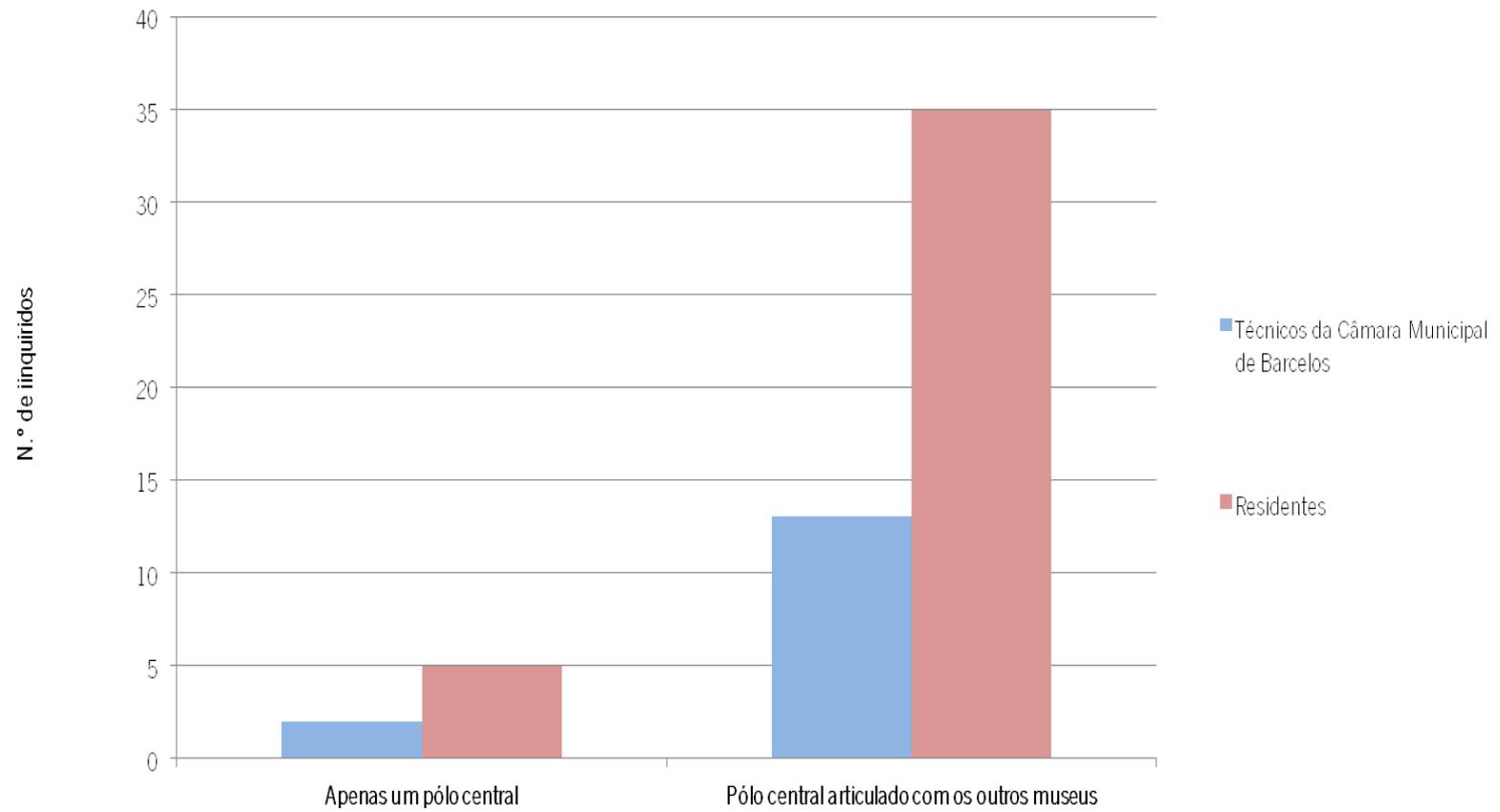


Gráfico 3 - A forma organizativa do Museu da cidade de Barcelos

Tabela de resultados 4

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Coleções de História local	2	15
Coleções de Etnologia/Etnografia	1	1
Coleções de Arqueologia	0	2
Coleções de Pintura	0	0

Figurar uma coleção no Museu da cidade

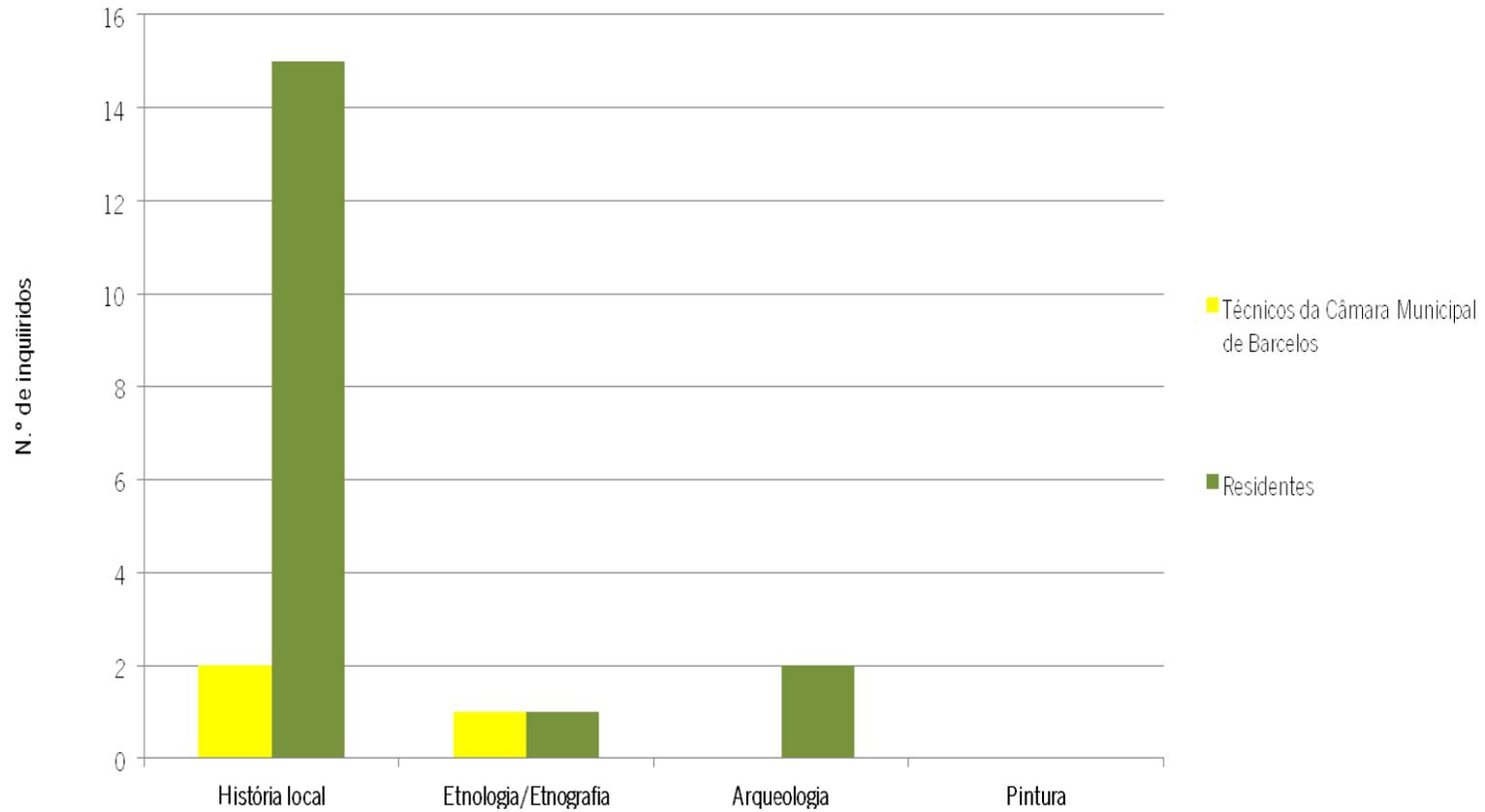


Gráfico 4 - Figurar um gênero de coleção no Museu da cidade

Tabela de resultados 4.1

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Coleções de História local e Etnologia/Etnografia	2	4
Coleções de História local e Arqueologia	1	1
Coleções de História local e Pintura	0	2
Coleções de Arqueologia e Pintura	0	1

Figurar duas coleções no Museu da cidade

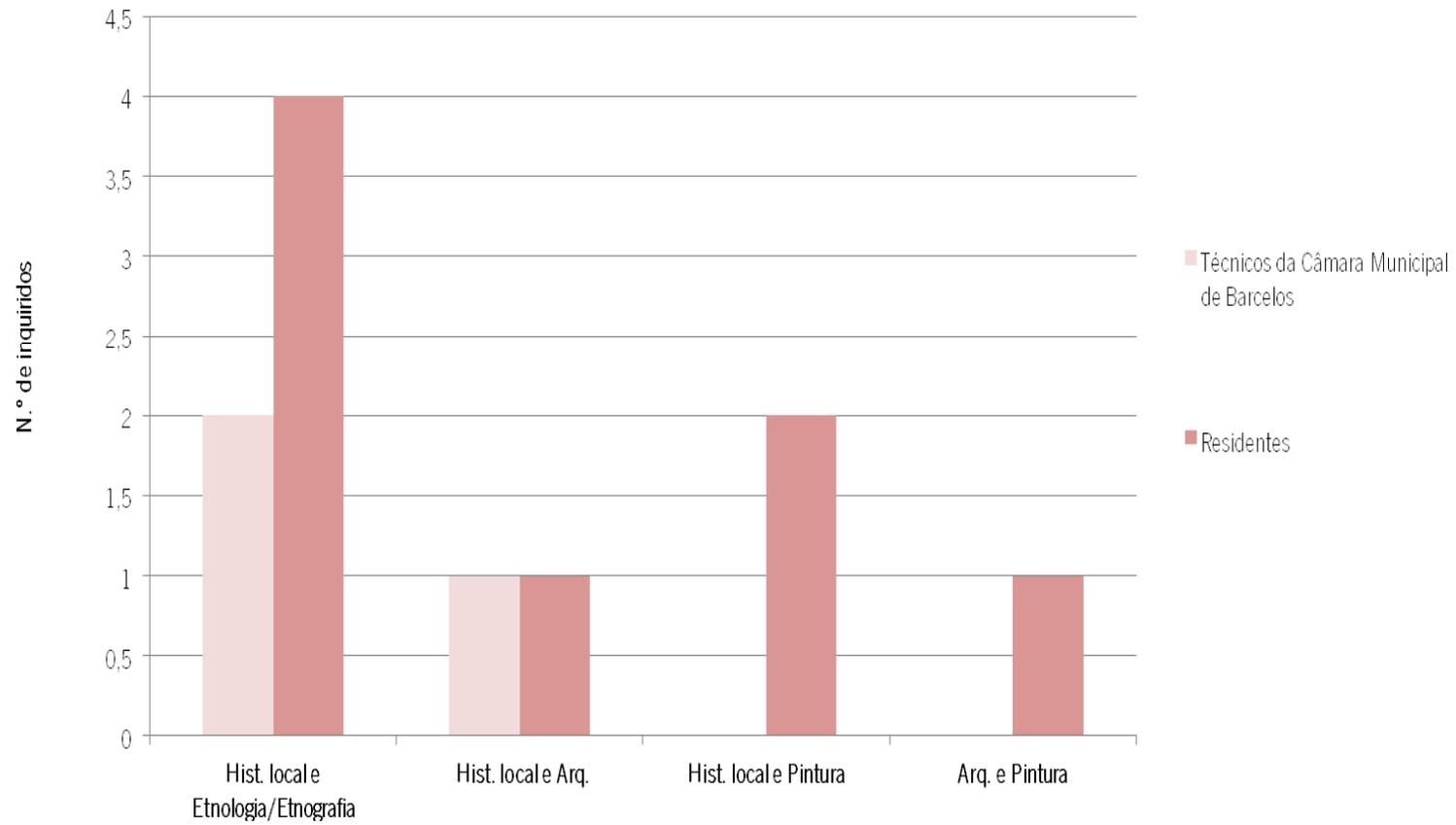


Fig. 4.1 - Figurar duas espécimes no Museu da cidade

Tabela de resultados 4.2

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Coleções de História local, Etnologia/Etnografia e Arqueologia	4	2
Coleções de História local, Etnologia/Etnografia e Pintura	2	1
Coleções de História local, Arqueologia e Pintura	0	1

Figurar três coleções no Museu da cidade

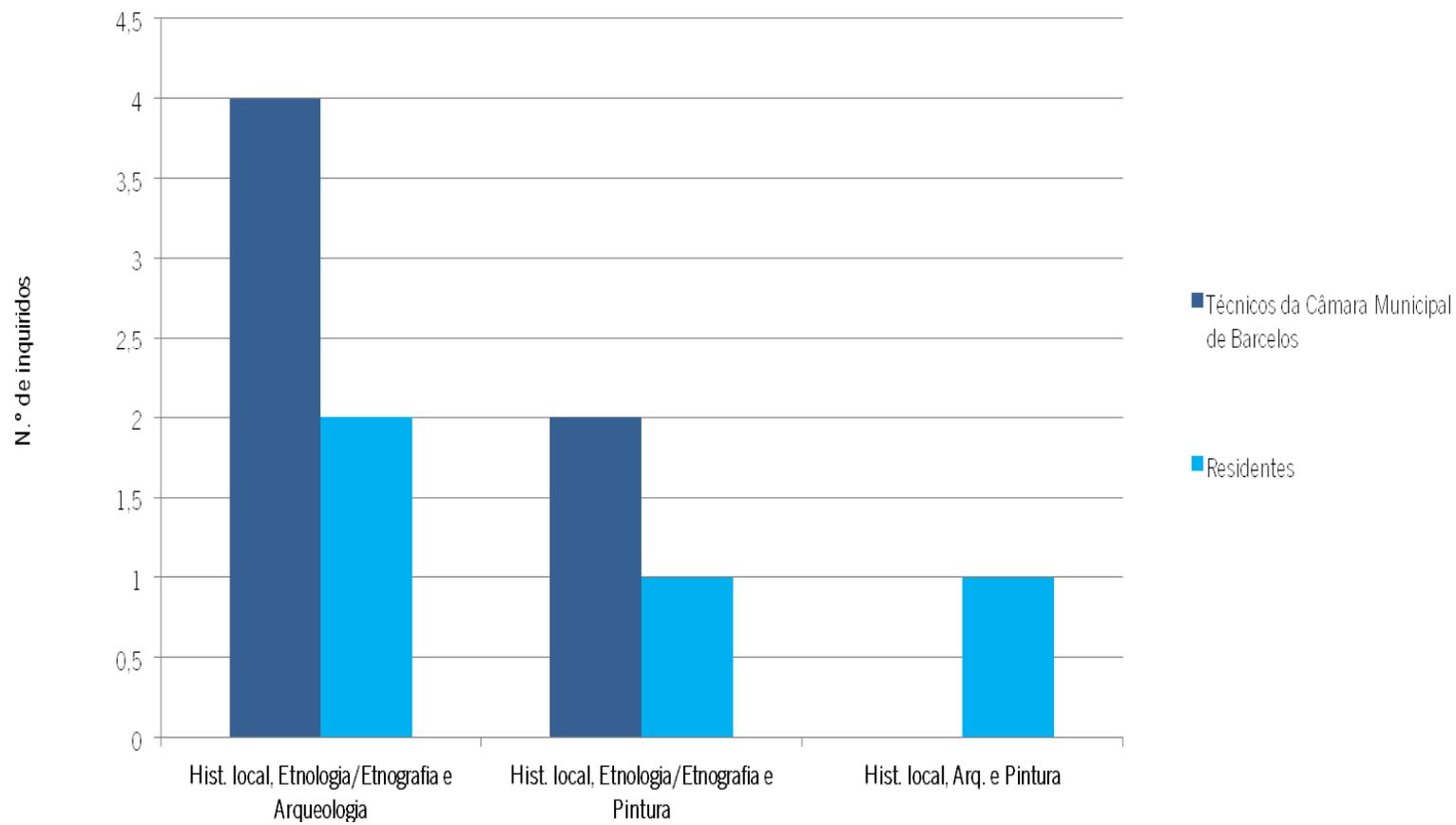


Gráfico 4.2 - Figurar três tipos de acervos no Museu da cidade

Tabela de resultados 4.3

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Coleções de História local, Etnologia/Etnografia, Arqueologia e Pintura	3	10

Figurar as quatro coleções no Museu da cidade

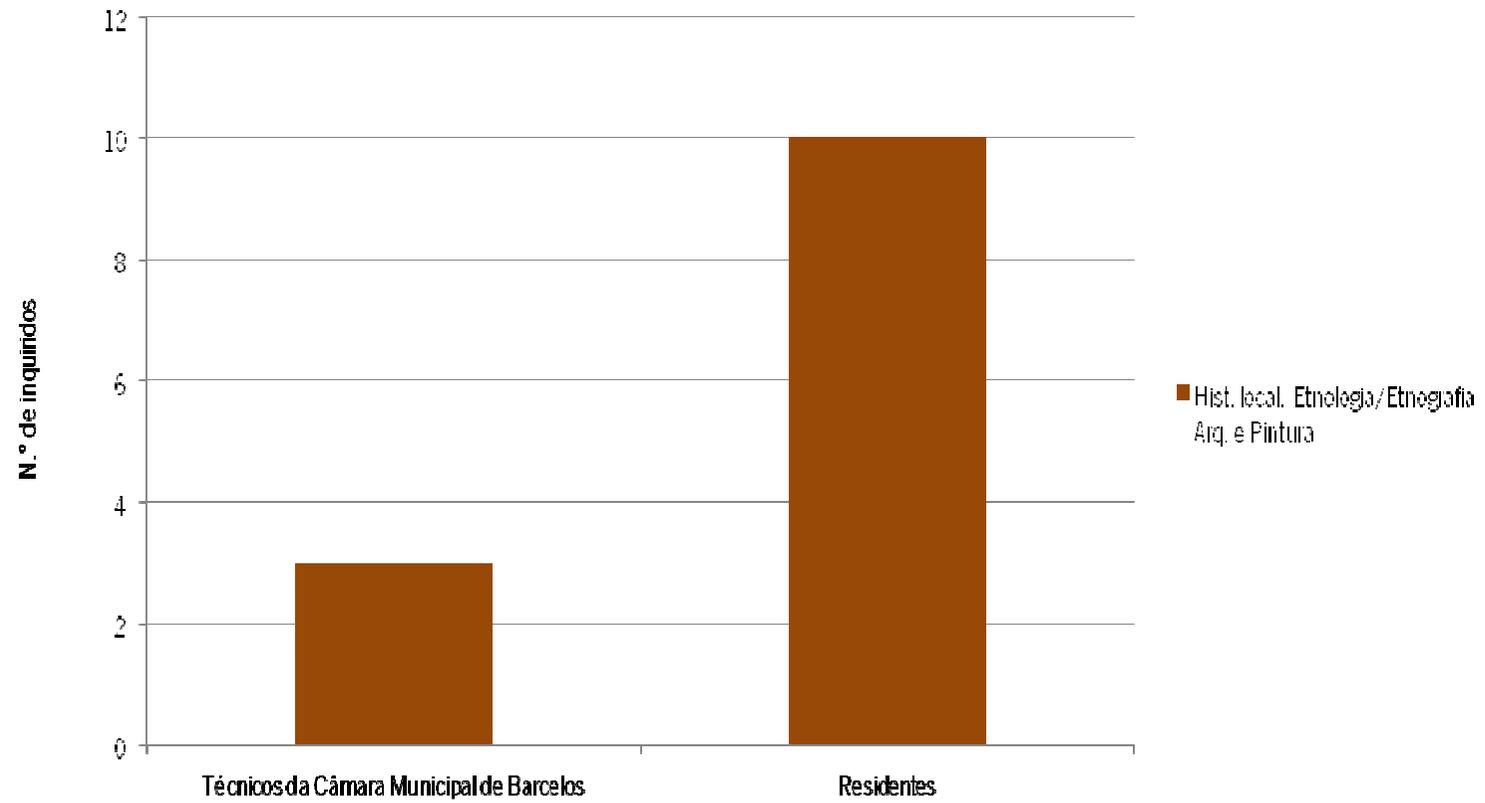


Gráfico 4.3 - Figurar quatro exemplares de coleções no Museu da cidade

Tabela de resultados 5

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	15	39
Não	0	1

Papel relevante do pólo e núcleos na divulgação do património de Barcelos

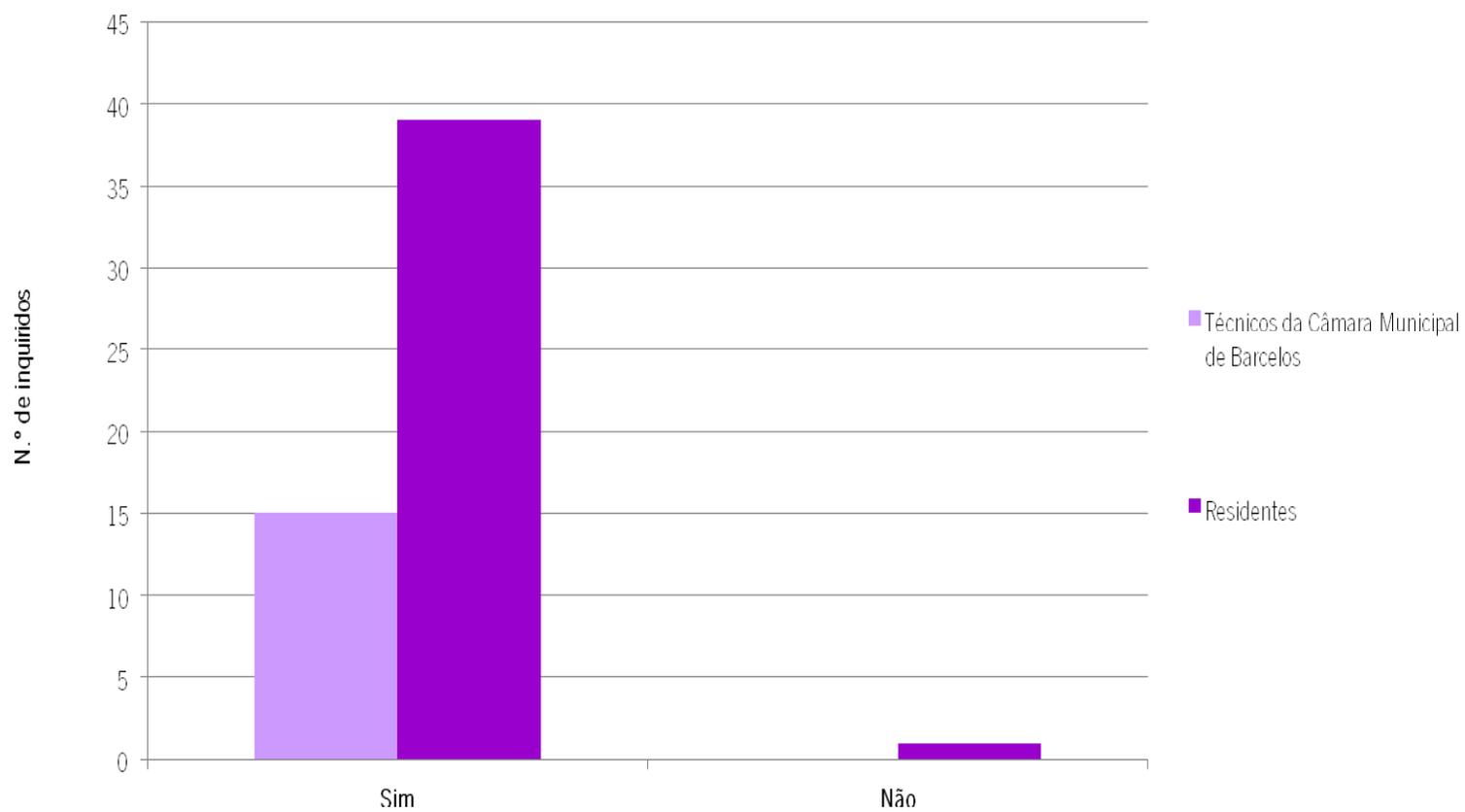


Gráfico 5 - O papel preponderante do pólo museológico e núcleos na divulgação do património de Barcelos

Tabela de resultados 6

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	15	39
Não	0	1

Produto cultural atrairá visitantes/turistas ao concelho

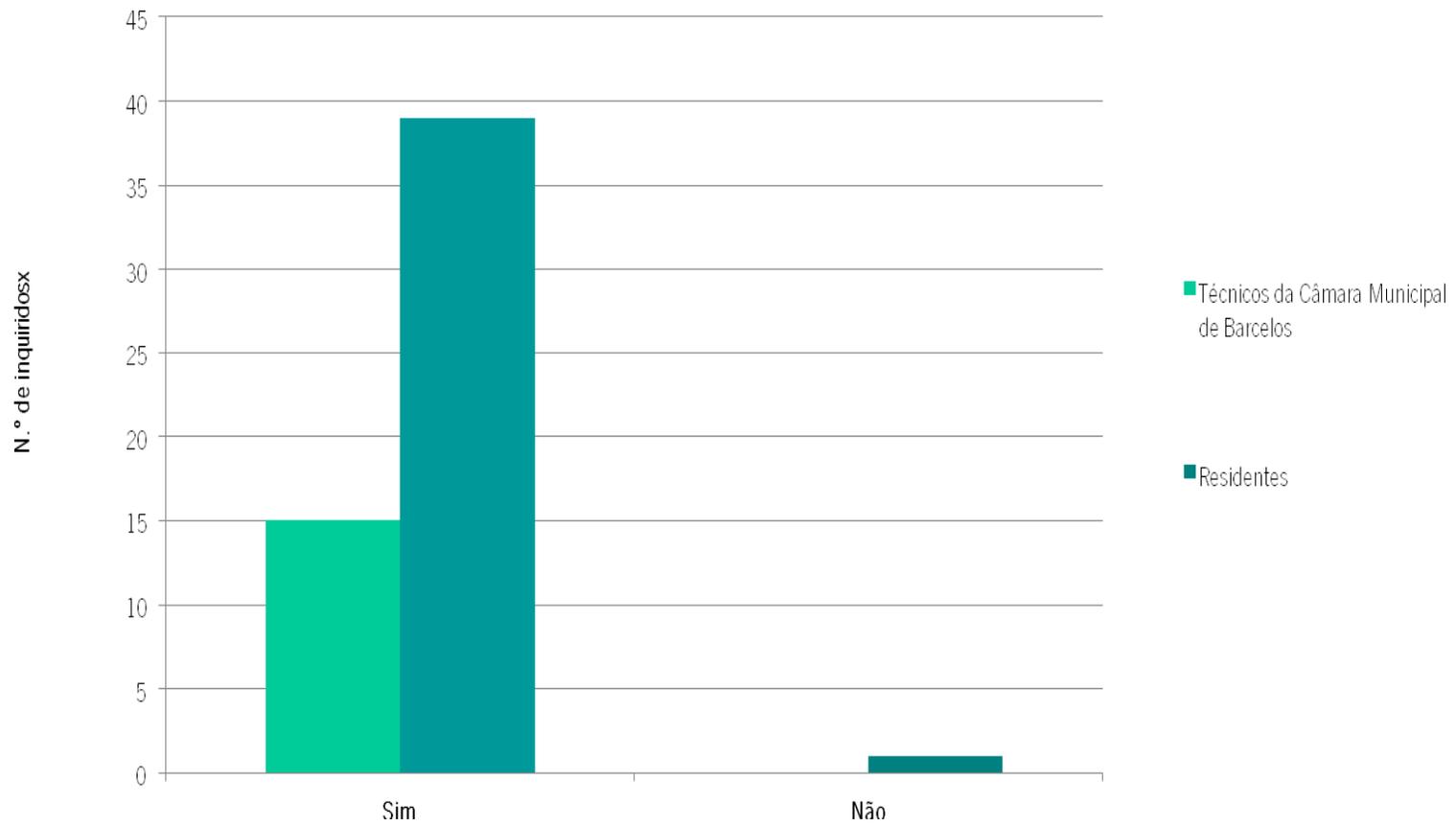


Gráfico 6 - O produto cultural atrairá visitantes/turistas ao concelho de Barcelos

Tabela de resultados 7

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	15	40
Não	0	0

Conceção do Museu trará benefícios para a comunidade local

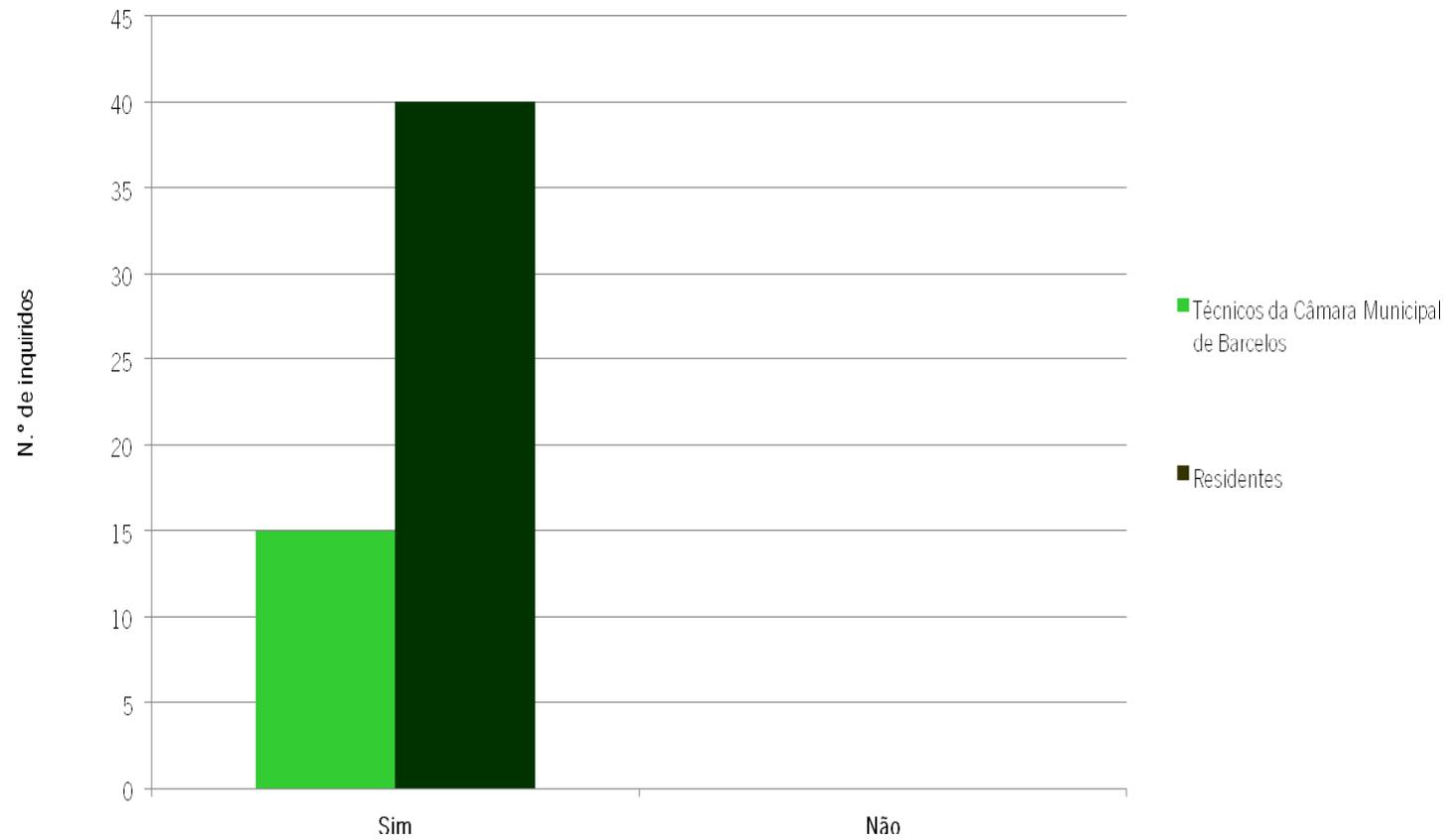


Gráfico 7 - A conceção do Museu da cidade trará benefícios para a comunidade local

Tabela de resultados 8

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	14	39
Não	1	1

Integrar o produto nas rotas turísticas de Barcelos ou criar outras

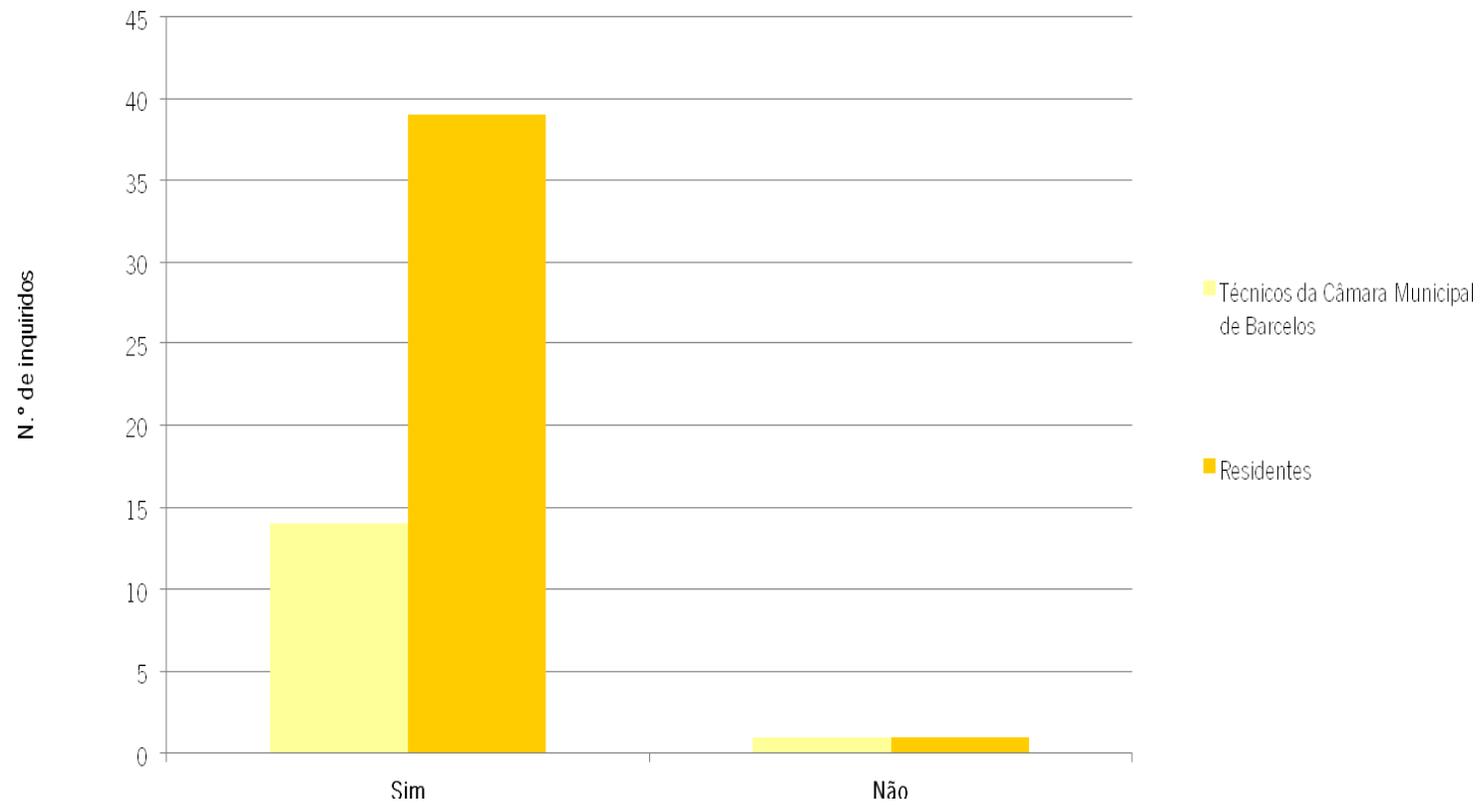


Gráfico 8 - Integrar o produto nas rotas turísticas de Barcelos ou criar outras para adquirir visibilidade

Tabela de resultados 9

	Técnicos da Câmara Municipal de Barcelos	Residentes
Sim	14	33
Não	1	7

Propiciar a interligação do museu com a área fluvial do Cávado

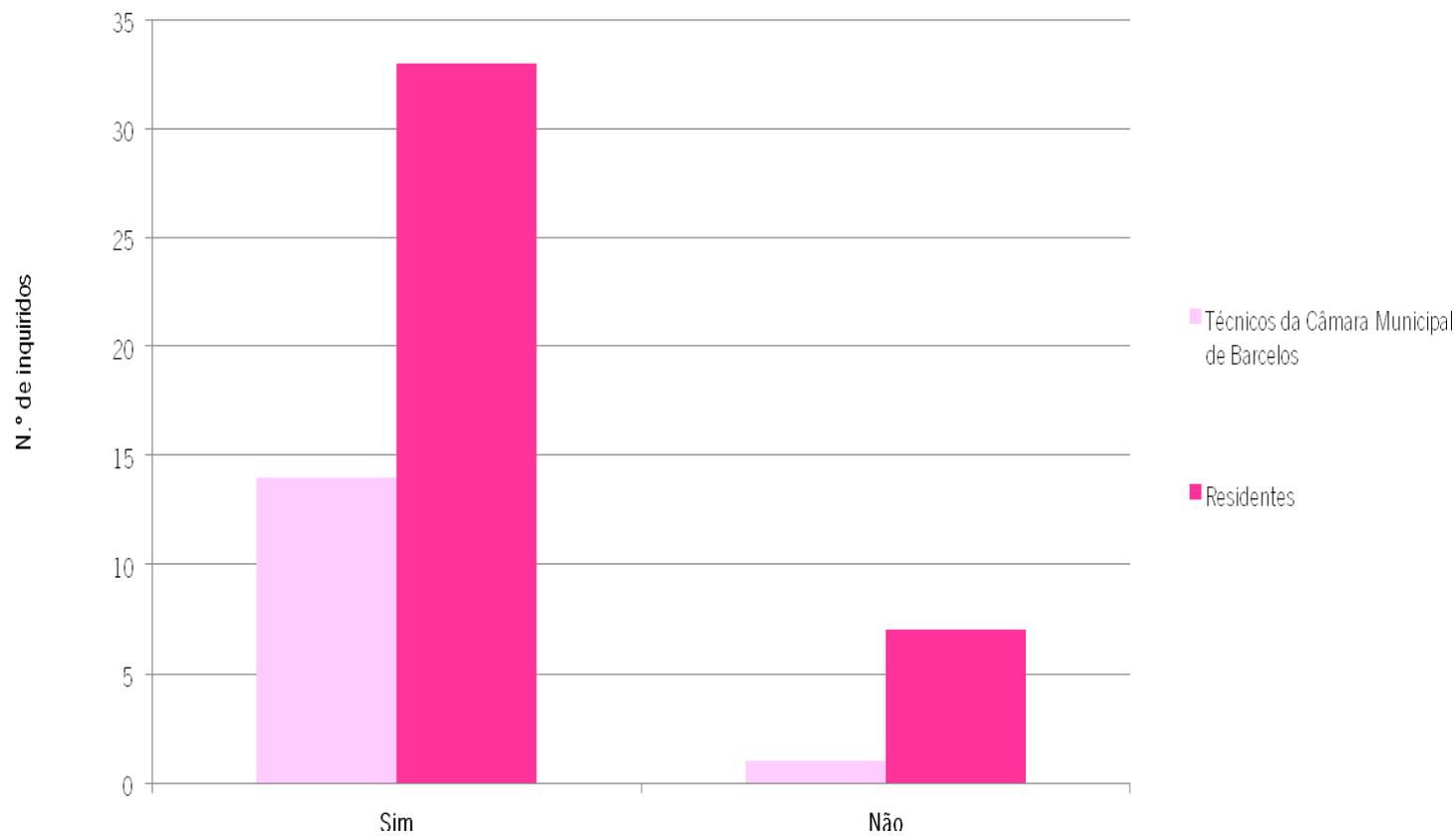


Gráfico 9 - O museu propiciará a interligação com a área fluvial do Cávado